



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ENSINO DE LÍNGUA E
LITERATURA

EDILEUZA BATISTA DE ARAUJO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA ENQUANTO ESTRATÉGIA AUXILIAR NA
QUEBRA DO CÍRCULO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A BUSCA DE
FORMAÇÃO DE LEITORES PERMANENTES**

ARAGUAÍNA (TO)
2019

EDILEUZA BATISTA DE ARAUJO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA ENQUANTO ESTRATÉGIA AUXILIAR NA
QUEBRA DO CÍRCULO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A BUSCA DE
FORMAÇÃO DE LEITORES PERMANENTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL/UFT), campus de Araguaína, como requisito parcial e final à obtenção do título de Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria da Silva Medeiros

ARAGUAÍNA (TO)
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A663c Araujo, Edileuza Batista de.
A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA ENQUANTO ESTRATÉGIA
AUXILIAR NA QUEBRA DO CÍRCULO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A
BUSCA DE FORMAÇÃO DE LEITORES PERMANENTES. / Edileuza Batista
de Araujo. – Araguaína, TO, 2019.
121 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2019.
Orientadora : Profa. Dra Valéria Da Silva Medeiros
1. Leitura. 2. Formação de leitores. 3. Leitura e transformação social. 4.
Leitura e violência na escola. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

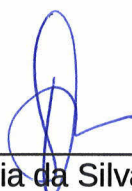
EDILEUZA BATISTA DE ARAÚJO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA ENQUANTO ESTRATÉGIA AUXILIAR NA
QUEBRA DO CÍRCULO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A BUSCA DE
FORMAÇÃO DE LEITORES PERMANENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre sob orientação da Profa. Dra. Valéria da Silva Medeiros.

Aprovada em: 30 / 08 / 2019

BANCA EXAMINADORA



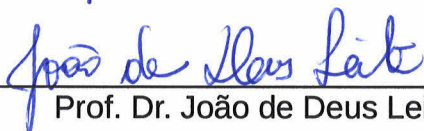
Profa. Dra. Valéria da Silva Medeiros (Orientadora)



Profa. Dra. Eliana Madureira Yunes (PUC - Rio)



Prof. Dr. Wallace Rodrigues (UFT)



Prof. Dr. João de Deus Leite (UFT)

DEDICATÓRIA

À minha mãe Maria Batista de Araujo e à minha filha Inghrid Tainá Batista de Araujo, por serem meu apoio e motivação.

AGRADECIMENTOS

Ao Poderoso Deus, pela vida, pela coragem em todos os momentos e por me segurar sempre de pé.

À Professora Doutora Valéria da Silva Medeiros, por acreditar nesse trabalho e por me proporcionar a oportunidade de concretizar esse sonho.

À minha mãe, pelo apoio, motivação, confiança e incentivo em todos os momentos;

À minha filha, pelo carinho e companhia nas noites de estudo;

À minha família, por acreditar; confiar e torcer pelo meu sucesso;

À minha amiga professora Doutora Núbia Régia de Almeida, pela atenção, dedicação e contribuições feitas a este trabalho;

Ao meu amigo professor mestre, Leomar Alves de Sousa, pela contribuição, companhia nos momentos de leitura e de organização, compreensão nas horas de desânimo;

Ao meu amigo Nilo Marinho Pereira Junior, pelo auxílio em todas as ocasiões, companhia nos estudos e parceria em publicações;

Ao meu amigo e anjo André Ricardo, grande responsável pela realização desse sonho;

À professora Dr^a Eliane Testa, pela amizade, apoio e valorosa contribuição;

A todos os colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, (PPGL);

Ao meu colega de trabalho Claudiomar, pela valiosa ajuda na formatação, e a meu primo Reinaldo Araujo pelo abstract. Sem eles teria sido mais difícil.

A todos os servidores do Colégio Estadual Campos Brasil, pelo apoio, contribuição e carinho; em especial Eliane Nunes, Maria Zilma Gabino, Nayrana França e Geovania Ribeiro.

Ao professor Dr. Wallace Rodrigues e à professora Dra Eliana Lúcia Madureira Yunes, por terem participado da minha banca de qualificação, pela leitura atenta e pelas preciosíssimas orientações que contribuíram para a melhoria do trabalho.

Ao professor Dr. João de Deus Leite, pela leitura atenta e valorosa contribuição no enriquecimento deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (PPGL);

À Secretaria Estadual de Educação/SEDUC, na pessoa da Éldi, pela boa vontade e presteza em orientar de forma clara a organização da documentação referente à concessão e à manutenção de licença para aperfeiçoamento profissional.

RESUMO

Esta pesquisa desenvolveu-se com o objetivo principal de analisar como os tipos de leitura trabalhados por uma professora, contribuíram na quebra do círculo da violência vivido por alunos de um colégio na região periférica de Araguaína/TO, e como esses tipos de leituras contribuem para a formação de leitores permanentes, e cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Os objetivos específicos foram: conhecer as abordagens teóricas a respeito da leitura nos discursos acadêmicos; analisar quais tipos de leituras trabalhados com os alunos e qual a reação deles durante as atividades; compreender a leitura como um instrumento relevante para a formação do aluno como cidadão crítico. Para este trabalho, selecionamos uma turma de oitavo ano do ensino fundamental onde estudavam alunos de idade entre 13 e 17 anos. Esta investigação trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo relato de experiência de cunho qualitativo. No decorrer do trabalho, foram analisados documentos do âmbito escolar tais como: relatórios do caderno de ocorrência (documento utilizado na escola para registro de casos de indisciplina em sala de aula), planejamentos quinzenais, relatos da professora referentes a respostas e questionários sobre as leituras utilizados no decorrer das suas aulas. O trabalho teve início com o filme: “Mãos talentosas, a história de Ben Carson”. Em seguida, foram trabalhadas as leituras: “Olhos d’água” da escritora Conceição Evaristo, “Quarto de despejo, diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus e por fim, “O estudante I”, de Adelaide Carrara. A pesquisa teve como embasamento os teóricos: Eliana Yunes (2002, 2003, 2009), Marisa Lajolo (1993), Maria Helena Martins (2006), Michele Petit (2008, 2009, 2013), Ângela Kleiman (2001), Ezequiel Theodoro da Silva (2002), Teresa Colomer (2007), Paulo Freire (1989), Jean Foucambert (1994), Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua (2003), dentre outros. Apresentamos os documentos que orientam o currículo da educação no estado do Tocantins e no Brasil, bem como nos que orientam os trabalhos desenvolvidos na escola campo como: Programa Vamos Ler! do Estado do Tocantins, PNLL; PNLE, PCN; BNCC; LDB e o PPP da escola campo. Os resultados da análise dos dados desta pesquisa constataram que os tipos de leituras trabalhados contribuíram, significativamente, para a conscientização dos alunos acerca do círculo de violência no seu contexto social, redução da violência na escola, adesão de uma grande parte dos alunos às atividades de leitura e bom desempenho nas outras atividades escolares e nas relações em seu contexto social, escolar e familiar.

Palavras-Chave: Círculo da violência na escola, Leitura, formação de Leitores permanentes.

ABSTRACT

This research was developed with the main objective of analyzing how the types of reading worked by a teacher contributed to the breaking of the circle of violence experienced by students of a college in the peripheral region of Araguaína-TO, and how these types of reading contribute to the formation of permanent readers, and critical and active citizens in society. The specific objectives were: to know the theoretical approaches about reading in academic discourses; analyze what types of readings worked with students and their reaction during the activities; understand reading as a relevant instrument for the student's formation as a critical citizen. For this work, we selected an eighth grade elementary school where students aged 13 to 17 years old were studied. This research is a descriptive research of the type of qualitative experience report. During the course of the work, we analyzed documents from the school environment such as: reports of the occurrence book (document used at school to record cases of indiscipline in the classroom), biweekly planning, reports of the teacher concerning answers and questionnaires about the readings used during their classes. The work began with the film: "Talented Hands, Ben Carson's Story". Then, the readings: "Eyes of water", by the writer Conceição Evaristo, "Eviction Room, Diary of a Slum", by Carolina Maria de Jesus and finally, "The Student I", by Adelaide Carrara. The research was based on theorists: Eliana Yunes (2002, 2003, 2009), Marisa Lajolo (1993), Maria Helena Martins (2006), Michele Petit (2008, 2009, 2013), Ângela Kleiman (2001), Ezequiel Theodoro da Silva (2002), Teresa Colomer (2007), Paulo Freire (1989), Jean Foucambert (1994), Miriam Abramovay and Maria das Gracias Rua (2003), among others. We present the documents that guide the education curriculum in the state of Tocantins and Brazil, as well as those that guide the work developed in the field school such as: Let's Read Program! from the state of Tocantins, PNLL; NLP, NCP; BNCC; LDB and the PPP of the field school. The results of the data analysis of this research found that the types of readings worked contributed significantly to the students' awareness about the circle of violence in their social context, reduction of violence in school, adherence of a large proportion of students to reading activities and good performance in other school activities and relationships in their social, school and family context.

Keywords: Circle of violence in school, Reading, formation of permanent readers.

LISTA DE ABREVIATURAS

PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
PNLE	Política Nacional de Leitura e Escrita
PPP	Projeto Político Pedagógico
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
SNBP	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
SNC	Sistema Nacional de Cultura
PEE	Plano Estadual de Educação
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE A LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES ...	19
2.1 Concepções de leitor e leitura.....	20
2.1.1 Leitura literária	25
2.1.2. Leitura e alfabetização	29
2.1.3 Leitura no ensino fundamental II-Leitura na adolescência	32
2.1.4 Leitura no ensino Médio: a Leitura e os jovens	35
2.2 Leitura em tempos de tecnologia	38
2.3 Leitura e interdisciplinaridade	41
3 A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	44
3.1 Leitura e cidadania	49
3.2 Políticas públicas de acesso ao livro e a leitura no Brasil	53
3.2.1 Plano Nacional do Livro e da Leitura- PNLE	53
3.2.2 Plano Nacional do Livro e da Leitura- PNLL	54
3.3 O ensino da leitura na rede pública do Tocantins	55
3.3.1 Programa de incentivo à leitura na rede estadual de ensino do Tocantins	56
3.3.2 A leitura no PPP da escola-campo	58
3.4 Leitura e violência na escola.....	60
3.5 Leitura e contexto social	63
3.5.1 Interação entre leitor, contexto social e leitura	67
3.6 O contexto da pesquisa e o ensino da leitura	69
3.6.1 Contexto familiar dos participantes da pesquisa	72
4 A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA NA QUEBRA DO CÍRCULO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA	77
4.1 Delimitando espaço da pesquisa: aspectos da escola-campo	77
4.2 Problemas externos que atingem diretamente a unidade escolar	78
4.2.1 O círculo de violência que envolve os participantes da pesquisa	80
4.3 Análise dos dados da pesquisa	81

4.3.1 Caderno de ocorrência por série	82
4.3.2 Perfil dos alunos da turma pesquisada	85
4.4 A professora: o início de tudo	88
4.4.1 A tomada de atitude	90
4.4.2 As leituras utilizadas pela professora	93
5 Considerações finais	106

1 INTRODUÇÃO

A leitura é como a memória, uma prática que dribla o esquecimento e provoca o discreto e ainda contribui pra imprimirmos uma marca pessoal e política a nossos atos e qualidade à nossa assinatura. (YUNES,2009, p. 26).

Incentivar a prática da leitura é uma preocupação no ambiente escolar brasileiro. Independente de qual região da cidade onde esteja localizada a escola, no centro ou na periferia, sempre há muitos entraves a serem vencidos no trabalho com a formação de leitores.

De fato, os desafios encontrados por professores e por mediadores de leitura em nosso país são diversos, desde questões de estrutura física das escolas, falta de bibliotecas e de acervos adequados, até questões referentes ao contexto socioeconômico de cada estudante. Apesar de algumas questões estarem além dos muros da escola, elas acabam adentrando o ambiente escolar por meio dos seus alunos.

Os obstáculos também surgem desde a educação infantil até a conclusão do ensino básico, e, em muitos casos, persistem até o ensino superior. No Brasil, o que se percebe é que “a pedagogia da leitura na escola não tem logrado grandes êxitos na criação de leitores permanentes” (YUNES, 1995, p.190). Porém, é preciso encontrar meios para que essa situação seja revertida, e a escola possa oferecer aos seus alunos tudo o que eles têm direito, dentre esses direitos, está o acesso a uma formação capaz de prepará-los para serem cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

Não se trata somente de querer encontrar uma função social para a leitura, ou usá-la como doutrinação, mas, sim, de proporcionar aos alunos, principalmente os de camadas populares, cujo acesso se mostre frágil, a oportunidade de repensar suas atitudes a partir da experiência vivida com a leitura.

É importante também, que os alunos conheçam melhor a si próprio e, acima de tudo, compreendam que eles têm um lugar na sociedade e que podem ser capazes de mudar sua realidade de vida, fazendo as escolhas que sejam melhores para eles e suas famílias.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como os tipos de leitura trabalhados em um turma de oitavo do ensino fundamental influenciaram na quebra do círculo da violência vivido por alunos de um colégio na região periférica de Araguaína/TO e como esses tipos de leituras contribuem para a formação de leitores permanentes e, conseqüentemente, cidadãos mais críticos.

Ainda compõem os objetivos deste trabalho: conhecer as abordagens teóricas a respeito da leitura nos discursos acadêmicos; analisar quais tipos de leituras trabalhados com os alunos

e como eles reagiram no decorrer de cada atividade realizada pela professora, especialmente os alunos que vivem em contexto de violência; compreender a leitura como um instrumento relevante para a formação do aluno como cidadão crítico e analisar se os tipos de leitura trabalhados no decorrer das aulas contribuíram para que o aluno apresente asse mudanças significativas no seu comportamento, principalmente na escola.

Nesta pesquisa, também serão analisados documentos do âmbito escolar, tais como: relatórios do caderno de ocorrência (documento utilizado na escola para registro de casos de indisciplina em sala de aula), planejamentos quinzenais da professora de Língua Portuguesa, relatos da professora referentes a respostas a questionários sobre as leituras utilizados no decorrer das suas aulas.

Esta pesquisa tem como principal objeto de análise os relatos produzidos pela professora pesquisadora durante sua atuação como docente na escola onde foi realizada a pesquisa. A opção por utilizar apenas os relatos da professora-pesquisadora deu-se por aspectos éticos, uma vez que uma pesquisa que envolve pessoas como fonte de dados necessita da devida autorização do comitê de ética em pesquisa da devida instituição onde a pesquisa está vinculada.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é composto por um grupo de profissionais que estão trabalhando para garantir que os direitos das pessoas que porventura participarem da pesquisa sejam resguardados. O CEP tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Os trâmites burocráticos e a falta de autorização em tempo hábil para utilizar dados oriundos dos próprios alunos e outros professores nos levou a limitar toda a nossa análise nos relatos da professora-pesquisadora.

Esta pesquisa refere-se a um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, de acordo com Gil (1991 *apud* SILVA 2005, p. 21):

Pesquisa Descritiva: visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento. (GIL, 1991, *apud* SILVA, 2005, p.21).

É importante destacar que a experiência realizada pela professora-pesquisadora também foi desenvolvida por outros profissionais desta mesma escola e estes também obtiveram êxito. Essa experiência despertou os profissionais para ampliar sua visão do trabalho na escola, principalmente com relação ao incentivo à prática da leitura. Os resultados com esse tipo de trabalho são vistos a longo prazo e de forma gradativa, mas, eles surgem e são valiosos para toda a sociedade.

Sendo assim, esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois visa abordar o mundo “lá fora” (e não em contextos especializados de pesquisa, como nos laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais “de dentro” de maneiras diferentes [...]. A pesquisa de campo de “cunho qualitativo leva a sério o contexto e os casos para entender uma questão em estudo” (GIBBS, 2009, p. 8).

A pesquisa com abordagem qualitativa está envolvida com o trabalho de obtenção de dados descritivos. “Os estudos descritivos [...] favorecem na pesquisa [...] as tarefas da formulação clara do problema e da hipótese como tentativa de solução” (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 61). No caso desta pesquisa, o ambiente escolar e a sala de aula oferecem elementos que foram analisados criteriosamente.

A elaboração desta pesquisa levou em consideração as seguintes hipóteses: uma parte dos alunos de uma escola da periferia de Araguaína não valorizava as atividades de leitura por falta de motivação e por não compreender como essa prática poderia fazer sentido para a vida deles. Os professores não se sentiam motivados a trabalhar a leitura com ênfase na formação do leitor permanente e crítico por não acreditarem que tal prática fosse relevante para alunos que vivem em situações adversas.

A formação de leitores era compreendida somente como algo intrínseco ao ensino dos conteúdos atrelados à língua portuguesa, e as atividades tinham apenas a finalidade de resolver exercícios propostos pelo professor. A violência vivida pelos alunos dessa escola, principalmente os da sala onde realizamos a pesquisa, exercia um forte impacto na evolução de atividades que envolviam a prática de leitura. E muitas vezes os tipos de leitura trabalhados na sala de aula não eram vistos como algo que poderia ajudar na quebra do círculo de violência na escola.

A partir dessas hipóteses, mobilizamos fatores que viabilizassem a constatação ou não desses fatos diante da atual situação vivida pela escola-campo. É importante esclarecer que essa investigação trata de uma situação específica, onde o trabalho baseado na seleção de tipos de leituras específicos geraram resultados positivos no comportamento e no desenvolvimento da aprendizagem de um grupo de alunos.

Esse trabalho foi proposto por compreender que a escola, também, é o ambiente cuja função é preparar o aluno para ser consciente do seu papel na sociedade. Acreditamos que a leitura pode impactar na vida desses estudantes de forma positiva. Desse modo, é preciso articular ações que contribuam para despertar o gosto pela prática da leitura e o senso crítico, visando a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, baseando-se na prática

permanente da leitura, e, ainda, trazer reflexões acerca da violência que ainda representa uma dificuldade vivenciada e enfrentada pelos educadores no âmbito das escolas.

Acreditamos que esta pesquisa seja importante para o campo científico, pois apresenta reflexões sobre a importância da leitura e a formação de leitores, bem como sobre a transformação social de alunos em situação de risco; além da importância de determinados tipos de leitura nesse processo de introdução deles em uma cultura letrada.

A escolha pelas atividades realizadas no oitavo ano do ensino fundamental dessa escola deu-se por ser composta por um grupo de alunos que, constantemente, eram levados à orientação educacional por indisciplina na sala de aula. E com esse tipo de comportamento, todos os alunos estavam sendo prejudicados. O rendimento da aprendizagem da turma era baixo, e os professores tinham muita dificuldade em ministrar suas aulas.

É importante ressaltar, que em instituições escolares inseridas em contextos marginalizados, antes de lançar mão de estratégias para o incentivo à leitura, precisa-se conhecer as situações vividas por seus alunos e ter-se objetivos claros com relação ao trabalho que se pretende realizar com eles.

É necessário considerar que :

As escolas não ficam isoladas do contexto social uma vez que, realmente, estão muito próximas das famílias e da sociedade. A escola para lembrar Louis Althusser, é o principal aparelho ideológico do Estado. As boas experiências de superação da violência escolar sairão, pois, do interior dos próprios estabelecimentos de ensino (MARTINS, 2008, p. 2).

Desse modo, um trabalho de formação de leitor jamais pode desconsiderar o contexto de seus envolvidos, pois tudo acontece em seus contextos socioculturais, refletindo também dentro da escola. O objetivo é contribuir com a sociedade, no sentido de transformá-la para melhor por meio dos cidadãos que a escola prepara.

Após uma observação feita pela própria professora-pesquisadora, esses alunos tinham algo em comum: conviviam diariamente em suas residências ou no bairro, com situações decorrentes de algum tipo de violência como o tráfico de drogas, assaltos, assassinatos e até conflitos familiares de vários aspectos, como por exemplo, discussões entre pais e irmãos.

Esses alunos também não demonstravam interesse por nenhuma disciplina, e o problema era maior quando a professora propunha atividades que envolviam leitura, principalmente de livros clássicos da literatura brasileira. Eles acabavam desviando a atenção para conversas paralelas que muitas vezes geravam alguns tipos de conflitos na sala.

Com intuito de buscar amenizar essas questões e, também, contribuir para evitar que esses alunos fossem envolvidos em um círculo de violência, a professora tomou a iniciativa de trabalhar leituras que estivessem próximas da realidade deles. Os resultados foram exitosos e motivaram a realização desta pesquisa.

Após propor algumas leituras sem sucesso, a docente resolveu trabalhar um tipo de leitura diferente das que haviam sido propostas anteriormente e percebeu que essa estratégia de leitura despertou o interesse dos alunos. A partir disso, eles passaram a se envolver com as atividades propostas em sala e apresentaram uma mudança significativa em seu comportamento.

O trabalho da professora teve início com apresentação do compacto do filme: “Mãos talentosas, a história de Ben Carson” (Estados Unidos da América, 2009). O filme contribuiu para provocá-los a refletir sobre a importância da escola e sobre o impacto da leitura na vida de quem a pratica. Em seguida, foram trabalhadas as seguintes leituras consecutivamente: “Olhos d’água”, da escritora Conceição Evaristo (conto), “Quarto de despejo, diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus (autobiografia) e por fim, “O estudante I” (Romance), de Adelaide Carraro.

A atitude da professora e tudo o que o trabalho dela representou na vida desses estudantes, a experiência da pesquisa nesse mesmo ambiente e a ciência da realidade enfrentada pela instituição escolar e seus profissionais, também contribuíram para a realização deste trabalho.

As ponderações e as reflexões desenvolvidas na execução deste trabalho estão embasadas nas pesquisas e em estudos de Eliana Yunes (2002, 2003, 2009), de Marisa Lajolo (1993), de Maria Helena Martins (2006), de Michele Petit (2008, 2009, 2013), de Ângela Kleiman (2001), de Ezequiel Theodoro da Silva (2002), de Vera Maria Tietzmann Silva (2009), Leffa, (1996), de Teresa Colomer (2007), de Paulo Freire (1989), de Jean Foucambert (1994), de Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua (2003), dentre outros. A pesquisa também está embasada nos documentos oficiais que orientam o currículo da educação no estado do Tocantins e no Brasil, bem como nos que orientam os trabalhos desenvolvidos na escola campo.

No que se refere aos documentos e as leis que amparam a leitura e a formação do leitor, tanto estadual como nacional, recorreremos ao Programa Vamos Ler! do Estado do Tocantins, Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Leis de Diretrizes e Bases da educação (LDB) , e o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola campo

que subsidiaram esse trabalho, dando-lhe sustentabilidade para abordar questões inerentes ao tema dessa pesquisa e ampliar nossa discussão.

O trabalho está dividido da seguinte forma: Introdução, de acordo com as normas técnicas da Universidade Federal do Tocantins recebe a numeração de primeiro capítulo; em seguida apresentamos mais três capítulos, e as considerações finais. No segundo capítulo, apresentamos as abordagens teóricas sobre leitura e formação de leitores no Brasil, seguido de algumas concepções de leitura. Nesse capítulo também discorremos sobre a leitura na alfabetização que, concomitante, refere-se também à leitura na infância, e ainda abordamos a leitura na segunda fase do ensino fundamental ou na adolescência, bem como a leitura no ensino médio ou leitura na juventude.

Em continuidade a esse capítulo, discorremos sobre leitura em tempos de tecnologia, que é um assunto que ainda merece ser refletido dentro das escolas, e a relação entre leitura e interdisciplinaridade. No capítulo seguinte abordamos a leitura como instrumento de transformação social e o papel da escola no processo de formação de leitores permanentes e conscientes.

Esse capítulo versa, ainda, sobre questões como: a leitura e o contexto social, a interação entre leitor, contexto social e leitura, o contexto da pesquisa e o ensino da leitura, contexto social dos participantes da pesquisa. As seções se desdobram no decorrer do capítulo com intuito de inserir nosso tema de forma direta, pois toda essa investigação é sustentada pela relevância do contexto de seus participantes e sua transformação sócio comportamental mediante atividades realizadas com tipos de leitura mais próximas da realidade dos estudantes.

Nesse capítulo, também apresentamos uma seção que trata diretamente da leitura como instrumento de cidadania, seguida da apresentação dos programas e planos estaduais e nacionais voltados para a ampliação e a democratização do acesso ao livro, às bibliotecas e à leitura. O Projeto Político Pedagógico da escola-campo é abordado por estar em consonância com esses programas e planos apresentados anteriormente.

No último capítulo, buscamos aprofundar questões já discutidas na trajetória dessa investigação, além de analisar os dados obtidos pela professora-pesquisadora a partir de documentos observados, como por exemplo: questionários utilizados durante as aulas. Discorremos também sobre a influência da prática da leitura na quebra do círculo de violência na escola.

No âmbito dessa discussão, delimitamos o espaço da nossa pesquisa, apresentando a escola-campo e enfatizando os problemas externos que atingem diretamente essa unidade

escolar. Tal ênfase foi necessária pelo fato de a escola ser uma instituição que não está isolada do restante da sociedade, antes, porém, reflete muito das complexas relações que acontecem na sociedade. Desse modo, reservamos uma seção para identificar o círculo de violência que envolve os alunos da série selecionada pela professora-pesquisadora para a realização desta investigação.

Ainda nesse capítulo apresentamos de forma detalhada as leituras utilizadas pela professora-pesquisadora na execução de seu trabalho, assim como os efeitos e os resultados obtidos. A mudança dos alunos foram constatadas a partir da observação da professora-pesquisadora e com a diminuição dos relatórios no caderno de ocorrência, a participação deles nas atividades propostas pelos professores e a aprovação em cada bimestre e, por fim, a aprovação para a série seguinte.

Finalizamos o nosso trabalho apresentando os dados e os resultados da pesquisa por meio dos elementos de análise como o caderno de ocorrência por série que mostram como os tipos de leituras selecionados pela professora contribuíram para uma mudança de comportamento nas relações entre os alunos durante as aulas. Esses fatores são sustentados pelas respostas extraídas de atividades em sala apresentadas pela professora-pesquisadora.

Sendo assim, os relatos da professora-pesquisadora são a comprovação de um trabalho realizado de forma séria que logrou êxito durante um ano letivo em uma escola da periferia da cidade de Araguaína-Tocantins. Todos esses fatores configuram a contribuição da leitura na diminuição da violência em sala de aula e o desenvolvimento na aprendizagem do aluno.

2 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE A LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES NO BRASIL.

“Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas, os livros mudam pessoas.”

(Mário Quintana)

Neste capítulo, discutimos o tema “leitura” em todos os níveis escolares com intuito de compreendermos o modo como é realizado o trabalho de formação de leitor no decorrer de sua vida escolar. Não abordaremos a questão da formação de leitor na família por não contemplar os objetivos propostos nesta pesquisa.

Abordamos o assunto Leitura e Alfabetização (decodificação), visando discutir como o termo leitura é compreendido nessa fase considerada tão importante no que tange também à formação do leitor, e para compreendermos a importância da leitura no primeiro momento da vida da criança na escola.

O Ensino Fundamental é uma etapa primordial, principalmente quando tratamos do assunto leitura e formação de leitor, por isso, a leitura nessa fase também será objeto de discussão no decorrer do capítulo. O Ensino Médio é a fase onde se espera que o aluno já tenha uma maturidade para determinadas assimilações com relação à leitura. Nessa etapa os interesses e preferências pela leitura já possuem um significado maior, uma vez que são cobrados em avaliações externas, a exemplo do ENEM, e outras avaliações similares.

No decorrer do capítulo, em momentos oportunos, discutimos também como a leitura é priorizada nos documentos oficiais que direcionam os trabalhos nas escolas de nosso país e em nosso Estado. Desse modo, apresentamos as concepções de leitura contidas nos documentos oficiais da educação brasileira como PCNs, Diretrizes curriculares e a recente BNCC.

Tomamos como concepção de leitura uma prática que vai além das atividades impostas na escola simplesmente para realização de tarefas em sala. Compreendemos que a leitura influencia diretamente na formação do cidadão e a conscientização do seu papel na sociedade. Para explicitar de forma mais clara, recorreremos à pesquisadora Marisa Lajolo (1993), que nos certifica que:

“(...) lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”. (LAJOLO, 1993, p.7).

Nesse sentido, concebemos a leitura, como uma prática que pode contribuir para a melhoria de vida do cidadão, tornando-o uma pessoa mais segura, conhecedora de seus direitos e deveres e consciente nas decisões que porventura possa tomar. A leitura amplia concepção de

mundo e, como diz Lajolo (1993, p.7), “pode e deve começar na escola”, porém, não precisa encerrar-se nela.

Conhecer algumas concepções de leitura pode nos proporcionar mais clareza quando pensarmos nos leitores que queremos formar. Lembrando que, ninguém ensina o outro a gostar de praticar a leitura. O leitor precisa ser seduzido, ou até mesmo convencido a entrar nesse mundo, e saber como fazer da leitura uma aliada para sua vida. E isso só é possível acontecer através do incentivo de alguém que também já foi seduzido ou que compreende a amplitude de uma prática leitora.

2.1 Concepções de leitor e leitura

A leitura tem gerado muita preocupação no ambiente escolar, social e, em alguns casos, até no meio familiar. É comum a queixa sobre o pouco interesse dos adolescentes, jovens e crianças pela prática da leitura. Muitos atribuem a culpa à escola, outros à família e até a tecnologia é vista como vilã em muitos casos.

Mas, antes de nos prendermos à questão de encontrarmos os “culpados” para o desinteresse pela leitura, vamos nos ater a algo de maior amplitude: compreender realmente o que é leitura e sua importância para a formação do indivíduo autônomo e crítico.

Quando se fala em leitura, muitas vezes nos remetemos à situações em que imaginamos pessoas sentadas lendo um livro literário, ou uma revista, ou um jornal etc., é certo que essas são algumas formas de práticas de leitura, mas, a leitura de fato, é um processo muito amplo e que pode contribuir de forma significativa no desenvolvimento de muitos grupos sociais. É nesse sentido que compreendemos a sua extensão e valor.

De acordo com a pesquisadora Maria Helena Martins (2006):

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam- aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura (MARTINS, 2006, p. 17).

Desse modo, são inúmeras as possibilidades que a prática da leitura nos proporciona. É de extrema relevância compreender também, que a leitura não pode ser vista apenas como um passatempo ou uma prática que nos remete somente ao prazer por prazer. Além disso, ela é também um ato de conquista, de poder, de libertação, pois quem lê adquire conhecimento, quem

conhece é livre para expressar-se e questionar diversas situações e, em muitos casos, refletir na busca de soluções para determinadas adversidades.

Ainda em suas pesquisas, Martins (2006, p. 31) sintetiza as inúmeras concepções de leitura em duas caracterizações. A saber:

a) Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);

b) Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes, sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

A concepção de leitura sob a perspectiva cognitivo-sociológica, citada por Martins (2006), se apresenta significativa em toda discussão que se proponha a investigar a leitura como prática que vai além da simples decifração de códigos linguísticos.

Sendo um processo amplo, precisamos delimitá-la neste espaço. Por isso, nos reservamos a falar da leitura do texto escrito, de sua contribuição para a vida das pessoas, em especial dos nossos alunos, que através da experiência de leitura poderão ter ganhos, tanto na sua vida escolar como em qualquer ambiente do qual fizerem parte.

Vilson J. Leffa (1996, p.9), em seu livro “Aspectos da Leitura. Uma perspectiva psicolinguística”, destaca que “o processo da leitura pode ser definido de várias maneiras dependendo não só do enfoque dado (linguístico, psicológico, social, fenomenológico, etc.), mas também do grau que se pretenda definir o termo”.

Ainda de acordo com Leffa (1996),

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. (LEFFA, 1996, p. 10).

Notamos nas colocações de Leffa (1996, p. 10), que a leitura também pode envolver fatores que estão além de elementos previsíveis, e que não se desvincula totalmente desses elementos, podendo proporcionar ao leitor a liberdade de criar ou ampliar sua noção daquilo que, em tese, é considerado normal ou lógico.

Voltando às caracterizações de Martins (2006, p. 31), percebemos, quando temos a oportunidade de estar na escola, que a primeira concepção de leitura exposta pela autora, ligada a decodificação de signos linguísticos, ainda está muito cristalizada na prática escolar. Essa

caracterização é limitante e apresenta pouca contribuição para o indivíduo na sociedade, contrariando a missão da escola, que tem como objetivo preparar o cidadão para conviver em sociedade. Porém, é preciso esclarecer que é uma etapa pela qual todos precisam passar para apropriar-se da leitura de textos escritos.

A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), no § 2º garante “que a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social”. Essa prática social exigirá de cada indivíduo capacidades que serão essenciais em todas as instâncias da sua vida. Pois, ao procurar a escola, ele o faz pensando em se preparar para o trabalho e para viver em sociedade, sendo assim, difícil desvincular escola e sociedade. Por isso, todas as atividades promovidas pela escola devem pautar-se nisso. E com relação a leitura não pode ser diferente.

Sobre as contribuições da leitura para a vida das pessoas, as pesquisadoras Anna Maria Marques Cintra e Lílian Ghiuro Passarelli (2011) afirmam que:

A experiência da leitura tem mostrado que, de várias maneiras, a leitura pode contribuir para melhorar a vida das pessoas. Num aspecto plural, dizemos que ela é um meio indiscutível para se ter acesso ao saber, contribuindo para dar sentido à vida escolar, social e profissional. Mas também um meio de transportar o leitor para outros mundos, aguçar sua imaginação. (CINTRA; PASSARELLI, 2011, p. 34).

Desse modo, podemos compreender que a prática da leitura, de fato, toma proporções que estão além das questões escolares. Mas, espera-se que essa prática se inicie no ambiente escolar e seja levada para toda vida. Concretizado isso, a escola terá cumprido seu papel perante a sociedade, uma vez que, um dos seus objetivos fundamentais, segundo a pesquisadora Isabel Solé (1998), “é possibilitar que o aluno leia e compreenda o que leu, e aprenda a partir da leitura de forma autônoma e em múltiplas situações” (SOLÉ, 1998, p. 47).

A pesquisadora Eliana Yunes (1995), enfatiza o quanto a presença da leitura se faz necessária para que uma pessoa consiga transitar por todas as instâncias da vida social, estabelecendo as devidas relações necessárias para a compreensão dos códigos inerentes as várias ciências. Por isso, na escola, é necessário priorizar a leitura em todas as disciplinas, não deixando somente a cargo do professor de língua portuguesa. A pesquisadora ressalta ainda, que leitura vai além de palavras:

É dramático hoje o efeito da ausência da leitura no meio escolar e social. Todas as disciplinas carecem do domínio da leitura para desenvolver, das humanidades às ciências, das artes às matemáticas. Ler formas, símbolos, letras, signos, imagens, significa prover, estabelecer uma relação entre eles e uma relação com eles também nas diferentes instâncias da vida social (YUNES, 1995, p. 190).

Infelizmente, na nossa prática de educadora, professora da rede pública, ainda encontramos alguns professores que desconhecem essas dimensões referentes à leitura. Por

algum motivo, ainda não as compreenderam. Porém, esses docentes precisam trabalhar a leitura em suas salas de aula, precisam pensar em meios de incentivar os alunos para uma prática leitora significativa. Contudo, se eles não levarem em consideração o amplo conceito de leitura e suas várias dimensões, corre-se o risco de afastar os alunos dos livros.

Com relação à proporção que os efeitos da leitura podem alcançar no leitor, a pesquisadora Maria Helena Martins apresenta três níveis nos quais a leitura pode ser percebida: sensorial, emocional e racional, níveis que segundo ela, são “inter-relacionados por a leitura ser dinâmica e circunstanciada” (MARTINS, 2006, p. 37).

O nível sensorial começa muito cedo e nos acompanha a vida toda. Os sentidos, visão, audição, tato e olfato são envolvidos no ato de ler. É nesse nível que o leitor consciente ou não passa a conhecer seu gosto pela leitura. (MARTINS, 2006, p.41-42).

No que diz respeito ao nível emocional, destaca-se o fato de estar relacionado à subjetividade, com as emoções do leitor. A leitura emocional, “sob o ponto de vista da cultura letrada, parece [...] superficial, [...] caracteriza-se pois, em um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós”. (MARTINS, 2006, p. 52).

No nível racional, a leitura “acrescenta a sensorial e a emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto, e questionar tanto a própria individualidade, como o universo das relações sociais”. (MARTINS, 2006, p. 67).

E ainda conforme Martins (2006, p. 17), “(...) o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura, dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas também modifica-lo à medida que incorporamos experiências de leitura”.

Sendo assim, percebemos que a leitura é uma prática que de fato tem proporções muito amplas na vida do leitor, desde questões intelectuais até questões físicas. Por isso a necessidade de conhecer, investigar e incentivar essa prática.

Richard Bamberger (1987, p. 10) em seu livro, “Como incentivar o hábito de leitura”, afirma que, “a leitura é um dos meios eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade”, e acrescenta que, “trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”. Dessa maneira, podemos afirmar que, de fato, ler vai além de um entretenimento, pois a prática da leitura pode desencadear efeitos positivos e relevantes na vida de quem a pratica.

Com o desenvolvimento dessa prática leitora, estaremos diante de um leitor propriamente dito. Mas, esse “ser leitor” exige muito, e ao mesmo tempo, proporciona

oportunidades ímpares, pois pode incentivar o indivíduo a explorar todos os espaços que lhe sejam possíveis, inclusive os espaços sociais.

Mas adquirir todas essas habilidades resume o que é ser leitor? Sobre ser leitor Jean Foucambert (1994), nos esclarece que:

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro para compreender melhor o que se passa na nossa [...], ao mesmo tempo implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu. Isso vale para todos os tipos de textos, seja um manual de instruções, seja um romance, um texto teórico ou um poema (FOUCAMBERT, 1994, p. 30).

Nesse sentido, percebemos que a interação entre leitor e leitura não é simples e nem infrutífera. Sempre que alguém se dispõe a ler, estará tendo a oportunidade de compreender o mundo à sua volta e a si mesmo, comprometendo-se com os fatos que o cercam, saindo da posição de mero espectador para agir de forma consciente diante das circunstâncias que a vida lhe impõe. Isso implica também, as relações sociais.

Muitas vezes, por motivos muito peculiares, a escola coloca a leitura em segundo plano, ou até mesmo, alguns profissionais a consideram como “perda de tempo”, e ao trabalhar livros ou textos, prendem-se às questões gramaticais, especificamente nas aulas de língua portuguesa e redação. Percebemos na nossa prática cotidiana, que essa questão não pode resumir-se a isso. Em muitos casos, os próprios professores não conseguem perceber a leitura como algo que vai além de um passatempo, e assim, perdem a oportunidade de lançar mão da leitura como atividade primordial para proporcionar ao seu aluno um aprendizado que pode ultrapassar os limites da escola.

A prática da leitura configura-se cada vez mais como algo relacionado à nossa própria existência, e também a nossa relação com os seres e com o mundo. Sobre isso, Eliana Yunes (1995), afirma que “ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida” (YUNES, 1995, p. 59). Dessa forma, além de ter consciência do grande potencial da leitura, é preciso ter planejamento com objetivos claros com a maneira de apresentá-la aos alunos.

O modo como se apresenta a leitura aos alunos é uma questão que ainda requer muita atenção, pois, mesmo que a prática da leitura tenha ficado, na maioria dos casos, a cargo da escola, há muitos fatores externos que contribuem para o insucesso de muitas atividades no âmbito escolar. Mais adiante retomaremos essas questões com mais ênfase.

Foucambert (1994), destaca que:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se vê (FOUCAMBERT, 1994, p. 5).

Diante dessas afirmações de Yunes (1995) e Foucambert (1994), podemos entender que ler envolve o ato de questionar e ser questionado. E é nesse círculo onde a leitura vai criando sentido, provocando o leitor, abrindo-lhe horizontes e deixando-o mais inquieto, dando-lhe mais confiança para tentar tirar suas próprias conclusões com relação ao mundo, às pessoas e às situações as quais é submetido.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), o Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação. E ainda nos apresenta exemplos que consolidam a vasta função da leitura para os alunos. Assim, exemplos da tríade citada acima, “leitor/ouvinte/espectador, são fundamentais no desenvolvimento de quem a pratica”. Com relação à leitura na escola. São elencadas na BNCC, as leituras para:

[...] fruição estética de textos de obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento; discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2017, p. 69).

É importante ressaltar que, a leitura no contexto da BNCC é compreendida de forma mais ampla, e leva em consideração, não somente o texto escrito, mas também “imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais” (BRASIL, 2017 p. 70).

Dessa maneira, podemos perceber a abrangência da leitura em todas as áreas por onde ela perpassa e sua amplitude em diversos âmbitos, não só o escolar. Entendemos que a leitura, na maioria das vezes, pode ser enfatizada na escola por diversos motivos, mas seu efeito transcende as esferas dessa instituição. Para aprofundarmos mais nessas questões teóricas sobre leitura, abordamos no próximo tópico a leitura literária.

2.1.1 Leitura literária

Como vimos, o termo leitura é muito abrangente e envolve várias situações. Mas quando nos referimos à Leitura Literária, com certeza nos vem à memória momentos que passamos na escola, na biblioteca, na sala de aula e, principalmente em casa, lendo algum livro literário para

depois socializar com os colegas, ou responder um questionário imenso com questões superficiais a respeito da obra lida.

Situações como a descrita acima infelizmente ainda se repetem dentro das nossas escolas. Haja vista uma desdisciplinarização da Literatura. No currículo não há espaço para a disciplina de Literatura. Ela está inclusa na disciplina de língua portuguesa. Portanto, o professor pode dar um destaque maior ou menor à Literatura dependendo de sua afinidade ou preparo para trabalhar com leituras literárias. Nesse sentido, o trabalho com obras literárias pode ser abandonado, posto em segundo plano, ou apenas utilizado como pretexto para trabalhar questões que afastam os leitores ao invés de atraí-los para o texto literário. Diante disso, o pesquisador Rildo Cosson (2006), destaca que:

[...] o certo é que a Literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. Os que prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer para o aluno é uma experiência de leitura compartilhada (COSSON, 2006, p. 23).

Essa “reconstrução e construção da palavra que nos humaniza”, citada por Cosson (2006), tem sido cada dia mais esquecida dentro das escolas por vários fatores, dentre eles, a indisciplina e violências na sala de aula. O professor opta por atividades que prenda o aluno durante os 50 minutos de aula, pois é muito difícil um debate ou outro tipo de atividade que exija concentração e disciplina para ser executada.

Falar em Leitura Literária nos leva a falar de Literatura, e também de ensino de Literatura na escola. Vicent Jouve (2012, p. 133), questiona se realmente é preciso ensinar Literatura. Diante de currículos sobrecarregados, o autor indaga se é legítimo reservar algum tempo para estudo de textos de natureza incerta e sem clareza em sua função. Cremos que, assim como Jouve (2012), muitos devem ter feito esse questionamento: pais, alunos e até mesmo educadores, visto vivermos em uma sociedade capitalista que preza pelo consumo imediato, respostas rápidas e prontas.

A literatura não apresenta respostas imediatas. É preciso refletir a respeito da leitura ou da obra literária para apreender seu conteúdo. Essa apreensão, de acordo com Vicente Jouve, ocorre por imersão. Primeiramente o leitor sente para posteriormente entender a informação transmitida por meio de um texto literário.

A vantagem é que a informação transmitida pela literatura tem uma força de impacto que o discurso racional não pode ter: ela é “sentida” antes de ser entendida, portanto, sem ser compreendida. O inconveniente é que a informação em questão é assimilada de modo não consciente ela é “gravada” passivamente (JOUVE, 2012, p. 136).

Diante de objetivos que são apreendidos a longo prazo, é que surgem esses questionamentos sobre ensinar ou não literatura. Mas, de acordo com Silva, Melo e Almeida (2017), é importante ensinar literatura, pois os saberes advindos das leituras literárias são internalizados pelos leitores e à medida que há necessidade de utilizar esses conhecimentos o leitor traz à tona esses saberes para ajudá-los a compreender melhor seus sentimentos e realidades vivenciadas.

Consoante Horellou-Lafarge e Segré (2010) os objetivos da leitura literária se diferem dos objetivos de outras leituras:

[...] com a criação literária, a leitura das obras literárias é gratuita, desinteressada, estética, desejada, é a dos “letrados” reconhecida e legitimada pelas instâncias educacionais, opõe-se à “leitura comum” popular, onde o leitor investe interesses específicos, modo de leitura depreciado (HORELLOU-LAFARGE & SEGRÉ, 2010, p. 89).

Em muitos casos, essa diferença nos objetivos na realização de cada tipo de leitura, leva os professores de língua portuguesa a priorizarem, no decorrer de suas aulas, o ensino de questões relativas à estrutura da língua, ou gramática, não levando em consideração a relevância de uma leitura que o próprio aluno escolha ou que ache interessante.

De fato, estamos diante de um assunto que, na educação do século XXI, gera muitas dúvidas e preocupações. É cada vez mais comum ouvirmos relatos de professores sobre a falta de interesse dos alunos por leituras e, em contrapartida, é comum ouvir e ver alunos relatarem a falta de paciência ou falta de incentivo com relação a essa prática. O impasse é constante, porém nessa situação, é impossível julgar, ou apontar de quem é ou onde está a falha.

Jouve em sua obra, “Por que estudar Literatura?” (2012, p. 83), relata que, o “contrato de leitura do texto científico não é igual ao contrato de leitura do texto literário. É inexato dizer que consideramos a obra literária como expressão de um querer-dizer coerente”. Desse modo o que podemos apreender disso é que o texto literário mobiliza questões que vão além de simples conteúdos, mobilizam questões da intimidade do leitor, fazendo desse tipo de texto mais que informações, mas arte, com todas as funções que uma obra de arte pode comportar.

Podemos considerar que Leitura literária se refere à leitura dos textos referentes à literatura, priorizados na escola, mas, também, em alguns casos, no meio familiar. Porém, na escola há uma questão que ainda precisa ser discutida: “Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a Literatura só se mantém na escola por força da tradição da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI” (COSSON, 2006, p. 20).

Porém, é difícil imaginar um processo de educação, nos referimos à educação escolar, que não leve em consideração a formação do leitor. E isso só se dá evidentemente, a partir do incentivo às leituras de obras variadas, e por que não de uma obra literária? Pois:

Que o valor de uma obra literária dependa em grande parte de sua riqueza cognitiva todo leitor pode comprovar: quem é que nunca se pegou apreciando um texto depois de tê-lo estudado, isto é, uma vez que atualizada uma parte daquilo que ela exprime? A avaliação artística não pode negligenciar a questão do conteúdo [...] O texto literário pode manifestar conteúdos singulares porque não tem de levar em conta nem exigências da realidade, nem exigências da moralidade (JOUVE, 2012, p.118-120).

O fato não é que seja errado olhar também questões da língua em um texto literário, porém, pela riqueza que comporta um texto literário, não é interessante e nem construtivo prender-se apenas a essas questões, principalmente quando se trata de formação de leitores.

Teresa Colomer (2007), nos adverte que, formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos educativos da escola [...] o debate sobre ensino da literatura se superpõe, assim, ao da leitura, já que o que a escola deve ensinar, mais da “literatura”, é “ler literatura” (COLOMER, 2007, p. 30). Nesse sentido, concordamos com a autora. E essa conscientização precisa urgentemente fazer parte dos projetos das escolas, essa preocupação precisa estar constantemente na linha de frente de qualquer ação que envolva leitura no ambiente escolar. Mas antes de qualquer coisa, deve ser priorizado o envolvimento de todos os profissionais, não só o professor de língua portuguesa.

Diante de tantas discussões, será que leitura literária tem realmente uma função dentro da escola? Ainda de acordo com Colomer (2007), essas questões são muito pertinentes, pois:

A função do ensino literário na escola pode definir-se também como a ação de ensinar o que fazer para entender um *corpus* de obras cada vez mais amplo e complexo. Isso é o que os alunos devem entender que estão fazendo ali e o que se deve avaliar. Na sua intimidade, seus gostos, seu prazer ou sua liberdade de escolha. Nada disso pode ser, efetivamente, obrigatório. (COLOMER, 2007, p. 45).

Esse é um ponto que ainda é muito delicado, lidar com os gostos e os prazeres dos alunos, exige uma postura diferente do professor, pois ele também está lidando com seus próprios gostos e prazeres e isso contagia as crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos. Alguém que está seduzido por um texto literário tem uma maior capacidade de convencer e seduzir outros leitores.

Antoine Compagnon (2012), nos apresenta um retrato da atual situação da literatura dentro das escolas, do espaço que ela ainda ocupa e de alguns entraves que a ameaça constantemente. Sobre essa questão, o autor ressalta que:

[...] o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade, há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram, imprensa que atravessa também uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam, nos lazeres, e onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros (COMPAGNON, 2012, p. 25).

Com certeza, diante dessa crise citada pelo autor e outras que são próprias de cada contexto, trabalhar a literatura e formar leitores não é nenhuma tarefa simples. Não existe uma fórmula, ou um caminho percorrido que atenda da mesma forma os vários tipos de alunos que frequentam nossas escolas, principalmente quando se trabalha em regiões periféricas.

O certo é que, o trabalho precisa ser feito, mesmo que atinja uma pequena parcela de alunos. Porém, é preciso compreender que, formar leitor ou formar leitor literário requer um trabalho árduo, e o resultado não ocorre imediatamente. Isso requer planejamento e um longo prazo, pois depende do ritmo de cada aluno. Mas o certo é que a literatura deve ser apresentada a todos, haja vista que “[...] a literatura não é mais o modo de aquisição privilegiado de uma consciência histórica, estética e moral, e a reflexão sobre o mundo e o homem pela literatura não é mais corriqueira” (COMPAGNON, 2012, p. 57).

Desse modo, resta-nos a certeza de que, a leitura literária é de grande importância no desenvolvimento intelectual e social daqueles que a usufruem. Por todos esses fatores que ela envolve, reconhecemos que ela precisa ter mais espaço dentro das escolas, e ser trabalhada com objetivos claros, e os professores precisam acreditar no que estão fazendo para obter resultados positivos.

A leitura pode apresentar-se de forma diferente e um fato a ser considerado é o tempo de cada aluno para envolver-se com determinados tipos de atividades, principalmente quando se refere à sua idade e o nível de escolaridade.

Conhecer como a leitura é compreendida e os efeitos que ela pode causar em cada etapa da vida do aluno pode ser uma grande vantagem na hora de escolher obras, textos e formas de trabalhar, contribuindo para o êxito, enriquecimento e desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno.

2.1.2 Leitura e alfabetização:

Levar em consideração cada momento em que acontece o contato com a leitura é muito importante para nos situar quanto a sua relevância em todo o processo de formação do aluno, principalmente no que está ao alcance da escola. Vamos começar falando da fase de introdução do aluno no mundo da leitura e da escrita: a alfabetização.

A alfabetização é uma fase de extrema importância para o desenvolvimento da criança em vários aspectos, e também um momento muito propício para investir na formação de leitores. Por isso, é relevante tratar desse assunto, visto que a inserção no mundo das letras é uma porta aberta para o mundo da leitura, pois, uma vez conquistado um leitor, ele poderá fazer da leitura uma prática significativa para sua vida.

De acordo com a pesquisadora Janine Ramos Lopes (2010, p. 10), a alfabetização é a aquisição da leitura e da escrita. Esse é o momento de proporcionar aos alunos essa aquisição. É uma abertura para um mundo que cada vez exige uma competência leitora do indivíduo, pois ensinar as letras inseridas em um contexto nos parece mais interessante que apresentá-las avulsas.

Com as pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas e com as exigências cada mais complexas dos novos alunos em fase de alfabetização, “a aprendizagem da leitura e da escrita depende de duas portas de entrada, distintas, mas indissociáveis e que necessitam ser trabalhadas ao mesmo tempo: Alfabetização e Letramento” (LOPES, 2010, p. 10).

O termo alfabetização foi tomando proporções maiores, deixou de ser apenas o ensino das letras do alfabeto e da leitura com o único propósito de atestar a memorização de junção de sílabas e palavras, muitas vezes sem nexos algum. Na atualidade, sua amplitude visa compreender, além da decifração, a significação global do texto lido.

Nesta perspectiva, Magda Soares (2012), nos esclarece que:

Quanto à mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país-da mera aquisição da “tecnologia” do ler e do escrever à inserção nas práticas sociais da leitura e escrita, de que resultou o aparecimento do termo *letramento* ao lado do termo *alfabetização*[...]da verificação de apenas a habilidade de codificar o próprio nome passou-se a verificação da capacidade de usar a leitura e a escrita para uma prática social (SOARES, 2012, p. 21).

Soares (2005) ressalta ainda que “o conceito de letramento surgiu de uma ampliação progressiva do próprio conceito de alfabetização [...]”.

Ao longo do século XX, porém, [...] conceito de alfabetização foi sendo progressivamente ampliado, em razão de necessidades sociais e políticas, a ponto de já não se considerar alfabetizado aquele que apenas domina o sistema de escrita e as capacidades básicas de leitura e escrita, mas aquele que sabe usar a linguagem escrita para exercer uma prática social em que essa modalidade da língua é necessária (SOARES, 2005, p. 47).

Desse modo, o que se espera do período de alfabetização também é o estímulo por parte do alfabetizador para que o aluno, durante esse processo, compreenda que as leituras a ele apresentadas podem ultrapassar o nível de decodificação e alicerçá-lo para uma prática social.

Prática que apenas inicia na escola, mas que progressivamente se amplia cada vez que ele se conscientiza através do conhecimento adquirido a partir de suas leituras.

De fato, sem conhecer o código linguístico fica difícil tornar-se um leitor. O trabalho dos alfabetizadores tomou uma posição que ultrapassa o ensino do alfabeto e conhecimento de palavras. Conforme Paulo Freire (1989), “a alfabetização é a criação ou montagem da expressão escrita da expressão oral. Essa montagem pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora” (FREIRE, 1989, p. 13).

Logo se constata que não se trata de um processo fechado, pois leitura e alfabetização tem uma relação intrínseca. E, realmente, para aventurar-se no mundo dos livros, faz-se necessário conhecer os caminhos para chegar a essa compreensão.

Conforme com Soares (2012):

O que ocorre nos países de terceiro mundo é que alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas. (SOARES, 2012, p. 58).

Essa é uma questão muito real dentro das escolas do nosso país, e todos esses entraves afetam até as práticas dos professores, que sentem-se sozinhos diante de uma grande responsabilidade, pois trata-se da base do ensino e da educação escolar. Além desses fatores externos, ainda tem os fatores internos, que as escolas enfrentam no seu cotidiano, principalmente quando se trata das escolas localizadas em regiões mais distantes do centro da cidade.

Leitura e alfabetização têm relações muito estreitas. O período da alfabetização é sim, um momento propício para incentivar a leitura. É preciso ponderar que, dentre outras considerações, de acordo com Delaine Cafieiro e Gladys Rocha (2009):

[...] ensinar a ler é comparar formas linguísticas, identificando as marcas que indicam a intencionalidade e os efeitos de sentido pretendidos, bem como o locutor e a variação linguística. Ensinar a ler é, antes de tudo, formar sujeitos leitores ativos, críticos que descubram a importância do ato de ler (CAFIEIRO; ROCHA, 2009, p. 101).

Dessa maneira, compreendemos que o professor que trabalha na alfabetização deve levar o aluno a ir além de decifrar o código linguístico priorizando atividades mais lúdicas de acordo com a idade de cada um. Para isso, é preciso que haja mudança de postura por parte da escola, mais especificamente, do professor que está em contato direto com o aluno.

Também, é necessário investimentos em formação de professores e acesso à leitura com qualidade, como por exemplo, ampliação do acervo das bibliotecas escolares, nas instituições

onde houver, e criação de bibliotecas de qualidade nas unidades escolares que ainda carecem desse recurso.

2.1.3 Leitura no Ensino fundamental II-Leitura na adolescência

O trabalho com a leitura na escola tem sido um desafio, principalmente, para o professor de língua portuguesa. Apesar de sabermos que a leitura pode ser trabalhada em qualquer disciplina e em todas as faixas etárias.

Quando se trabalha leitura na alfabetização, o professor já tem um norte a seguir, devido aos gêneros próprios para a idade e nível de conhecimento dos alunos. Como, por exemplo, contos maravilhosos, lendas folclóricas e outros. Nesse caso, podemos estender essas questões, tanto para a fase da alfabetização, quanto para a primeira fase do ensino fundamental, que corresponde às etapas do primeiro até o quinto ano, e a segunda fase, que corresponde do sexto ao nono ano.

No Brasil, conforme a Lei 9394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, na seção III, artigo 32, é estabelecido “ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão” (BRASIL, 1996, art. 32).

Nesse subcapítulo vamos nos ater à leitura na segunda fase do ensino fundamental, que corresponde as turmas do 6º ao 9º ano. O objetivo é discutir sobre a importância de se trabalhar a leitura nessa fase tão desafiadora para a escola e também para a família.

Quando se trabalha com adolescentes, principalmente na segunda fase do ensino fundamental, onde estão os pré-adolescentes e adolescentes, são muitos os entraves a serem vencidos. É uma fase que exige muita cautela por parte do professor, pois os estudantes estão em um momento de descobertas, onde não se é criança e nem jovem. É a fase que os professores mais reclamam com relação à falta de concentração e interesse dos alunos nas atividades propostas.

Nessa perspectiva, Colomer (2007), ressalta que:

[...] os atuais estudos qualitativos sobre leitura e adolescente revelam que, na evolução recente de nossas sociedades, existem muitos fatores que não favorecem as condições da leitura individual e que ainda o fazem em menor medida em relação à leitura literária. Por exemplo, é óbvio que o livro se acomodou no interior de um conjunto de instrumentos de lazer muito mais amplo que nunca, e que além disso, o mercado editorial dirige essa parte do lazer, ao encaminhá-lo para o consumo rápido das novidades (COLOMER, 2007, p .47).

Trazendo essa reflexão para a situação do Brasil, mais precisamente para o Estado do Tocantins, percebemos que o interesse de uma grande parte dos adolescentes está voltado para outras questões que vão além da leitura de um livro. Mas a escola não pode deixar esses fatores tornar-se um empecilho no processo de formação de leitores. Ela precisa procurar meios para conhecer os gostos desses adolescentes e levá-los em consideração no momento de planejar as atividades de leitura.

Maria Teresa Assunção Freitas (2003), relata em sua pesquisa que os adolescentes veem a escola como uma instituição que não favorece o gosto pela leitura e escrita, “[...] insiste numa leitura e escrita da escola e para a escola. Enquanto o fora da escola é estimulante, atrativo, cheio de opções que de certa forma estão levando ao conhecimento [...] o dentro da escola, é o reino da obrigatoriedade, do desinteressante, do instrumental” (FREITAS, 2003, p. 25).

Com certeza, esses relatos podem levar os professores a uma reflexão sobre a maneira como ele está tratando a leitura em sua sala de aula. Essa questão da obrigatoriedade, é desestimulante e não contribui para a formação de um leitor permanente. Pois, depois de passada aquela obrigação da leitura do livro indicado, o aluno não sentirá mais vontade de ler outros livros.

De acordo com Freitas (2003), o professor transforma a atividade de leitura com os adolescentes em um experimento, em um simples meio para chegar a um saber já previsto e construído de acordo com os critérios da verdade, da objetividade. Isso que certamente causa estafa e desinteresse, não só em adolescentes, mas acredita-se que em qualquer leitor em formação.

Enquanto a escola não se mobilizar em busca da compreensão do mundo desses adolescentes para conseguir êxito em sua proposta de formação de leitores permanentes, leitores que, continuem com a experiência de leitura mesmo ao sair da escola, a barreira tenderá a crescer, ficando cada vez mais cristalizada, difícil de ser rompida, pois:

[...] num processo de globalização em que estamos vivendo toda uma ameaça de homogeneização, talvez seja oportuno não se insistir na verdade das coisas, mas deixar emergir a pluralidade do sentido. É este o papel do professor, fazer com que a pluralidade seja possível (FREITAS, 2003, p. 35).

Colomer (2007, p. 49), revela em suas pesquisas que até os quinze ou dezesseis anos a maioria dos adolescentes dos países ocidentais abandonam as aulas da escolaridade obrigatória. Mas, de acordo com a autora, se a escola tivesse cumprido seus objetivos, mesmo os alunos tendo desistido de frequentá-la, todos deveriam, nessa idade, ser leitores competentes em uma sociedade alfabetizada.

O que podemos compreender desse fato, é que ainda falta muito para as escolas brasileiras avançarem no processo da leitura. Ou seja, ir além do que se vê no processo da alfabetização, que é a introdução às letras de forma sistemática, mas que não deixa de levá-los a um processo de introdução à leitura também. Pois, uma vez que se conhecem as letras, palavras e texto, é preciso estimular o aluno a dar sentido a tudo isso.

Nos estudos de Michèle Petit (2013), a pesquisadora relata que se surpreende ao ouvir adolescentes de diferentes meios relatarem com sentimento de culpa o pouco interesse pela leitura. De acordo com Petit (2013), eles mantinham esse discurso porque sabiam que **deveriam** ler, mas que não liam muito. Diante disso, ela pontua:

[...] estamos em uma situação de obrigação, segundo qual deveriam ler para satisfazer os adultos. A leitura, que para gerações anteriores foi um gesto de recusa, de resistência, é percebida por uma parte dos adolescentes, como um gesto asséptico, de conformismo, de submissão (PETIT, 2013, p. 22).

Com relação às atividades de leitura, acreditamos que um dos caminhos seria o professor não impor a leitura de certos livros aos alunos. O interessante seria o professor ler, depois levar os livros aos alunos, mostrá-los, relatar suas aventuras, experiências ao ler determinados livros, e, de forma tranquila, convidá-los a lê-los. Ou como investigamos, apresentar leituras que estejam próximas da realidade vivida por eles.

Após alcançar que os alunos peguem os livros e os leiam em casa ou na escola, seria interessante promover uma socialização livre, sem pressões ou avaliações explícitas. Ao concluir a socialização, é interessante um respaldo, mostrar o quanto foi bom ouvi-los, quanto foi rica a experiência e incentivá-los ou desafiá-los a outras leituras.

Acreditamos que a partir do momento que é anunciado que eles precisam ler, ou que irão ler algo para a partir dessa leitura, responder alguma atividade imposta pelo professor, automaticamente cria-se uma espécie de resistência, dificultando a relação dos alunos com o livro, ou com a biblioteca, ou qualquer outra situação que envolva leitura. Dessa forma, prejudica-se o objetivo que visa formar leitores permanentes.

Nosso objetivo, nesse trabalho, não é o de propor estratégias de leitura, porém, acreditamos que essas reflexões são necessárias. É importante, também, levar sempre em consideração que:

A relação entre instituição escolar e atividade de leitura é complexa: varia conforme os indivíduos e seu meio social de origem, e conforme suas representações da instituição escolar e dos professores. A escola dá condições de adquirir aptidões necessárias para ler, é a instância que dá legitimidade às leituras, mas, devido as normas que transmite, às coerções diretas e indiretas que exerce, corre o risco, ao mesmo tempo, de criar entraves a um necessidade de leitura ainda frágil (HORELLOU-LAFARGE e SEGRÉ, 2010, p. 89).

Mesmo que os adolescentes demonstrem pouco interesse com a leitura, é preciso colocá-los em contato com ela, mas de forma tranquila, sem pressões e com muita preparação por parte dos professores. Pois, principalmente se tratando de adolescentes, o risco de afastá-los é muito grande, sobretudo em um momento que a escola vem tornando-se menos atrativa aos olhos desses alunos.

A pesquisadora Vera Maria Tietzmann Silva (2009), destaca que:

Hoje o adolescente tem toda uma produção cultural, com jornais, revistas, diversões voltadas para ele, assim como serviços especializados, na forma de clínicas médicas e psicológicas que se debruçam sobre problemas próprios dessa fase de transição entre a infância e a vida adulta. A literatura acompanha esses caudal (SILVA, 2009, p. 32).

Mesmo diante de tantos obstáculos, é preciso ficar claro que não se trata de questões impossíveis. É importante incentivar o aluno para a leitura na adolescência, pois, quando estiver na juventude, pressupõe-se que muitos entraves já estarão vencidos e teremos assim contribuído para a formação de uma sociedade de jovens leitores.

A reflexão sobre os jovens e a leitura em nosso país também é muito pertinente, visto que já falamos da fase da alfabetização, no caso das crianças e do fundamental II, focando em adolescentes do 6º ao 9º ano. Agora focaremos na leitura no Ensino médio. Nesse item, iremos nos concentrar em discutir a leitura entre os jovens nessa fase escolar.

2.1.4 Leitura no ensino médio: a leitura e os jovens

Assim como acontece com os adolescentes, o trabalho com a leitura entre os jovens não é considerado tarefa fácil. Diante de tantas possibilidades de entretenimento e mudanças ocorridas na sociedade, a escola ainda caminha em passos lentos na busca da necessidade de formação jovens leitores, uma vez que nessa etapa do ensino há o desafio de atrelar as aprendizagens dos estudantes às suas aspirações futuras, o que pode se tornar empecilho para o ensino dos textos literários.

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica, direito público subjetivo de todo cidadão brasileiro. Todavia, a realidade educacional do País tem mostrado que essa etapa representa um gargalo na garantia do direito à educação [...] outros grandes desafios do Ensino Médio na atualidade são garantir a permanência e as aprendizagens dos estudantes, respondendo às suas aspirações presentes e futuras (BRASIL, 2017, p. 35).

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), a dificuldade de manter os jovens na escola é um desafio que ainda precisa ser superado. Imagina mantê-los de forma animada e participativa para as atividades que são próprias do âmbito escolar, principalmente leitura, que é o nosso foco.

Os jovens do ensino médio formam um público que se acredita que tenha passado por muitas experiências de leitura. Nessa fase, a Literatura está inserida no currículo, contendo as obras e os períodos literários indicados para estudo no decorrer dos três anos. No ensino médio, diferente das outras fases, além dos textos literários, também se trabalha com as escolas literárias, os cânones e textos contemporâneos ainda não consagrados pela crítica literária.

No que se refere ao ensino de Literatura, Silva (2009) com base em Cruvinel (2008) assegura que:

Apesar de se configurar como parte integrante da disciplina de língua portuguesa, o gênero literário não se subverte ao discurso pedagógico, portanto, não pode ser tomado como conteúdo programático a ser ensinado. A atividade leitora deve se colocar como uma provocação, para que o leitor, diante do texto, ou seja, dos conflitos, das personagens, de suas experiências, de seu universo, de tudo que lhe revela sua humanidade, possa se colocar frente a si mesmo, na medida em que se depara com a vida do outro, ou se sente tocado pela subjetividade alheia, considerando também a experiência de leitura do gênero lírico, por exemplo (SILVA, apud CRUVINEL, 2008, p. 29).

Muitas vezes os professores se sentem inseguros ao realizar o trabalho de leitura com os jovens, pois, além dos clássicos discriminados no currículo, ainda é preciso selecionar outras leituras para apresentar a esse público. Eles também precisam conhecer obras de autores contemporâneos. Por isso em alguns momentos, a literatura é tratada como conteúdo programático de língua portuguesa para trabalhar questões pertinentes às normas e estruturas da língua.

É comum ouvirmos a máxima que os jovens brasileiros não leem, mas muitas pesquisas já mostraram que eles estão lendo. Porém, nem sempre a leitura corresponde a forma ou aquilo que esperamos que eles leiam. A pesquisadora Zoara Failla, através da pesquisa intitulada “Retratos da leitura no Brasil 4”, do ano de 2016, apresenta que:

[...]os jovens (a faixa da população com 11 a 13 anos + a faixa com 14 a 17 anos) constituíram 13% dos entrevistados (5% + 8%). Em números absolutos, esses 13% representam cerca de 24.414.394 jovens, certamente um número considerável de brasileiros. Desse contingente de jovens, a pesquisa informa que 84% daqueles que têm de 11 a 13 anos se declararam **leitores** e 75% daqueles que têm de 14 a 17 anos também informaram ser **leitores**, isso, segundo o critério adotado na pesquisa como um todo, ou seja, o de que é leitor quem leu pelo menos um livro, inteiro ou em partes, nos últimos três meses (FAILLA, 2016, p. 85).

Embora, mesmo diante dos resultados apresentados pela pesquisa, tenha sido considerado positivo, ainda há quem veja essa situação com pessimismo. Vamos nos ater ao que os números nos revelam, até mesmo para refletirmos sobre o porquê dessa disparidade entre

resultados de pesquisas e discurso de muitos professores que atuam diretamente com essa juventude.

Já vimos que boa parcela dos jovens se consideram leitor, isso já é um ponto positivo. Porém, a própria pesquisa ressalta que “os jovens brasileiros, sim, leem bastante, mais até do que os brasileiros de um modo geral, isso não significa que gostem de ler, mas que leem sob a coerção da escola” (FAILLA, 2016, p. 85).

O que nos faz concluir que a escola está, de uma forma ou de outra, levando o jovem a ler e eles estão tendo contato com leitura. Isso é bom, mas diante dessa premissa, os jovens estão lendo apenas para cumprir as atividades escolares. Precisamos nos preocupar em desenvolver estratégias que os levem a ler por prazer, pois só dessa forma conseguiremos cumprir o objetivo da escola, que é o de formar leitores permanentes: aqueles que, mesmo fora da escola, valorizam a leitura e a pratica sem serem pressionados.

Embora a pesquisa aponte que muitos dos jovens estão lendo por razões utilitários, ela ressalta também que outros jovens alegam realizar leituras não pragmáticas.

“[...] há, sim, um contingente de jovens que reconhece ler por razões pragmáticas; mas há também uma parcela substantiva de jovens que, quando indagada sobre a motivação que a leva a ler, aponta razões fora da esfera utilitária para ir até os livros” (FAILLA, 2016, p. 86).

A pesquisa “Retratos da leitura no Brasil 4”, de fato, é muito importante nesse contexto no qual estamos envolvidos, mas também é preciso pensar nos jovens que vivem em situações tão específicas, como por exemplo, jovens de periferia, que convivem com situações de violência diariamente, que cursam um ensino médio e são cobrados em diversas avaliações como leitores, principalmente de clássicos da literatura nacional etc. Dar conta de todas essas demandas não é nada simples.

Ainda de acordo com a pesquisa, é importante levar em consideração que:

[...] talvez ainda haja certo abismo entre o modo como a escola brasileira trata a leitura e a necessidade premente de se atualizarem as estratégias para formar leitores. Ainda que não se tenha acesso às escolhas específicas dos jovens, mesmo porque foram bastante pulverizadas, nas listas de obras e autores mais citados pelos leitores como um todo na pesquisa, há uns e outros que se reportam a esse universo da literatura juvenil (ou literatura de fronteira). (FAILLA, 2016, p. 91).

Outro item importante é o que nos mostra Silva (2009), quando diz que “na escola, a transição para o texto destinado a leitores adultos, delimita-se com o ingresso no ensino médio, em torno dos 15 anos de idade” (SILVA, 2009, p. 39). Percebemos que essa é uma fase de

transição em busca de um amadurecimento. Assim, são muitas escolhas e descobertas, e a escola fazendo o movimento certo, pode contribuir para a formação de grandes leitores.

Mas, infelizmente, ainda estamos caminhando em busca desse movimento mais certo. Percebemos que a busca é incansável e não depende só do professor. Até por que ele, como profissional, precisa seguir demandas que lhe são impostas por órgãos superiores. Nessa perspectiva, Silva (2009), nos aponta que:

[...] as obras de leitura obrigatória, às vezes bastante complexas, determinadas para cada ano para o ENEM e o vestibular, exigem uma preparação do leitor e isso constitui um dos problemas com que o professor precisa lidar. É nessas leituras selecionadas, em geral, no cerne de obras de autores canônicos que o leitor vai defrontar-se com o diferencial maior que a literatura tem em relação à infantil ou à juvenil; a qualidade estética (SILVA, 2009, p. 39).

Eis uma grande meta para o professor, que precisa trabalhar questões de gramática e ainda literatura. Ou seja, o professor de língua portuguesa, com poucas horas semanais, precisa dar conta de tudo isso. Nessa via de formação de leitores jovens, no Ensino médio, é preciso ter cautela e experiência para saber o que propor a eles, ou o que indicá-los, por isso a necessidade de ter consciência da importância do papel do professor.

É relevante lembrar também que, apesar de nos referirmos por muitas vezes à leitura de livros, é preciso considerar que os jovens também lançam mão de outros tipos de plataformas para leitura, que de forma alguma prejudicam no que tange à formação do leitor. Pois o que importa é o que ele lê e como essa leitura contribui para sua vida.

Ler, em qualquer tipo de suporte, sempre será prática de leitura. Por isso, que embora os jovens hoje tenham outras possibilidades de leitura, principalmente com o avanço da tecnologia, em momento algum, a prática da leitura pode se considerar ameaçada, ela apenas ganha outras aliadas no processo de formação de leitores.

2.2 A leitura em tempos de tecnologia

Não é raro encontrar opiniões que consideram as novas tecnologias uma ameaça à leitura e à formação de leitores na escola. Porém, é preciso considerar muitos fatores antes de atribuir determinados rótulos aos avanços que progressivamente vêm se firmando e conquistando jovens e adolescentes, especialmente no que tange a aparelhos tecnológicos diversos e à própria internet.

As dúvidas referentes à situação do livro ou outros suportes físicos de leitura, diante das novas tecnologias como computador, tablet, internet e aplicativos, ainda são recorrentes,

principalmente por parte dos professores, que constantemente se questionam sobre como lidar com a questão da formação de leitores em meio a esses avanços, ou seja, nesses tempos de tecnologia.

Novas formas de ler vão se desenvolvendo a partir desses avanços tecnológicos e cada forma com suas peculiaridades. Ler um livro tem seus encantos, porém, os modos de leituras que surgem com a tecnologia, com certeza têm seus adeptos também. O que precisa ser considerado com relação aos novos suportes de leitura são as possibilidades de fluidez ao ler. Cada prática com suas especificidades e o maior beneficiado deve ser o leitor. Consoante Chartier (1998):

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como o livro que encerra no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (CHARTIER, 1998, p. 13).

Ainda segundo Chartier (1998), “do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história da maneira de ler” (CHARTIER, 1998, p. 77). Assim, embora haja uma fluidez diferente na maneira de ler, conforme vão surgindo os avanços tecnológicos, também vão se ampliando as possibilidades de praticar a leitura. Com relação a isso, só há benefícios.

Com o passar dos séculos, as necessidades dos seres humanos vão se modificando e se adequando. E com relação à leitura, precisamos compreender e assimilar essa evolução, sem temores de um possível declínio das práticas leitoras. A escola, por sua vez, precisa acompanhar esses avanços para continuar no seu papel primordial na formação de leitores permanentes.

É preciso acreditar que os avanços tecnológicos não ameaçam a leitura propriamente, eles ampliam as oportunidades de o leitor ampliar suas fontes e conseqüentemente nutrir-se dos tipos de leitura que mais lhes parecerem agradáveis ou úteis.

É oportuno discutir essa questão, pois, tudo precisa ser considerado quando falamos de jovens e leitura, sobretudo porque estamos falando de formar leitores. Com a facilidade com a qual os jovens lidam com toda essa estrutura tecnológica à sua disposição, espera-se que seu interesse pela leitura seja despertado, considerando os novos recursos disponíveis a eles. Chartier ressalta que:

A partir do momento em que se transforma uma revista, um periódico, um livro em um texto eletrônico acessível em uma tela, propagado pela rede, parece que se pode dispensar a conservação do objeto original, já que o texto, de qualquer modo, subsiste[...] Os historiadores do livro, estão no entanto, preocupados com essa evolução. Com efeito,

a forma do objeto escrito dirige sempre o sentido que os leitores podem dar aquilo que leem (CHARTIER, 1998, p. 127).

Desse modo, compreendemos que o relevante é realizar a leitura e apropriar-se dela. A forma como o texto, livro ou outro tipo de escrito chega ao leitor jovem não necessariamente influenciará no desenvolvimento de sua prática leitora. O suporte não pode se sobrepor a um ato. Nesse caso, o ato de praticar a leitura.

Ainda conforme Chartier (1998, p.152), a relação da leitura com um texto depende também do leitor e de suas competências e práticas [...] É preciso assegurar a indestrutibilidade do texto pelo maior tempo possível, através da utilização do novo suporte eletrônico.

Por isso, é preciso insistir no fato de que a escola precisa aliar-se aos novos suportes para leitura, tendo em vista que a preocupação não é somente com o fato de onde está o texto, mas sim se o texto está sendo lido pelo aluno, e se o aluno está se apropriando do que lê para relacionar-se na sociedade de forma consciente.

É relevante falar da complexidade que é tratar de leitura e tecnologia dentro das nossas escolas, pois estamos em momentos que muitos valores priorizados dentro do ambiente escolar não têm a mesma importância quando se depara com questões que estão fora dos muros da escola. E as atividades com leituras dependem muito da atitude de cada professor, e este às vezes, ainda usa métodos que estão aquém dos interesses dos estudantes dos dias atuais.

Horellou-Lafarge e Segré (2010), destacam com relação à escola e a formação de leitores:

A relação entre instituição escola e leitura é complexa: varia conforme os indivíduos e seu meio social de origem, e conforme suas representações da instituição escolar e dos professores. A escola dá condições de adquirir as aptidões necessárias para ler, é a instância essencial que dá legitimidade às leituras, mas, devido às normas que transmite, as coerções diretas e indiretas que exerce, corre o risco, ao mesmo tempo, de criar entraves a uma necessidade de leitura ainda frágil (HORELLOU-LAFARGE e SEGRÉ, 2010, p. 89).

No entanto, a escola precisa ficar atenta para não se desalentar quanto à formação de leitores. É preciso preocupar-se em não afastar os jovens da leitura, valorizando os suportes que deixam o aluno mais à vontade para ler, considerando a importância do texto em si. É claro que o livro escrito sempre terá seus adeptos, porém ele não é mais o único meio de leitura, e isso precisa ser considerado.

Os avanços da tecnologia e seus meios de entretenimento e outros, não precisam ser vistos pela escola como vilões, pois como já vimos, tudo isso representa um suporte a mais ao aluno e ao professor. Se a escola começar a olhar por esse viés, terá mais uma aliada nessa constante preocupação com os atuais e futuros leitores.

Além de tudo que já mencionamos, é necessário destacar que a leitura precisa ser vista como algo que independe de onde ela se apresenta e como uma prática interdisciplinar. Não é interessante rotulá-la ou limitá-la a suportes, grupos de pessoas ou a alguma disciplina escolar. É necessário que ela seja acessível e incentivada, apesar dos percalços que a envolvem.

2.3 Leitura e interdisciplinaridade

A relação entre leitura e interdisciplinaridade é outro fator que precisa ser discutido. Pois, seu caráter interdisciplinar faz dela uma prática possível de permear por todas as ciências.

Para discutirmos a relação citada anteriormente, é indispensável compreendermos o termo interdisciplinaridade, principalmente de maneira que nos interessa. Pela natureza de nossa pesquisa, é importante utilizarmos o que nos apresenta a pesquisadora Ivani Fazenda (2003):

[...] interdisciplinaridade constitui-se numa resposta a uma demanda da sociedade, em que o número de especialistas para resolver seus problemas de ordem social, política, econômica etc. é ilimitado, e que estes nada mais possuem do que um conhecimento cada vez mais extenso relativo a um domínio cada vez mais restrito (FAZENDA, 2003, p. 42).

Dessa maneira, compreendemos que o conhecimento restrito cria muitas barreiras, e é necessário que se perceba a urgência de expandi-lo e apresentá-lo também sem engavetamentos. Fazenda (2003, p. 43), também aborda a interdisciplinaridade como uma exigência natural e interna das ciências, pois ela nos ajuda melhor compreender a realidade. Impõe-se tanto a formação do homem quanto a necessidade de ação.

Fazenda (2008, p. 21), ainda nos esclarece que as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo, o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua interação.

Dessa forma, é possível compreender a leitura como uma prática interdisciplinar que pode permear várias áreas, e não se esbarra somente em uma disciplina do currículo. O incentivo ou o trabalho relacionado a essa prática dentro da escola, precisa ser pensado de forma mais ampla de modo que tenha sentido para o aluno, independentemente de sua idade ou série que cursa.

Assim, tratar a leitura de forma interdisciplinar demanda uma mudança, principalmente, por parte dos professores com relação a conscientização da necessidade de rever suas práticas de incentivos à leitura.

Acima de tudo, interdisciplinaridade é uma mudança de postura, essa mudança é que fará a diferença no trabalho do professor em sua sala de aula. “É uma atitude coerente, que supõe

uma postura única diante dos fatos, é na opinião crítica do outro que se fundamenta a opinião particular” (FAZENDA, 2011, p. 11).

No ambiente escolar muitas vezes a leitura se dissolve entre as várias obrigações da escola. Desse modo, o trabalho de leitura é realizado para cumprir meramente um dever. E conforme Zilberman e Silva (2002), “professor não tem o cuidado de planejar a leitura com base nas diferentes modalidades de textos com que a criança está envolvida e que estimulam sua atividade consumidora” (ZILBERMAN e SILVA, 2002, p. 13). Isso é uma realidade que faz parte do cotidiano de uma grande parte das escolas brasileiras, principalmente em escolas públicas, por muitos motivos que não serão elencados por não serem objetos de análise desse trabalho.

A prática da leitura pode contribuir significativamente, não só para a formação do cidadão, mas também, para ajudá-lo nas resoluções ou relação com diversas questões de ordem pessoal, social e até mesmo psicológicas. Por isso é necessário ser vista com muito cuidado principalmente pela escola.

Zilberman & Silva (2002, p. 113), nos esclarecem que, “a leitura é um processo historicamente determinado, que congrega e expressa os anseios da sociedade”. E os autores ainda afirmam que:

Compreendida dialeticamente a leitura também pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização e um meio de aproximação dos indivíduos e a produção cultural, possibilitando o acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do leitor (ZILBERMAN & SILVA, 2002, p. 113).

Assim como a leitura não pode ficar apenas a cargo do professor de língua portuguesa, esse professor também não precisa fechar seu trabalho apenas em questões restritas à sua disciplina, como por exemplo, normas gramaticais e estruturas da língua.

Zilberman & Silva (2002, p. 115), corroboram que:

Uma pedagogia da leitura que objetiva a transformação do leitor, e através deste, da sociedade, dificilmente se funda na descrição da estrutura do (s) texto (s) [...] propõe, ensina, encaminha a descoberta exercida pelo (s) texto (s) num sistema comunicacional, social e político (ZILBERMAN & SILVA 2002, p. 115).

Angela B. Kleiman (2001, p. 13), aborda que “o processo de ler é complexo”. Afirmação que já nos remete a uma leitura que vai muito além de decifração ou interpretação do que foi lido, como já discutimos anteriormente. A autora segue nos esclarecendo que, “a leitura é considerada um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo momento com o que vem da página para chegar à compreensão”.

Desse modo, trazendo essa reflexão para nossa pesquisa, nos certificamos da abrangência da leitura, e seu caráter interdisciplinar. Pois, ratificando, o envolvimento em questões referentes à prática da leitura não cabe apenas ao professor de língua portuguesa. Essa questão exige envolvimento de todos, pois, para acessar os conteúdos de todas as disciplinas é necessário recorrer à leitura. Se não houver esse discernimento:

[...] a leitura, a julgar pelos exercícios de compreensão e interpretação dos livros didáticos e da sala de aula, fica reduzida, quase sem exceções, à manipulação mecanicista de sequências discretas de sentenças, não havendo preocupação pelo significado global do texto (KLEIMAN, 2001, p. 18).

A leitura trabalhada apenas dessa maneira, fica engessada aos muros da escola, uma vez que essa forma de trabalhar desgasta o leitor, e compromete todo o trabalho de formação de leitores permanentes, “se o professor não perceber a complexidade do processo de leitura e sua interação, ele estará na maioria das vezes, ecoando acriticamente comentários alheios, sem conseguir implementar essa visão, verbalizando sem agir” (KLEIMAN, 2001, p. 19).

Portanto, o trabalho com a leitura precisa de fato ser interdisciplinar, pois, permite acessar vários saberes, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, capazes não só de interpretar as vozes de outros, mas impor sua voz no momento certo, de forma segura, concretizando o objetivo da escola no que tange a formação leitores.

A prática da leitura é uma atividade que permite o leitor ampliar seu olhar e transitar por diferentes áreas. A leitura sempre oferece mais do que aquilo que lhe está aparente. Por isso, não pode ser utilizada apenas para um fim. É preciso que se explore tudo que o texto oferece, que também, por meio dele, se mobilize principalmente o conhecimento e as experiências de cada aluno em processo de formação do leitor.

Após considerarmos todos esses fatores com relação a leitura como prática na escola, nos proporemos agora, a discutir, qual relação dessa prática para a vida dos que se apropriam dela e utilizam todas as sensações e conhecimentos mobilizados durante esse ato, que é feito a princípio individualmente, mas que pode reverberar seus efeitos no coletivo.

3 A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

“Não há nada de especial na leitura, a não ser tudo que ela nos possibilita fazer”
(SMITH, 1989)

No decorrer desse capítulo, abordamos como a leitura pode contribuir em um processo de transformação social. Tratamos ainda, sobre o importante papel da escola e dos professores no processo de formação de leitores permanentes. Comprendemos que a leitura precisa fazer parte da vida dos estudantes de forma relevante, dando-lhes confiança na busca de soluções nas situações de âmbito pessoal e/ou social.

Por tratarmos da leitura como instrumento de transformação social, apreendemos que é relevante apresentar os entraves que circundam o trabalho direcionando à leitura e à formação de leitores nas escolas. Abordamos questões que envolvem os alunos no percurso de sua formação social e cultural.

Percorremos desde questões que estão relacionadas ao ambiente externo e interno da escola até questões que são de competências de autoridades constituídas e comprometidas com uma sociedade mais justa, participativa e equitativa. A transformação social é abrangente e complexa. Envolve direitos e deveres peculiaridades individuais dos sujeitos que convivem em sociedade.

Desse modo, discorreremos também sobre as políticas nacionais de leitura e escrita no Brasil, e o ensino da leitura na rede estadual de ensino no Estado do Tocantins. Tais discussões fazem-se necessárias para conhecermos a realidade enfrentada pela escola, alunos e sociedade, e assim, repensarmos ações que contribuirão para uma tomada de atitude em prol de um trabalho mais completo e significativo com relação a formação de leitores na escola.

É urgente que a leitura e a formação de leitores ocupem um espaço privilegiado dentro das instituições escolares, por meio de projetos e também nos planejamentos de aula dos professores. É importante que o professor esteja consciente do seu papel nesse trabalho que é tão complexo, mas que pode contribuir consideravelmente para a formação de uma sociedade melhor.

O pesquisador Ezequiel Theodoro da Silva (2002), nos esclarece que:

O professor é o intelectual que delimita todos os quadrantes do terreno da leitura escolar. Sem a sua presença atuante, sem o seu trabalho competente, o terreno dificilmente chegará a produzir o benefício que a sociedade espera e deseja, ou seja, leitura e leitores assíduos e maduros (SILVA, 2002, p. 19).

E a partir desse trabalho comprometido e da formação desses leitores “assíduos” e “maduros” (SILVA, 2002), espera-se uma possível transformação, inicialmente pessoal, ou seja de cada leitor, e em seguida, social, pois, o indivíduo leva para seus espaços sociais, suas experiências e concepções, podendo assim, contribuir e influenciar os espaços que ocupa, seja na escola, família ou em outros contextos possíveis.

Não estamos nos referindo ao fato de atribuir à leitura a responsabilidade de solucionar todos os problemas dentro da escola, ou até mesmo os problemas da sociedade em geral, “mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos, encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência” (PETIT, 2008, p. 10).

Consoante Yunes (1995):

De nada adianta “passar de ano”, obter um certificado, se não há mudança qualitativa de vida. Sem dúvida, a leitura por si só, não resolve os problemas sociais e/ou individuais, mas ter opções, compreender as situações é menos amargo que ser levado, sem domínio ao que se passa em torno (YUNES, 1995, p. 187).

No caso das escolas de periferia, mas especificamente no *lócus* desta pesquisa, essas palavras se apresentam de forma bem significativas devido as peculiaridades que surgem diariamente e que coadunam com o que foi exposto por Yunes (1995).

De acordo com as autoras Cintra e Passarelli (2012, p. 33), para o trabalho com a leitura produzir um efeito positivo e de fato influenciar na formação de novos leitores, é preciso esclarecer sobre as funções sociais da leitura, ou seja, mostrar para que serve, fato que contribuirá de forma substancial nesse processo que progressivamente apresenta-se mais complexo.

O trabalho relacionado à leitura, realizado com objetivos claros, bem direcionado e respeitando os limites e especificidades de cada indivíduo, tende a alcançar bons resultados. Lembrando que, os efeitos dos trabalhos dessa natureza, são observados no decorrer dos anos e por meio da observação do comportamento de cada aluno que, ao ser motivado se envolverá nas atividades ou nos projetos realizados na escola.

De acordo com Libâneo (2002):

É preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa como justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à vida e aos direitos básicos, como suportes de convicções democráticas (LIBÂNEO, 2002, p. 7).

Assim, a formação de leitores na escola precisa estimular o aluno a perceber-se envolvido nas ações, essa situação o instiga a fazer da prática da leitura uma atividade relevante para sua vida, particularmente quando nos referimos a alunos que estão inseridos em um contexto configurado por situações que em alguns momentos, o direcionam para um sentido contrário àquele que a escola considera adequado a eles.

Reiterando que a leitura vai além da decifração de palavras escritas, é indispensável lembrar que ela perpassa o âmbito da palavra, envolve todos os sentidos, e reverbera na prática dos que a realizam. Desse modo, cabe à escola conhecer seu público e trabalhar formas e métodos para alcançá-lo da maneira mais abrangente possível. “É preciso que os professores se desprendam de ‘parafernálias’ que reduzem a prática da leitura a questões artificiais e encarem a naturalidade da leitura” (SILVA, 2002, p. 23), dessa forma, seu aprendizado se tornará mais significativo para a vida de seus alunos.

Yunes (1995, p. 186), ressalta que, “ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele(...). O prazer de ler é também uma descoberta”. Dessa maneira, fica-nos evidente que ler contribui em muitos aspectos da vida de um indivíduo, o impulsiona e o transforma.

Na nossa prática diária como professor da rede pública, infelizmente ainda vemos dentro das escolas “um tripé de atividades”, conforme aborda Silva (2002), que nada contribuem para o incentivo à prática leitora, as questões de “cópia, paráfrase e memorização” (SILVA, 2002, p. 23). Esse tipo de prática, pouco ou nada contribui no processo de formação de leitores. E conseqüentemente, contribui menos ainda para uma transformação social.

A descoberta da leitura, como ressalta Yunes (1995, p. 186), além de despertar o leitor para outras visões de determinadas realidades, pode ser também um ponto importante nessa busca por um meio de reduzir a evolução da violência que ameaça crescer de forma avassaladora dentro das escolas, e conseqüentemente, contribuir para que nossos jovens, principalmente da periferia, vivenciem outras experiências, e que a partir delas, consigam compreender melhor as questões que envolvem os espaços sociais que frequentam.

Mencionando essas questões, estamos trazendo especificamente nossa discussão para as escolas de periferias, principalmente na escola foco dessa pesquisa, onde diariamente estamos numa constante luta na tentativa de auxiliar os alunos que vivem sob as ameaças da violência,

que existem outras possibilidades, outras maneiras de enxergar a vida e lidar com questões, muitas vezes tão obscuras a eles.

Esses temas apresentam-se como um duelo difícil que exigem preparo, coragem, criatividade e acima de tudo, compromisso com uma sociedade melhor e mais amadurecida. Ratificando, a escola não pode eximir-se de sua principal, mas não única função, que é formar um cidadão completo intelectual e culturalmente, e ainda preparado para atuar numa sociedade que está em constante transformação. E conforme Yunes (1995), “descobrir o serviço que a leitura presta, a capacidade que ela tem de fortalecer a cidadania, é um começo” (YUNES, 1995, p. 187).

Diante de tantas mudanças em praticamente todas as áreas que constantemente de forma muito direta atingem a sociedade, principalmente jovens, adolescentes e crianças, a leitura precisa ocupar um espaço para a formação cidadã desses sujeitos. Essa consciência ainda inquieta muitos profissionais que estão diretamente envolvidos com a promoção e formação de leitores nas escolas do nosso país.

Consoante Yunes (1995, p. 190) :

A leitura, que rasgaria horizontes, permitiria o sobrevoo, das circunstâncias e colocaria a informação a serviço da vida pessoal e social, se embota com o pragmatismo dos “deciframentos”, onde a relação do leitor com o mundo se esteriliza, no assético processo de alcançar as essências mesmas do “que-o-autor-quis-dizer” apesar de que ele tenha dito de fato, algo (YUNES, 1995, p. 190).

É necessário repensar o trabalho com a leitura na escola para que não atribuam a ela atividades vazias ou meros exercícios de busca da fala de outrem dentro de um determinado texto. A leitura precisa ser trabalhada de forma que lhe seja atribuída uma importância na prática social. Cintra e Passarelli (2012, p. 34), ressaltam a relevância da leitura de maneira conveniente, “se não é um remédio para todos os males, também não é algo insignificante, seja tomada como lazer ou instrução”.

Sendo assim, a leitura não pode ser negligenciada, tendo em vista sua contribuição na vida das pessoas que a pratica. Porém, ainda há percalços que precisam ser vencidos, tanto na escola, quanto fora dela, pois, conforme aborda a pesquisadora Tania Dauster (2003), “a aprendizagem da leitura e escrita é feita também em situações escolares muitas vezes precárias e em ambientes não-escolares” (DAUSTER, 2003, p. 109), por isso é importante focar nos objetivos e não nos obstáculos que surgem no percurso de formação de leitores na escola.

É pertinente enfatizar que todos os professores precisam acreditar e trabalhar, considerando que a prática da leitura é importante tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade, pois, “a promoção da leitura é uma responsabilidade de todo o corpo docente de uma escola e não apenas de professores de língua portuguesa. Não se supera uma dificuldade ou uma crise com ações isoladas” (SILVA, 2002, p. 24). O trabalho em equipe é fundamental nesse processo.

A escola tem muito a ganhar quando utiliza meios para equilibrar todas as áreas de seu currículo, principalmente no que tange a práticas de atividades que tenham o intuito de influenciar também na formação de alunos preparados para lidar com questões externas e internas, levando-os a interagir com mais segurança e consciência no que diz respeito ao tipo de cidadão que ele quer ser e que lugares quer ocupar na sociedade.

Petit (2008), pesquisadora francesa que investiga a leitura principalmente entre jovens de bairros de regiões periféricas, ressalta que:

A leitura, em particular leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas.[...] ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania (PETIT, 2008, p. 22).

Essa autonomia pode contribuir muito para uma transformação desse leitor em seu meio social, pois quando o jovem adquire ou amplia o seu conhecimento através das leituras que realiza, ele adquire mais segurança sobre seu estar em sociedade e sobre o que é de fato fazer parte de um grupo social.

O que notamos com nossa prática diária é que, o acesso à leitura ainda é visto como algo para um grupo seletivo, que está distante da realidade da maioria da população brasileira, ou até mesmo restrito ao mundo acadêmico. Incentivar a leitura e formar leitores que levem as emoções e sensações sentidas a partir de uma leitura para além da sala de aula, ainda representa um desafio a ser superado por muitas escolas brasileiras.

Com relação a esse desafio, Cintra e Passarelli (2012, p. 34), citam a pesquisa de Petit (2008), que trabalha com jovens marginalizados na França, ajudando-os a “sonhar, a imaginar novas possibilidades, a dar sentido para suas vidas”, a partir disso, a autoras ressaltam que:

(...) a nossa escola também pode fazer um trabalho importante, embora não seja fácil. Pode desenvolver atividades em que haja relatos de leituras entre os alunos, circulação

de livros entre estudantes da mesma sala e/ou de outras salas, descoberta de textos que atendam a necessidade dos jovens leitores. (CINTRA e PASSARELLI, 2012, p. 34).

Quando se trata de escolas nas regiões periféricas o problema toma proporções maiores, pois, às vezes, além de todas as dificuldades enfrentadas como: falta de investimentos por parte dos governos, precariedade dos espaços físicos, falta de investimento na formação continuada dos professores, entre outros problemas, ainda tem uma questão que envolve diretamente nossos alunos dificultando esse trabalho que é feito com eles: trata-se das situações de violência nas quais esses alunos estão expostos e inseridos.

Petit (2013, p. 34), faz a seguinte indagação: “como fazer para que uma pessoa se torne um leitor ou uma leitora, apesar de tantos obstáculos?” A autora ainda ressalta que “em grande parte, essa é uma questão relacionada ao meio social. Quando se vem de um meio pobre, mesmo com uma formação escolar, os obstáculos podem ser numerosos”. A pesquisa da autora é realizada na França, porém, percebemos que os entraves no trabalho com a leitura são semelhantes mesmo tratando-se de países com culturas tão distintas como no caso, o Brasil.

Ao trabalhar a leitura e formação de leitores principalmente em situações adversas, é preciso considerar também que:

A leitura pode ser, em qualquer idade, um recurso privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo [...] é uma via de acesso privilegiada [...] que ajuda a elaborar ou a manter o sentimento de individualidade, ao qual se liga a capacidade de resistir às adversidades” (PETIT, 2013, p. 67).

Mesmo mantendo esse “sentimento de individualidade”, citado por Petit (2013, p. 67), a elaboração desse “espaço próprio e íntimo”, pode levá-lo a ter uma compreensão mais abrangente dos espaços que ocupa coletivamente a partir da compreensão que possa adquirir de si mesmo e da sociedade.

3.1 Leitura e cidadania

Para falarmos em transformação social, abordamos o tema leitura e cidadania a fim discutirmos o papel da leitura nesse processo de formação do aluno no exercício de sua cidadania.

Achamos necessário retomarmos as abordagens de pesquisadores como: Lajolo (1993), que trata a leitura como forma de “entender o mundo” e “viver melhor”; Freire (1989), quando

nos esclarece que “a leitura da palavra é precedida da leitura de mundo”; e Yunes (2009), que diz que “ler é significar e ao mesmo tempo tornar-se significante”, dentre outros estudiosos que estão presentes neste trabalho. Dessa forma, fica-nos evidente que a leitura contribui para compreender e auxiliar o indivíduo a conviver em sociedade.

A cidadania é um dos fundamentos garantidos pela Constituição Brasileira de 1988. O termo cidadania nos remete a cidadão. Buscando a etimologia da palavra (MICHAELIS, 2009 p. 187), encontramos conceitos como: 1-Habitante de uma cidade, 2-indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, 3-indivíduo, sujeito.

Esse termo é bastante utilizado, principalmente em contextos políticos, em projetos de campanhas político-partidárias, porém, se nos prendermos a conceitos, dificilmente caminharemos em direção ao que nos interessa neste trabalho, nesse caso, a relação entre leitura e prática da cidadania. Buscando respaldo teórico, Silva (2009), destaca que:

O exercício da cidadania supõe, portanto uma atitude de compromisso mútuo, de parceria. Ao Estado, cabe velar pelo cidadão, estabelecendo normas e leis que disciplinem a vida social; ao cidadão, cabe exigir que essas normas sejam cumpridas e vigiar para que não sejam injustas ou excessivas. O ato de votar é a mais clara manifestação de cidadania, quando o cidadão livre e conscientemente escolhe seus representantes no governo (SILVA, 2009, p. 68).

A escola também busca contribuir na formação de um cidadão que exija o cumprimento das normas estabelecidas para uma sociedade. Para que o aluno chegue a esse nível, que é o esperado, é necessário que ele tenha oportunidade de buscar conhecer seus direitos e deveres, e saber como contribuir para a construção de uma sociedade menos desigual e também, tenha capacidade de opinar sobre os fatos e interpretar as situações que lhe exigirem tal habilidade.

Silva (2009), destaca que exercer a cidadania é “compromisso mútuo”. Essa reciprocidade entre cidadão e Estado não pode ser negligenciada. Por isso que, formar leitores permanentes, pode contribuir para formar cidadãos preparados para exercer seu direito pleno à cidadania pois, “[...] a consciência e o exercício da cidadania pressupõem um cidadão alerta, avaliativo e perspicaz” (SILVA, 2009, p. 70).

Quando associamos a prática da leitura ao exercício de cidadania, logo nos remetemos a grupos de alunos debatendo as suas leituras realizadas, bibliotecas bem equipadas com acervo atrativo, espaços de leitura adequados e professores comprometidos com a formação plena do aluno.

Porém, a realidade que percebemos nos espaços escolares muitas vezes é o oposto de tudo isso. Em muitos casos, a leitura é considerada uma perda de tempo, deixada apenas sob a responsabilidade do professor de língua portuguesa, ou dos professores da primeira fase do ensino fundamental.

Enquanto professores e demais funcionários da escola prevalecerem com esse pensamento com relação a leitura, não será possível formar alunos capazes de comportar-se, de fato, como cidadãos, no sentido mais pleno da palavra. Não é interessante ser um indivíduo inerte na sociedade, ele precisa ser protagonista no decorrer de sua própria existência. Pois, como diz Yunes (2003, p. 42), “[...] ler é uma questão de sobrevivência. Aos homens que não leem, e não apenas o verbal, não é fácil sobreviver”.

Conforme Yunes (2003, p. 42), “a leitura é uma prática obrigatória para tudo que fazemos: a cada pessoa que encontramos é preciso empreender uma aprendizagem, pois estamos diante de um texto novo, desconhecido”. Essa questão envolve a leitura em um sentido que vai além da palavra, porém, não a exclui.

Após uma leitura significativa, dificilmente enfrentaremos as situações da mesma forma, a cada leitura nos tornamos novos, e quanto mais experiências adquirimos, também podemos mudar nossa forma de ver o mundo. “Ao vivermos, mudamos e mudamos nossa leitura, não se perde o vivido, mas se acrescenta o vivo ao novo [...]” (YUNES, 2003, p. 49). Podemos acrescentar os novos conhecimentos adquiridos às nossas atitudes e posicionamentos, às nossas falas, às nossas ações. Não é interessante ler e deixar guardado tudo que foi revelado através da leitura.

Toda leitura revela algo, ou todo leitor descobre algo a partir de uma leitura, Yunes (2003), sabiamente nos esclarece que:

Na leitura somos menos nós [...] a palavra pessoal do leitor o expõe e o compromete [...] então todo o *humano* muda, porque nossa diferença mais radical entre todas as coisas criadas é ter voz para expressar o que dentro vai, é ter linguagem para dizer o novo, para fazer o novo [...] a linguagem, a voz, que nos dá o poder de dizermos quem somos a nós mesmos, nos humaniza: ser dono da própria voz é o mais humano que podemos alcançar em nossa partilha de vida com os outros (YUNES, 2003, p. 50).

Nesse sentido é que depreendemos que formar leitores, é formar cidadão comprometido com causas que o afetam ou aos que fazem parte de seu grupo social. Também é contribuir para

que hajam cidadãos mais atuantes, que expressem sua voz na sociedade, não se calem e nem se omitem.

Sabemos que, diante de constantes mudanças em todas as áreas da sociedade, a tendência é a humanidade partir para o individualismo, onde todas as concepções de cidadania com as quais já nos familiarizamos, tendem a perder seu sentido. Mas não podemos perder de vista o fato de que, “necessitamos mais de *socialidade*, que de sociedade”. (YUNES 2003, p. 52).

Precisamos não só estar em um grupo social, mas sim, de fato, fazer parte dele, fazer-se presente com atitudes que sejam significativas tanto para o individual quanto no coletivo. E isso exige uma mudança de postura, e para isso, é indiscutível a contribuição da leitura para o indivíduo em uma sociedade. Ainda, como diz Leahy (2006):

É importante esclarecer que a leitura exige adesões. Pessoas interessadas em mudar o rumo de nossa história, que ainda procuram por onde começar, devem saber que o caminho é a leitura. É por intermédio dela que se planta o primeiro parágrafo de uma sociedade mais justa e cidadã. Semeando a leitura, colhemos o prazer de ler e entender, com seus dilemas e suas perplexidades, mas também suas alegrias e possibilidades (LEAHY, 2006, p. 11).

A leitura pode proporcionar ao leitor, a oportunidade de ser e sentir-se de fato um cidadão que possa exigir seus direitos, sejam eles quais forem. Gozar desses direitos e viver de forma mais livre, pois a leitura também proporciona a liberdade através do conhecimento e de todas as sensações que possam ser despertadas no leitor. Liberdade para agir e pensar diante das situações que lhes forem apresentadas e as possibilidades de usufruir de sensações que jamais lhes foram despertadas.

Antônio Candido (2017), ressalta a importância da literatura para uma humanização, ou seja, literatura e conseqüentemente leitura, atingem proporções que vão além da questão de estar na sociedade e de adquirir conhecimento, o autor enfatiza que ela confirma o homem na sua humanidade.

Candido (2017), ressalta que:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo[...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2017, p. 177).

Por isso, todo país precisa pensar em garantir esse direito aos seus cidadãos. É preciso que sejam criados programas e políticas públicas que garantam o acesso a livros e à leitura de

forma digna e gratuita. No Brasil, programas como PNLL e PNLE visam garantir o acesso ao livro e à leitura como forma de possibilitar o exercício pleno da cidadania.

3.2 Políticas Públicas de acesso ao livro e a leitura no Brasil

Nesse item, abordamos duas políticas públicas pensadas nas últimas décadas que consideramos importantes para propiciar a formação de leitores. É relevante a criação de políticas públicas que tenham o objetivo de fomentar a elaboração e execução de projetos e programas que visem tornar a leitura acessível todos os alunos brasileiros.

Compreendemos que a leitura seja primordial para a formação do aluno pois, contribui para desenvolvimento intelectual e sua prática social. Formar leitores críticos que sejam capazes de modificar sua realidade exige o envolvimento por parte da escola, família, sociedade e governos em todas as suas esferas.

3.2.1 Política Nacional de Leitura e Escrita - PNLE

O Tocantins como todos os outros estados brasileiros, não pode ignorar as políticas nacionais que são criadas para atender os direitos de todos os seus cidadãos. E no que diz respeito à leitura, atualmente o Brasil conta com uma política nacional para a leitura e também para a escrita.

Em 12 de julho 2018 por meio da lei nº 13.696 foi instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita, que “tem como estratégia permanente promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil” (BRASIL, 2018).

De acordo com BRASIL (2018), essa lei tem como diretrizes: a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas; o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania, para viver uma vida digna e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa.

Também são diretrizes: o fortalecimento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no âmbito do Sistema Nacional de Cultura (SNC); a articulação com as demais políticas de estímulo à leitura, ao conhecimento, às tecnologias e ao desenvolvimento

educacional, cultural e social do país, especialmente com a Política Nacional do Livro, instituída pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003; o reconhecimento das cadeias criativa, produtiva, distributiva e mediadora do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas como integrantes fundamentais e dinamizadoras da economia criativa (BRASIL, 2018).

Todas essas diretrizes nos apontam para um comprometimento de todo o país na formação de leitores permanentes dos quais nós estamos falando no decorrer desse trabalho. Os objetivos dessa lei é alcançar a democratização do acesso ao livro e aos diversos suportes à leitura, a fomentação, a formação de mediadores de leitura, o fortalecimento de ações de estímulo à leitura, a valorização da leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional, o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao fortalecimento da economia nacional (BRASIL, 2018).

Dentre esses objetivos elencados em BRASIL (2018), ainda podemos constatar: a promoção da literatura, as humanidades e o fomento aos processos de criação, formação, pesquisa, difusão e intercâmbio literário e acadêmico em território nacional e no exterior. Para autores e escritores, o fortalecimento institucional das bibliotecas de acesso público, o incentivo às pesquisas, estudos e o estabelecimento de indicadores relativos ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas, a promoção e a formação profissional no âmbito das cadeias criativas e produtiva do livro e mediadora da leitura, o incentivo à criação e a implantação de planos estaduais, distrital e municipais do livro e da leitura, em fortalecimento ao SNC; o incentivo à expansão das capacidades de criação cultural e de compreensão leitora.

A lei estabelece também a consecução dos objetivos da política nacional de leitura e escrita, será elaborado, a cada decênio, o plano nacional do livro e leitura (PNLL), que estabelecerá metas e ações, nos termos de regulamento.

3.2.2 Plano Nacional do Livro e da Leitura- PNLL

Em 10 agosto de 2006 através de uma portaria interministerial nº 1.442, através dos ministérios da educação e cultura foi criado o PNLL, Plano Nacional do Livro e da Leitura. E em 1º de setembro de 2011 foi instituído pelo decreto 7.559, firmado pela atual presidente da república. O plano foi criado a partir da constatação de altas taxas de analfabetos tanto absolutos como funcionais, e baixa proficiência em matemática e língua portuguesa, ocasionada pela falta

de leitura e baixo índice no consumo de livros. Para tanto, o objetivo geral do PNLL é assegurar a toda a sociedade o acesso ao livro e à leitura.

Para que se forme uma sociedade mais participativa e consciente, o acesso à leitura precisa estar nos planos de todas as esferas do governo. Tanto a leitura, como a educação escolar precisam ser priorizadas em qualquer plano de governo.

Para Mosé (2013, p. 71) “a educação, especialmente a pública, é um processo extremamente complexo e contínuo, que envolve desde a elaboração e implementação de políticas, em níveis federal, estadual e municipal, até a gestão de sala de aula”. Em consonância com a autora, percebemos a importância de haver uma coerência entre todos os órgãos para que os resultados positivos possam ser alcançados.

3.3 O ensino da leitura na rede pública estadual do Tocantins

Após discutirmos sobre a leitura como um instrumento de transformação social e sua importância na formação do cidadão, propomo-nos a discorrer, sem muito aprofundamento, mas de forma que atenda aos objetivos desta pesquisa, sobre a atual situação do ensino da leitura no estado do Tocantins e quais medidas estão sendo tomadas para o incentivo e promoção da leitura no Estado.

Através de pesquisas em documentos como o PPP, Projeto Político Pedagógico da escola selecionada para essa pesquisa e o projeto de incentivo à leitura da rede estadual de ensino do Tocantins, analisamos se a leitura é compreendida como uma prática social que exige o comprometimento de todos. Pois compreendemos que sem envolvimento, principalmente por parte dos governos e escolas, os estudantes ficarão prejudicados em questões que são imprescindíveis para sua formação como cidadão ativo e consciente.

E especificamente com relação a essa pesquisa, observamos a relevância da leitura no enfrentamento a questões relacionadas às situações de violência vivenciadas pelos alunos da escola-campo, no sentido de utilizá-la como estratégia auxiliar no enfrentamento desse problema que atinge diretamente o ambiente escolar.

Para que hajam resultados satisfatórios no que tange ao ensino da leitura em qualquer Estado ou cidade do Brasil, é preciso pensar em políticas e investimentos que estimulem e facilitem o acesso à leitura tanto para alunos, quanto para professores. Acreditamos que para

que os professores realizem um bom trabalho com leitura na escola, é preciso que eles estejam motivados e envolvidos para incentivar seus alunos a partir de sua experiência.

O estado do Tocantins é o mais novo da Federação com apenas três décadas de criação. Nesse espaço de tempo, o Brasil tem passado por várias mudanças na área do ensino, e com certeza, questões relacionadas à leitura tem caminhado juntamente com essas transformações, e o Estado, não poderia ficar alheio a todo esse movimento. Dessa forma, foi criado em 2015 o programa Vamos Ler! Com o intuito de incentivar a leitura na rede estadual de ensino.

3.3.1 O programa de incentivo à leitura da Rede estadual de ensino do Tocantins: Vamos Ler!

A rede estadual de ensino do Tocantins elaborou em 2015 o programa do livro e da leitura intitulado, “Vamos Ler!”, cujo slogan é: “O Tocantins vai mais longe com a leitura”. O programa foi criado com o intuito de implementar a Política Pública do Plano Estadual de Educação (PEE, 2015), que por sua vez, já está cumprindo também o que está estabelecido no PNLL, na perspectiva de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social no que diz respeito a bens, serviços e cultura.

Consoante a sua apresentação, o programa foi criado com o objetivo de “sistematizar e fortalecer as ações de incentivo à leitura e de produção de texto” (TOCANTINS, 2015). No que tange a operacionalização do programa, são levados em consideração “os trabalhos realizados nas unidades escolares, e ainda, ações e eventos de mobilização do público tocantinense” (TOCANTINS, 2015). O público-alvo do “Vamos Ler!” é constituído por professores, coordenadores pedagógicos, gestores, monitores, voluntários, técnicos de bibliotecas e bibliotecários. O Programa visa instrumentalizar esse público para realizar o trabalho de formação de leitores críticos e proficientes.

Com relação às bases legais que regem a criação e implementação do programa “Vamos ler!”, o mesmo traz em sua justificativa o seguinte:

Em cumprimento ao Plano Nacional de Educação foi sancionada em 8 de julho de 2015, a Lei Nº 2.977, que aprova o Plano Estadual de Educação do Tocantins – PEE/TO (2015-2025), o qual na meta 23 e estratégia 23 garante até o segundo ano de vigência do PEE/TO, políticas públicas de incentivo à leitura, contemplando formação de leitores(as) e a capacitação de professores(as), de todos os profissionais das bibliotecas e agentes da comunidade, para atuar como mediadores da leitura, de acordo com a especificidade das diferentes etapas do desenvolvimento e da aprendizagem, em regime de colaboração com a União e os Municípios (TOCANTINS, 2015, p. 7).

Além de estar embasado no PNLL (2006), o programa também é amparado pela Constituição Federal de 1988, artigo 205, que estabelece a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família [...] visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Também pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96, que em seu artigo 22, determina como finalidades da educação básica, desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

O “Vamos Ler!”, também está amparado no Plano Nacional de Educação (2015-2025), meta 7, estratégia 7.33, que estabelece para a melhoria da qualidade da Educação Básica, os estados devem:

Promover, com especial ênfase, em consonância com as diretrizes do Plano Nacional do Livro e da Leitura, a formação de leitores e leitoras e a capacidade de professores e professoras, bibliotecários e bibliotecárias e agentes da comunidade para atuar como mediadores e mediadoras da leitura, de acordo com a especificidade das diferentes etapas do desenvolvimento e da aprendizagem (BRASIL, 2015).

O programa “Vamos ler!”, apresenta os dados do Instituto Pró-livro de 2011, que diz respeito aos resultados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, o objetivo dessa pesquisa é avaliar o comportamento do leitor brasileiro. De acordo com a pesquisa em 2008, o brasileiro apresentou anualmente índices de 4,7 livros lidos, e 4 livros lidos em 2012. Os dados ainda mostram que no Brasil lê-se menos que do que na Argentina, no Chile e menos da metade do que se lê em Portugal e Espanha, que apresentam respectivamente a quantidade de 8,5 e 10,3 livros lidos anualmente.

De acordo com o Programa e com base nas pesquisas realizadas entre os anos de 2008 a 2012 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD):

As mães não são mais as principais incentivadoras da leitura, e sim os professores. Nesta perspectiva, a escola apresenta-se como grande influenciadora do ato de ler. No entanto, a escola tem encontrado dificuldades para assumir esse importante papel, pois não basta apenas investir em bibliotecas, se o leitor não for cativado, e que não será possível cativar leitores se ele não compreende o que lê (TOCANTINS, 2015, p. 7).

O Estado do Tocantins apresentou resultados insatisfatórios no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) de 2012. Comparando com a avaliação de 2009, que obteve a pontuação de 390.7, em 2012 caiu para 380.6. De acordo com os dados do IDEB do ano de

2013, apenas 39% dos alunos tocantinenses do 5º ano, aprenderam o que é adequado para essa fase, no que diz respeito à leitura e interpretação textual. Com relação ao 9º ano, esse número cai para 19%.

Considerando todas essas informações e na perspectiva de promover ações visando o fortalecimento de políticas públicas que incentivem a leitura, o programa estadual “Vamos Ler!”, “propõe estimular a leitura e escrita em todas as disciplinas dos diferentes componentes curriculares, bem como, oportunizar à comunidade escolar a realização de planejamento interdisciplinar visando melhoria nos resultados acadêmicos” (TOCANTINS, 2015, p. 8).

Ações como essas, se executadas como está previsto, impactam de forma positiva no sistema educacional do Estado. O Tocantins está em conformidade com a lei no cumprimento de um Programa Estadual do Livro e da Leitura. A partir desse programa, cabe a cada unidade escolar criar suas metas e ações para cumprir o que está no planejamento estadual.

Diante disso, ressaltamos também a importância de priorizar a leitura no Projeto Político Pedagógico –PPP de cada instituição escolar, não só na disciplina de língua portuguesa, mas em todo o seu currículo. Pois, é preciso que a escola não perca de vista seu principal objetivo que a formação do aluno. Para isso, não pode compactuar com uma educação que apresente objetivos isolados, pois de acordo com Mosé (2013, p. 82):

A escola, cada vez mais, deverá ser um espaço aberto e a educação, inevitavelmente vinculada à cultura. A vida deve ser uma dimensão integradora das relações na escola. Se não houver vida naquilo que aprendemos, então não há educação, formação e muito menos aprendizagem (MOSE, 2013, p. 82).

Dessa forma, a implantação de políticas públicas que possibilitem essa integração do aluno, escola e sociedade por meio da leitura, valida um direito à cidadania e uma transformação social, que parte de uma transformação no modo de ver o mundo e tudo ao seu redor. Essa transformação pode iniciar a partir de uma estratégia que vise por exemplo, lidar de forma mais eficaz com a violência na escola e reverberar em outras situações que envolvem os alunos, a escola e a sociedade.

3.3.2 A leitura no PPP da escola-campo

Em consonância com os planos e programas nacionais e estaduais, a escola campo elabora seu projeto Político Pedagógico (PPP). O PPP é um documento importante para uma

instituição escolar. A orientação para construção desse documento consta do artigo 12 da LDB 9394/96, que incumbe as instituições de ensino de elaborarem e executarem sua proposta pedagógica, garantindo de forma prioritária o desenvolvimento acadêmico dos seus alunos. De acordo com Veiga:

O projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola (VEIGA, 1995, p. 12).

De acordo com as bases legais do país e do estado, a escola campo elaborou seu PPP, incluindo ações que possibilitassem através da leitura, uma formação ampla e o desenvolvimento da prática leitora de forma dinâmica e integral. As ações envolvem os alunos do ensino fundamental da primeira e da segunda fase, como também alunos do ensino médio.

As ações propostas no PPP da escola onde foi realizada a pesquisa, envolvem: realização de sarau literário, feira de artes e literatura, roda de leitura inclusiva, gincanas de leituras, rodas de leituras quinzenais para a primeira fase do ensino fundamental e semestral para a segunda fase. E para a segunda fase, os professores propuseram também a leitura de um livro infanto-juvenil por bimestre (CAMPOS BRASIL, 2018, p. 35).

O plano de ação do PPP da escola-campo tem como principal objetivo: “garantir uma educação de qualidade para todos”. As metas do PPP dessa instituição não estão diretamente ligadas à leitura e formação de leitores e nem à quebra do círculo de violência vivido por eles. Referem-se à elevação dos índices de aprovação anual.

Mas, tais atividades podem corroborar na formação de alunos conscientes da contribuição da leitura para sua formação cidadã nos ambientes sociais que ocupam. A questão da violência na escola pode ser também tratada, no sentido de esclarecê-los sobre o papel do aluno na escola e a importância de sua formação acadêmica dentro da sociedade.

Com a elaboração de programas e planos nacionais e estaduais voltados para o incentivo à prática da leitura, e ao compreender que ela pode contribuir para a formação de uma sociedade mais participativa, acreditamos que é possível haver uma transformação social, com mudanças de atitudes e postura diante de fatos que possam atingir a todos. Isso inclui as questões que envolvem as situações de violência citadas no decorrer desta pesquisa.

É preciso também que a escola priorize uma formação mais ampla e significativa, e que os professores compreendam que a leitura não se restringe apenas à disciplina de língua

portuguesa, nem sirva apenas para que o aluno preencha relatórios e questionários impostos. É preciso que a leitura seja vista como uma forma de libertar para novas perspectivas, e não como forma de aprisionamento a opiniões e conceitos impostos.

Uma transformação social pode partir de uma escola transformadora, que estabeleça objetivos para além do ensino de conteúdos, mas que garanta principalmente aos alunos de classes menos favorecidas, seu direito de estar e participar dignamente na sociedade. De acordo com a pesquisadora Magda Soares (2002, p. 73):

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através do ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural, política e de reivindicação social (SOARES, 2002, p.73).

Por meio desta afirmação, constatamos que a escola, pode, através do incentivo à leitura, proporcionar aos seus alunos espaços de discussões e conscientização sobre as questões que mexem diretamente com sua formação de consciência cidadã.

A leitura proporciona ao aluno uma articulação de conhecimentos. Esses conhecimentos podem ser acessados através da leitura, independente de como isso possa ocorrer. Ainda de acordo com Soares (2002, p. 75), “[...] numa escola transformadora, a articulação de conhecimentos produzidos por diferentes teorias se faz a partir de uma concepção política da escola, vista como espaço de atuação de forças que podem levá-la a contribuir na luta por transformações sociais”.

Em suma, levando em consideração as políticas nacionais e estaduais e as próprias políticas, visando à inclusão dos seus alunos na sociedade, a escola pode promover instrumentos que contribuam para uma transformação social de forma mais digna e justa.

3.4 Leitura e violência na escola

A violência que ameaça as escolas é uma situação muito real, porém, muitas vezes é vista apenas como atos aleatórios de alguns alunos. É preciso analisar cada caso para que o trabalho com a leitura na escola seja produtivo. É necessário compreender que trabalhar com a leitura envolve muitos outros fatores que vão além de questões próprias do ambiente escolar. Há muito o que se refletir sobre os efeitos dessa prática, e como diz Petit (2013):

O que está em jogo a partir da leitura é a conquista ou a reconquista de uma posição de indivíduo. Pois, os leitores são ativos, se apropriam do que leem, dão outro significado aos textos lidos, deslizam seus desejos, suas fantasias e suas angústias entre as linhas e desenvolvem uma atividade mental (PETIT, 2013, p. 68).

É preciso enfatizar, que muitos fatores são necessários para que os estudantes alcancem esse nível de apropriação que aborda a pesquisadora. Apenas a prática da leitura não consegue resolver a problemática da violência nas escolas, mas, essa “conquista e reconquista” que a autora se refere, tem sua contribuição assertiva nesse percurso permanente.

Os tipos de leitores, que a escola se propõe formar, são leitores que se apropriam do que leem para em seguida dar-lhe sentido, pois se não for assim, será um trabalho vazio. Quando a leitura passa a ter significado na vida de quem lê, com certeza surte um efeito positivo em todos os aspectos, e isso pode contribuir para que o leitor consiga lidar melhor com as situações que enfrenta no seu cotidiano, inclusive questões sofridas em contextos marcados pela violência.

Ao observarmos as respostas contidas nos questionários aplicados na sala de oitavo ano, percebemos que a violência no ambiente escolar muitas vezes é praticada como reflexo de um contexto vivenciado pelos alunos. A escola acaba sendo o local onde eles têm a oportunidade de extravasar tudo que veem e ouvem diariamente. A escola também é um ambiente onde eles convivem com diversas pessoas e situações que por algum motivo podem desestabilizá-los, levando-os a agir em determinados momentos de forma violenta.

Do mesmo modo, é válido ressaltar que o trabalho com a leitura envolvendo jovens e adolescentes nessa situação, pode contribuir para solucionar outros problemas que estão relacionados diretamente à escola como: dificuldade na escrita, na oralidade, etc. A leitura atinge áreas que às vezes vão além de nossas expectativas. Ainda de acordo com Petit (2013, p. 110), “a leitura nos abre para outro lugar onde nos dizemos, onde elaboramos nossa história apoiando-nos em fragmentos, relatos, em imagens, em frases escritas por outros”.

Essa “fuga”, essa “abertura para outros horizontes”, podem contribuir para a transformação social desses alunos, muitas vezes de forma sutil, mas em outros casos a mudança é rápida, como veremos mais adiante na exposição dos dados analisados. É importante destacar ainda que conforme Yunes (1995, p. 193), “a leitura não se constrói sobre o nada. Há algo que provoca o leitor, lhe interessa, lhe instiga um outro pensamento que lhe permite dar asas à imaginação”. Isso deve ser levado em consideração pela escola.

No ambiente escolar, crianças, jovens e adolescentes com histórico de vida marcado por diversos tipos de violência, torna o trabalho com a leitura desafiador. Em muitos casos a prática docente consiste em encontrar uma maneira de convencer esses alunos a concentrar-se e interessar-se por leituras de livros, ou histórias que geralmente refletem um mundo totalmente oposto ao que eles estão acostumados. Por isso, é importante também oportunizar realização de leituras que estejam relacionadas ao seu cotidiano ou à sua realidade.

Candido (2017, p. 178) destaca que a literatura tem um papel formador da personalidade, mas não segundo convenções, seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Compreendendo literatura e leitura como partes indissociáveis e nos respaldando nas palavras de Candido (2017), entendemos que de todo modo, elas contribuem pra a transformação do leitor e é nessa questão que um trabalho com formação de leitores deve focar.

As atividades de prática de leitura, geralmente visitas à biblioteca e rodas de leitura no espaço escolar nem sempre são realizadas de maneira que garantam o bem-estar do aluno e despertem seu interesse pelos livros ou leituras em outros suportes. No entanto, cabe à escola a tarefa de mostrar-lhes que eles também têm o direito de participar de tais atividades, que não precisam estar em constante defesa ou desmotivado com tudo e com todos, mas sim, desfrutar de uma boa leitura, de bons momentos de forma individual ou em grupo.

Consoante a pesquisadora Yunes (1995, p. 195):

Ler é, pois, um ato de primeira instância no esboço da consciência de si mesmo e do outro e sua inscrição no mundo se dá como uma escrita, de vida [...] é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-la com palavras, gestos, traços [...] é significar e ao mesmo tempo tornar-se significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo (YUNES, 1995, p. 195).

Com relação aos estudantes de bairros periféricos, principalmente os participantes dessa pesquisa, acreditamos que a leitura pode contribuir para auxiliá-los a lidar com questões conflituosas, e, também, para que possam conscientizar-se de sua capacidade em contribuir para a superação dos entraves que surgirem. Esperamos que os alunos percebam a vida de uma outra forma, preservando-se das situações que lhes sucumbem socialmente e passem a sentir-se alguém com voz e presença significativa nos espaços onde estiverem.

O pesquisador Vicente Martins (2008), ressalta que:

A leitura é uma das habilidades linguísticas ,quando bem trabalhada na escola favorece a diminuição da violência escolar uma vez que desenvolve a capacidade de aprender e de aprendizagem de crianças, jovens e adultos que tem, no ato leitor, um passaporte para a civilização do conhecimento (MARTINS, 2008, p. 1).

Compreender a leitura como algo que também contribui para a redução da violência na escola está longe de ser apenas uma utopia. Oferecer aos alunos o direito a esse “passaporte para a civilização do conhecimento” (MARTINS, 2008), pode ter efeitos que vão muito além de questões curriculares. Porém, um trabalho dessa natureza requer muita organização e dedicação e comprometimento de todos que compõem a escola.

De acordo com Petit (2013, p. 113), a leitura pode sacudir crenças bem estabelecidas, até então, desvirtuar uma representação do mundo baseada na oposição entre ‘eles’ e ‘nós’. Porém, se às vezes pode relaxar certos vínculos comunitários, também convida a outras formas de pertencer a uma sociedade. É esse sentimento de “pertencer a uma sociedade”, que esperamos despertar a partir do trabalho desenvolvido com a leitura, que os alunos possam enxergá-la como um meio capaz de lhes proporcionar esse sentimento e dessa forma possam recorrer a ela diariamente.

Por meio das experiências e conhecimentos adquiridos e sentimentos despertados, acreditamos que o leitor possa de algum modo contribuir para a transformação gradativa do meio ao qual pertence e conseqüentemente, construir uma sociedade mais consciente, participativa e que consiga encontrar meios para lidar com as diferenças sem recorrer à violência, principalmente no ambiente escolar.

3.5 Leitura e contexto social

Nesse item, discorreremos sobre a relação entre contexto social e leitura. Para tanto, procuramos abordar a influência do contexto social na formação do leitor. Discutimos também, a importância da leitura em contextos muitas vezes esquecidos pelo poder público e pela própria sociedade, como por exemplo, na periferia. E ainda, apresentamos o contexto social dos alunos envolvidos nessa pesquisa.

Segundo Petit (2009, p. 22), “em tais contextos, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos, e além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida em suma”. Essa

contribuição na busca de se reconstruir nos espaços sociais nos quais os alunos se inserem, não pode sair do foco dos professores no engajamento com a formação de leitores.

A instituição escolar como um todo, também precisa preparar-se para alcançar esse objetivo, equipando suas bibliotecas, organizando os espaços, comprometendo-se com a formação social e cultural do aluno. Em nossa prática diária, como docente, é comum encontrar professores que se sentem desmotivados e em muitos casos, sem apoio nos projetos que pretendem realizar. Por esse motivo, não investem em ações que incentivem a leitura, e não as incluem em seus roteiros de atividades semanais ou anuais.

Não pretendemos julgar nenhuma atitude desses profissionais, porém, é preciso refletir sobre a necessidade desses alunos de participarem de atividades que de fato lhes possibilitem compreender as questões pertinentes à sua realidade, principalmente no que tange à violência presenciada por eles constantemente.

Para enfrentar questões tão delicadas em contextos marcados por situações de violência, o professor precisa conscientizar-se de que conteúdos curriculares não são suficientes para lidar com assuntos tão complexos como os que marcam o contexto dos alunos que estudam em escolas situadas em periferias. Transpor os muros da escola exige batalhas que precisam ser vencidas pelos professores, para que consigam alcançar seus objetivos com relação aos alunos. Silva (2002), classifica como uma dessas batalhas a “redescoberta do aluno”, que segundo o autor precisa ser visto como uma:

Pessoa com dificuldades, problemas, aspirações, sentimentos, paixões, valores e potenciais específicos. Pessoa que, devido a uma multiplicidade de estacas opressoras, o professor parece ter deixado de enxergar objetivamente. Uma leitura amorosa e solidária da pessoa do aluno deve ser feita para tirá-lo da condição de simples número da “tripinha” de notas dos diários de classe ou de máquina de xerox das lições padronizadas dos livros didáticos (SILVA, 2002, p. 32).

Ao planejar uma atividade de leitura que contribua para a vida do aluno, o professor precisa considerá-lo como um indivíduo que tem emoções, desejos, preocupações e que não vive isolado. É necessário que seu contexto seja considerado, mas com cuidado para não limitar as leituras que lhes forem propostas.

A sensibilidade com relação às peculiaridades dos alunos é necessária para contribuir no êxito das atividades comprometidas com o estímulo à sua participação e envolvimento com o que está sendo lido. Como afirma Yunes (2009, p. 23):

O ato de ler, na medida em que vem apelar ao receptor por sua participação, acaba provocando suas memórias e nelas, suas posturas, seus sonhos e opiniões até então encobertos ou desconhecidos por ele próprio. O ato de ler convoca ao exercício pensar, e neste, ao de encontrar. (YUNES, 2009, p. 23).

Em vista disso, não adianta impor leituras e cobrá-las aos alunos em forma de questionários ou outras atividades com respostas pré-estabelecidas. É necessário envolvê-los e zelar para que eles também se sintam importantes em cada etapa de sua formação como leitores. Cada tipo de leitura tem seu valor, desde os clássicos aos contemporâneos, e isso precisa ser claramente compreendido pela escola. O importante é não esquecer de considerar a opinião e gostos dos educandos. Assim, como destaca a pesquisadora Yunes (2009):

O ato de ler, porque implica a memória de experiências que se vão avivando, convoca-nos a pensar e dizer quem somos nós por meio daquilo que dizemos sobre tudo que nos cerca. Esse contexto é, em verdade, compartilhado com muitos outros que influenciam nossas histórias e memórias (YUNES, 2009, p.27).

Por avivar memórias e convocar o leitor à reflexão, é necessário levar em consideração também os seus sentimentos e emoções, além do contexto social, conforme destacamos até aqui. A nossa literatura é um leque muito vasto, e muitas vezes a escola se prende apenas a trabalhar os clássicos (os cânones da literatura), não observando os tipos de leitura que contribuem para seus alunos despertar suas memórias de experiências e construir outras que lhes possibilitarão compartilhar e contribuir na sociedade por meio de suas ações ou palavras.

Não se trata de desmerecer os clássicos ou insinuar que não precisam ser lidos. Pelo contrário, os alunos precisam e têm o direito de conhecê-los, porém, para inserí-los em cultura leitora, é relevante considerar suas preferências, abrindo-lhes caminhos e preparando-os para todos os tipos de leituras. Uma vez instigados a ler de forma espontânea e sem coerção, o caminho já estará aberto a outros desafios e outras descobertas.

A leitura de forma imposta não surte efeito, por isso reiteramos que o tipo de leitura apresentado ao aluno, principalmente quando envolve jovens e adolescentes, em contexto de violência, precisa lhe possibilitar a interagir com seus anseios, mobilizar inicialmente seus próprios repertórios de memórias, para que aconteça de fato uma leitura relevante.

Yunes (2009) aborda que essa “interação de quem lê com o lido configura-se uma interpretação”. Ler para interpretar e posicionar-se diante de fatos e formar-se criticamente

apresenta-se como uma das competências pretendidas no percurso da formação de leitores permanentes.

A leitura se dá na interação de quem lê com o lido, e toda leitura já é uma interpretação. Portanto, a formação da pessoa como interlocutora do mundo está ligada aos acervos que partilha e aos repertórios que elege como seus, inclusive seu desempenho expressivo, assentado sobre sua capacidade de pensar singularmente, com originalidade suficiente para que não seja mera repetidora do que ouve sem se colocar criticamente (YUNES, 2009, p. 34).

É necessário esclarecer que, não coaduna a essa discussão, a pretensão de fechar as opções de leitura dos alunos ou rotulá-las devido seu contexto social. A leitura não pode ser restrita a um ambiente, ou a um suporte ou a qualquer tipo de enquadramento que possa ser imaginado. Todos têm o direito de ler o que quiser, independente de seu contexto social ou quaisquer outras variantes.

No entanto, não podemos ignorar que quando interagimos com algo que nos familiariza com aquilo que vivenciamos, há uma tendência a nos abirmos para uma aceitação mais equilibrada. De acordo com Horellou-Lafarge e Segré (2010):

O leitor muda e renova suas leituras ao sabor de suas experiências; abandona ou retoma a prática da leitura, modifica suas escolhas. Não-leitores podem tornar-se grandes leitores; pode adquirir a familiarização com o livro conforme as peripécias da vida, graças a encontros mais ou menos estimulantes [...] (HORELLOU-LAFARGE e SEGRÉ, 2010, p. 123).

Concebemos que é possível formar leitores conscientes e permanentes, independente do seu contexto social, pois a capacidade de ler está além das convenções sociais. Mas é preciso refletir sobre o envolvimento que o trabalho exige e a necessidade de olhar o aluno de forma mais ampla, e não exergá-lo simplesmente como um receptor de conteúdos escolares.

Os resultados irão reverberar ao longo da vivência de cada leitor. Por isso, o trabalho precisa ser feito com responsabilidade e compromisso. E ainda de acordo com Horellou-Lafarge e Segré (2010, p. 124), “A prática da leitura também tem sua vida própria. As leituras se sucedem, mas nem sempre se assemelham; elas se influenciam, modificam, agem sobre o leitor, levado a desviar seu trajeto à mercê de seus encontros e de seus desejos”.

Assim como o contexto social e tipos de textos podem influenciar a leitura, pode ocorrer também que o aluno, leitor em formação, influencie em seu contexto. Porém, o extraordinário nisso tudo é que, após despertar o gosto pela prática da leitura, o leitor ultrapassa fronteiras sociais e de outros tipos, e passa a perceber novas possibilidades.

Os alunos não agirão acriticamente em seu contexto social, contribuindo para modificá-lo, e modificando a eles mesmos com pequenos gestos e ações que surtam efeitos que sejam positivos, principalmente na escola, ou até com grandes atitudes que possam ser vislumbrada por todos que convivem com eles.

3.5.1 Interação entre leitor, contexto social e leitura

A prática da leitura é um momento de troca, de interação. Essa interação pode ocorrer de forma positiva e construtiva entre leitor, contexto social e tipos de leitura. “A leitura, por intermédio do objeto livro, é uma troca com outrem de maneira visível, evidente” (HORELLOU-LAFARGE e SEGRÉ, 2010, p. 126).

Podemos também compreender essa troca como um momento em que o leitor interage com conteúdo lido e com outros leitores, essa interação pode repercutir de forma expressiva no meio no qual esse leitor está inserido. A leitura pode proporcionar encontros e reforçar relações. Horellou-Lafarge e Segré (2010), ressaltam que:

A leitura é fonte de diálogos, de discussões; leitura e diálogo se nutrem [...] A leitura reforça a relação entre indivíduos, a compreensão mútua, permite compartilhar um mesmo universo imaginário. É o fruto de encontros amigos, amorosos, profissionais. As recomendações específicas, os comentários apaixonados de leitura feitas por colegas esimulam a leitura de determinadas obras (HORELLOU-LAFARGE e SEGRÉ, 2010, p. 126).

Dessa maneira, as escolhas de um leitor, suas experiências com determinado tipo de leitura, suas sensações e emoções podem ser compartilhadas com outros leitores, não sendo mais um privilégio de poucos, mas ao alcance de quem se permite conhecer e experimentar. Yunes (2009, p. 41) destaca que:

A recepção de um texto, quer ele se apresente mais fechado em seus sentidos (normas, doutrinas), quer se apresente mais aberto (palavra sagrada, poética), carece de um leitor curioso estimulado, para se colocar diante da palavra alheia e descobrir a própria (YUNES, 2009, p. 41).

O trabalho de formação de leitores não pode ter caráter doutrinatório, mas sim, de libertação para que se possa formar indivíduos capazes de compartilhar o que apreendeu com a leitura e participar no processo de construção da sociedade. A escola precisa estar empenhada nesse processo, para que seu trabalho não resulte em um efeito contrário.

As escolas situadas em regiões periféricas requerem um olhar mais atencioso, pois, as situações decorrentes das peculiaridades do seu contexto englobam diretamente seus alunos. Uma grande parte pertence a meios marcados por diversos tipos de violência, tanto de ordem física como de ordem psicológica. Essas situações interferem em todo o trabalho de uma instituição.

A pesquisadora Petit (2009, p. 39), ressalta que, “no Brasil, assim como em vários lugares, não é fácil transmitir o gosto pela leitura aos adolescentes, especialmente quando eles cresceram nos meios populares”. Percebemos que essa dificuldade não se refere somente aos adolescentes, ela se estende também as crianças, aos jovens e aos adultos.

Em muitos casos, a leitura disputa espaço com atrativos que estão além da escola como itens tecnológicos, momentos entre amigos e com a família, e conflitos no bairro ou na região em que o aluno reside. Porém, é preciso compreender essa realidade para interagir com êxito com esse público peculiar. A interação entre o leitor, seu contexto social e a leitura demanda atitudes firmes e seguras, com objetivos bem definidos e claros.

Yunes (2002, p. 101), nos esclarece que: “A interação demanda/ação, não apenas reação, demanda/interpretação, e não apenas explicação/compreensão de textos. O texto demanda o leitor e seu repertório de ‘leituras’”. Portanto, o trabalho com formação de leitor deve considerar todos os aspectos apontados pela autora para que haja a interação entre leitor, contexto social e tipo de leitura.

A compreensão de onde o aluno está inserido e qual o seu papel diante de todas as situações que surgirem, devem ser considerados pela escola para repensar suas ações, e verificar se as mesmas estão contribuindo para sua transformação e formação.

A leitura abrange texto, leitor e sociedade, e isso é muito válido, uma vez que estamos falando de um leitor que integra um grupo social peculiar e que age e interage nesse grupo. Yunes (2002), enfatiza que:

A questão da leitura na contemporaneidade se coloca na confluência das interpretações, na urgência de transformar meros receptores em leitores sensíveis às menores vibrações lógicas, de modo que textos e discursos deflagrem nele a mobilização dos sujeitos históricos. Não estamos mais no espaço da interpretação exegética, mas no espaço da comunicação expressiva, da interação entre *obra e leitor* (YUNES, 2002, p. 102).

Dessa forma, essa transformação que atualmente se espera do leitor é consequência de uma leitura significativa, que permite torná-lo um indivíduo capaz de sentir-se um ser presente

e atuante em seus espaços a partir da prática da leitura também. De acordo com Yunes (2002, p. 102.), “ler é condição de estar no mundo, criando-o outra vez”. Essa capacidade de marcar presença no mundo e recriá-lo, exige uma transformação na forma de pensar e de agir, e acreditamos que a leitura pode contribuir nesse processo.

Maria Helena Martins, (2002, p. 104), quando trata de “Recepção e interação na leitura”, destaca que “a leitura jamais será uma questão de hábito. Ao contrário, ela requer disponibilidade para ir além do já sabido, exige a construção de relações significativas”. Essa disponibilidade precisa ser instigada e incentivada dentro das escolas de maneira prioritária, pois, sem a prática da leitura, é impossível avançar em qualquer que seja a disciplina.

Incentivar e promover a prática da leitura nas escolas de periferia, exige um comprometimento com a transformação social e com a transformação do próprio leitor, mas a escola também transforma-se, pois a prática da leitura proporciona descobertas tanto com relação aos outros, como em relação a quem lê e promove a leitura. De acordo com Martins, (2002, p. 105), “[...] ao lermos, se estamos *descobrimos* a expressão de outrem, estamos também *nos revelando*, seja para nós mesmos, seja abertamente”.

Portanto, a leitura é uma troca, uma interação entre os vários fatores que circundam o leitor e o texto lido, seja em qual situação ou em qual contexto se realiza, o fato é que tudo pode estar relacionando e influenciando entre si, os tipos de escolhas do leitor, o texto em si e o ambiente no qual ele está inserido.

3.6 O contexto da pesquisa e o ensino da leitura

É relevante apresentar de forma abrangente o contexto onde nossa pesquisa está inserida, para compreendermos o quanto a leitura contribuiu e continuará contribuindo para todos os alunos da escola, como também para a prática de todo o corpo docente da instituição.

A escola onde foi realizada a pesquisa recebe alunos que convivem diariamente com variados tipos de violência, tanto no bairro, quanto dentro de suas próprias residências. Essas peculiaridades repercutem dentro da escola. Desse modo, Neto, Guimarães e Assis (2012, p. 122), asseguram que “as particularidades culturais e socioeconômicas dos estudantes, suas demandas e especificidades na condição de jovens imersos num contexto específico devem ser levadas em conta como tema e prática de sala de aula”.

Muitos alunos não têm consciência que estão envolvidos em um contexto desfavorável. Consideram comum todas as situações presenciadas e não compreendem que elas refletem em suas atitudes dentro da escola. Dessa forma, muito raro conseguem ver nas atividades escolares um sentido para suas vidas.

Nesse sentido, a proposta dessa pesquisa se constitui em analisar a leitura como um instrumento que pode contribuir com os alunos na ruptura com os atos violentos que presenciam ou vivenciam, estimulá-los a refletir e buscar meios de enfrentar determinadas situações dentro e fora da escola sem recorrer à violência.

Petit (2009), ressalta em suas pesquisas que envolvem, dentre outros fatores, a arte de ler em contextos de crise, que “para além desses contextos dramáticos, a leitura, como o jogo, é uma maneira de se reafirmar, dia após dia, nesse ambiente onde o princípio de realidade não obedece ao princípio de prazer”(PETIT, 2009, p. 91).

Essa capacidade e vontade de se reafirmar, mesmo em ambiente as vezes desmotivador, é que a escola não pode perder de vista e persistir, afinal, são crianças, jovens e adolescentes que precisam de direcionamentos para escolher melhor o percurso para traçar na vida. A escola também tem compromisso com essas questões.

Eliana Yunes (2009,p. 60) esclarece que:

Se o professor, o pai, o bibliotecário, o mediador inicial, enfim, deixa escapar essa chance de apresentar o sabor das palavras, o gosto do saber vai desaparecendo paulatinamente, até que nos conformamos com um medíocre vocabulário, lemos só o já lido, ficamos como cegos diante da luz. O aprendizado da leitura [...] é uma tomada de posse do mundo nesta civilização da escrita, em qualquer suporte (YUNES, 2009, p. 60).

Essa “tomada de posse”, citada por Yunes (2009), remete-nos a uma concretização de tudo que almejamos para os alunos desta pesquisa, e todos os estudantes brasileiros. Acreditamos que a leitura também contribua expressivamente na transformação do aluno como pessoa, isso ocorre quando lhes é proporcionado sensações que contribuam para recuperar sua autoconfiança e sua vontade de participar de forma positiva nos espaços sociais, como por exemplo: a escola, ou no bairro, e perceber que, mesmo em situações tão adversas, é possível traçar metas e realizar conquistas.

Com base nas observações na escola-campo, percebemos que a leitura ainda não alcançou o destaque que merece, poucos a reconhecem como uma prática que pode contribuir na transformação social, a partir da transformação dos alunos. Esse fato contribui para

descrédito tanto de alguns professores, quanto de alguns alunos, no tocante a projetos ou atividades de promoção ou incentivo à leitura.

A pesquisadora Cyana Leahy (2006) enfatiza que:

Embora a leitura coexista na sociedade urbana (sob a forte influência dos meios de comunicação) e na escola, ainda estamos longe de experimentar o exercício pleno de seu papel conscientizador: ainda carecemos de uma política concreta de *letramento*. [...] são os meios de comunicação que ditam as regras do consumo em todas as classes sociais. Isso também ocorre no terreno da leitura, ou do consumo de livros (LEAHY, 2006, p. 17).

A prioridade à leitura no Brasil é outra questão que precisa ser debatida dentro das escolas. Os pais e alunos, do mesmo modo, precisam conscientizar-se do valor da leitura. Esse é um trabalho que demanda comprometimento de toda a sociedade, sobretudo, no que tange a investimentos no incentivo ao acesso aos livros e a outros suportes de leitura, fatores que estão além das competências das escolas.

Assim, não podemos perder de vista que:

A leitura é mais do que somente uma experiência agradável, interessante e informativa. Tem consequências, algumas das quais são consequências típicas de qualquer tipo de experiência que possamos ter. Outras são unicamente particulares à leitura” (SMITH, 2003, p. 211).

Desse modo, qualquer situação que objetive o envolvimento dos estudantes em práticas de leitura, pode contribuir significativamente para seu desenvolvimento, pessoal, escolar e social.

Nas escolas situadas em regiões periféricas, além da preocupação com a prática da leitura, precisa haver uma preocupação com a estrutura emocional dos alunos. Atividades fechadas somente na indicação de leituras e cobrança de exercícios de interpretação superficial são infrutíferas.

É preciso ponderar os gostos e as questões que estão de acordo com aquilo que os discentes têm afinidade. É fundamental priorizar na escola um trabalho que possibilite, por meio da leitura, despertar sentimentos e a capacidade de reflexão dos alunos. E como enfatiza Smith (1989):

Existem concomitâncias emocionais e consequências da leitura. A leitura, como tudo o mais, envolve inevitavelmente, as emoções. No lado positivo, a leitura pode proporcionar interesse e excitação, pode estimular e aliviar a curiosidade, proporcionar consolo,

encorajar, fazer surgir paixões, aliviar a solidão, o tédio, a ansiedade, servir de paliativo à tristeza e, ocasionalmente, como anestesia (SMITH, 1989, p.212).

Ressaltamos o lado positivo da leitura nesse contexto, pela relevância de considerar as peculiaridades dos envolvidos. Pois, de certa forma, tudo envolve o emocional, e com a leitura, constatamos a partir das fundamentações teóricas, que é um ato que se realiza no individual, mas, surte efeitos na coletividade.

3.6.1 Contexto familiar dos alunos da escola-campo

Nessa seção, abordamos o contexto específico dos alunos. Na seção anterior, fizemos uma abordagem geral do bairro onde a escola se insere e as situações que abrangem tanto escola, quanto às famílias dos alunos.

Uma grande parte dos alunos da escola-campo é marcada por contextos adversos, que influenciam de forma particular no comportamento dos discentes. Por meio dessa abordagem, apresentamos como a leitura contribuiu para a redução da violência no âmbito escolar.

Os dados analisados neste trabalho, referem-se a uma turma formada por alunos de famílias carentes. São alunos do oitavo ano “D” matutino, do ensino fundamental. Essa turma foi formada por uma junção de alunos oriundos dos sétimos anos “C” e “D” ambos do turno matutino, com idades entre 13 e 17 anos. Essas duas turmas agregavam alunos envolvidos em situações de indisciplina e apresentavam baixo rendimento escolar.

Os conflitos eram constantes no ano anterior, desestabilizando, emocionalmente, a maioria dos professores que lecionavam nas turmas citadas. Elas eram compostas por um número expressivo de alunos com distorção idade-série. Essa situação exigia linguagem e postura específicas dos professores, apesar de eles estarem no ensino fundamental, requeriam tratamentos correspondentes com a idade dos alunos.

Ao ingressarem no oitavo ano do ensino fundamental, os problemas que haviam marcado o ano anterior os acompanharam para o ano seguinte. A professora de língua portuguesa sentiu a necessidade de pensar em uma proposta de trabalho que a ajudasse a compreender as causas de tantos conflitos, indisciplina e falta de interesse desses estudantes.

Esses fatores citados anteriormente, podem ter várias origens, principalmente relacionados ao contexto familiar. Situações que vão desde alunos que enfrentam o dilema de

ter um pai encarcerado, até alunos que foram deixados com os avós porque os pais não tinham mais condições para lidar com eles.

Além de um aluno que perdeu o pai recentemente como a professora citou, haviam outros que o pai perdera a liberdade. Há também alunos que vivem em contexto marcado pelo tráfico de drogas ilícitas. Não são raros os relatos de alunos que presenciam um irmão, primo ou tio fazendo uso ou comercializando drogas ilícitas.

Situações como as citadas anteriormente nos levam a refletir sobre o verdadeiro papel da escola, principalmente em tempos tão incertos no qual vivemos, em que os valores muitas vezes são invertidos, deixando-nos sem saber que atitude tomar diante das adversidades. Mas, é preciso considerar que a escola precisa agir no agora, trabalhar esse aluno no presente, para que, futuramente, ele não se envolva em situações vulneráveis. Nesse ponto, são convenientes os questionamentos da pesquisadora Viviane Mosé (2013):

Por que a escola prepara para a vida, em vez de ser a vida exercida no presente? E por que o presente das crianças na escola não é também um exercício de cidadania, de respeito a si mesmo, à vida e ao outro? Por que a escola não é um espaço democrático, de produção de conhecimentos, de debate e de criação? Em vez disso, tem sido um presídio de alunos, um depósito de conteúdos impostos sem muito sentido, um desrespeito aos saberes que os alunos já trazem, um lugar onde as crianças não têm direito a voz (MOSÉ, 2013, p. 47).

A autora faz questionamentos relacionados à preocupação da escola em preparar o aluno apenas para o futuro, desconsiderando a necessidade de prepará-lo também para questões vivenciadas no presente. E os questionamentos dela nos levam a refletir sobre a necessidade de considerar os conhecimentos que os alunos já trazem consigo. Nós nos fundamentamos no discurso da autora para enfatizar que a preparação para vida em sociedade precisa ser priorizada o mais precoce possível, e a escola deve considerar além dos conhecimentos, as experiências que o aluno traz de casa para a escola.

Diante dos questionamentos de Mosé (2013), fica-nos uma reflexão sobre a urgência de considerar a situação dos alunos, suas questões peculiares e a necessidade de se trabalhar com atividades que contribuam para auxiliá-los em questões que são próprias do seu contexto social e familiar.

Além das adversidades já citadas com relação ao contexto social e familiar dos participantes da pesquisa, foram relatados outros, como por exemplo: alunos que presenciaram assassinatos/execuções no portão de sua casa, tendo que passar por cima do sangue derramado

praticamente a seus pés. Meninas que são convidadas e convencidas pelos garotos a se envolverem emocionalmente e conseqüentemente acabam sendo cúmplices ou vítima em situações que envolvem atitudes que estão em desacordo com a lei.

Todas essas circunstâncias fazem parte do contexto social dos alunos da turma citada anteriormente. Em muitos casos, os conteúdos que são ministrados não trazem nada interessante para a vida desses jovens e adolescentes, e ainda, a didática utilizada está muito distante do interesse deles. Em um trabalho que vise a formação de leitores, toda situação precisa ser vista com muito cuidado.

Trabalhar a leitura com esses alunos que vivem em situações tão distantes de tudo que podemos dizer que a leitura proporciona, exige muito da escola. O professor precisa planejar a aula de leitura com base em textos e livros que possam ser do interesse deles, principalmente aqueles que estão envolvidos diretamente com a formação leitora desses alunos.

É relevante destacar o que a pesquisadora Miriam Abramovay (2003) ressalta a respeito desse envolvimento de toda a equipe escolar e os alunos para que as atividades desenvolvidas contribuam de fato para oferecer-lhes uma formação mais significativa e comprometida com a sociedade em geral. Desse modo, consoante Abramovay (2003):

A escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como de criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações entre alunos, professores, diretores [...] nesse ambiente de diversidade também ocorrem brigas, atos de agressividade e de violência, e as medidas tomadas para solucionar conflitos em geral cabem à direção da escola. Os procedimentos adotados são, em sua maioria, advertências, suspensões, transferências e expulsões conforme a gravidade do caso analisado pela escola (ABRAMOVAY, 2003, p. 33).

A escola não pode simplesmente lamentar a situação e ficar apenas como espectadora ou vítima dos fatos. O contexto não é favorável, mas o que faz a diferença são as atitudes, ou seja, projetos, as ações que podem ser desenvolvidas no ambiente escolar, para esses alunos começarem a refletir sobre tudo que presenciam e até mesmo vivem, e compreendam que eles também fazem parte da sociedade, e como qualquer cidadão tem direitos e deveres.

Mesmo diante das situações de violência que vivem nossos alunos, o trabalho com relação a leitura precisa não pode ser negligenciado ou banalizado. Petit (2009, p. 115), nos esclarece que:

Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior [...] Claro que a leitura não é suficiente para fornecer tais

representações e para restabelecer os que viveram dramas ou as inúmeras separações que são comuns na vida. São necessários vínculos sociais, amor, amizade, projetos divididos, às vezes outras práticas culturais (PETIT, 2009, p. 115).

Diante disso, se a leitura não é suficiente para sanar todas as adversidades vividas pelos estudantes, ela também não é desnecessária. Se conseguirmos proporcionar momentos de reflexão e bem estar aos alunos, a escola já estará contribuindo significativamente para a formação de cidadãos mais preparados e comprometidos.

Conhecer a realidade de cada aluno e seu contexto familiar não vem discriminado em nenhum documento que rege as funções de um professor, mas acaba tornando-se imprescindível para que o trabalho em contextos assim obtenha sucesso.

No caso dessa pesquisa, trabalhamos com participantes nas situações já citadas e que eram constantemente chamados à sala da orientação educacional, por motivos como: desinteresse nas aulas e nas atividades, reações violentas com professores e colegas de sala, comportamento suspeito, e nenhum envolvimento com as atividades proposta em sala.

O trabalho realizado pela professora-pesquisadora foi pensado para quebrar o círculo de violência que os envolvia e proporcioná-los uma mudança em todos os sentidos na escola. A professora esperava também, que todos os alunos envolvidos obtivessem sucesso em suas avaliações, e principalmente, apresentassem mudanças de atitude nas relações dentro da escola.

Outro objetivo esperado pela professora era que os alunos perdessem o medo de falar diante dos colegas, fossem motivados a manifestar sua opinião sobre determinados temas discutidos a partir de leituras realizadas, e se envolvessem nas atividades de sala e extra-sala, e especialmente nas atividades que envolviam leitura. De acordo com Petit (2009):

A leitura favorece as transições entre o corpo e o psiquismo, dia e noite, passado e presente, dentro e fora, perto e longe, presente e ausente, inconsciente e consciente, razão e emoção. E entre o eu e os outros. É por meio de insubjetividades gratificantes que surge o desejo de ler, e o ato de dividir é inerente à leitura como a todas as atividades de sublimação (PETIT, 2009, p. 139).

Esse desejo de ler, só é possível a partir de atitudes positivas proporcionadas aos alunos. Mesmo com experiências tão negativas, como no caso dos alunos da pesquisa, é possível formar leitores nos contextos mais inusitados. O que contribuirá e fará diferença será a atitude de todos os envolvidos no ambiente escolar.

Os detalhes do trabalho desenvolvido pela professora-pesquisadora estão no próximo capítulo deste trabalho, que trata da análise dos dados produzidos na escola-campo. Neste

capítulo, está descrito detalhadamente, como a professora iniciou, e como os alunos se envolveram com as leituras sugeridas, além de explicitarmos, quais foram os tipos de leitura que mais os atraíram e em quais circunstâncias isso ocorreu. Além de constar também, os relatos da professora-pesquisadora sobre as mudanças no comportamento dos envolvidos e nas práticas da leitura na escola.

4 A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA NA QUEBRA DO CÍRCULO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

“Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo!”

(Malala Yousafzai)

Neste capítulo o texto seguirá em primeira pessoa por se tratar de um relato de experiência. Desse modo, descrevo o universo da pesquisa, o trajeto percorrido, utilizando alguns dos tipos de leitura como estratégia auxiliar na formação de leitores permanentes e a quebra do círculo da violência na escola. Assim, também apresento os resultados obtidos mediante essas leituras trabalhadas no decorrer do ano letivo.

Delimito o espaço da pesquisa, pois o trabalho envolve apenas uma instituição de ensino da cidade, e mais especificamente, uma turma de oitavo ano do ensino fundamental matutino, dessa instituição.

Ainda neste capítulo, apresento os instrumentos de coleta de dados. Apresento alguns registros do caderno de ocorrência, relatos próprios, planos de aula e os questionários que foram aplicados aos alunos no decorrer das aulas ministradas.

Constam nesse espaço, os relatos dos resultados obtidos por meio das leituras trabalhadas naquela turma, com intuito de conscientizar os alunos, no que se refere a uma mudança significativa de comportamento, fato que contribuiu muito para o desempenho escolar de todos e a redução de ocorrências de violências dentro das salas de aula.

4.1 Delimitando o espaço da pesquisa: aspectos da escola campo

A pesquisa foi realizada no âmbito de um colégio localizado numa região periférica da cidade de Araguaína-TO. Essa escola foi fundada em 1959 pela própria população local. Uma característica peculiar dessa instituição é priorizar, em seu quadro de servidores, moradores da própria comunidade, fato que muitas vezes facilita o acesso às informações e às ações mais diretas e rápidas na solução de problemas com relação aos alunos da unidade escolar.

A equipe gestora da escola é formada por uma diretora, uma orientadora educacional e três coordenadoras pedagógicas. A orientadora educacional ocupa-se, diretamente, dos conflitos entre alunos em sala e em toda a escola.

A escola atende os alunos do próprio bairro e dos bairros vizinhos. Além de atender alunos oriundos de assentamentos rurais que ficam próximos a instituição pesquisada. O quadro de professores desta instituição é composto por aproximadamente 90% de profissionais trabalhando sob o regime de contrato temporário. Os servidores efetivados optam por outras instituições mais centralizadas.

O bairro onde está situada unidade escolar fica às margens da BR 153, aproximadamente, dez quilômetros do centro da cidade. É um dos bairros mais antigos do município. E na constituição do bairro se desenvolveram famílias tradicionais. Por muito tempo, foi um bairro quase que, totalmente, familiar e tranquilo. Porém, o panorama começou a mudar quando foram se expandindo os loteamentos e as “invasões” ao redor. A partir disso, foram chegando pessoas de diversos núcleos familiares e mudando a rotina do local.

A unidade escolar pesquisada fica no centro de muitos conflitos violentos. Sendo assim, há uma diversidade entre os discentes. Muitas vezes, o professor precisa enfrentar questões que são próprias de força policial, porém, eles lutam com o único meio que tem, que é o conhecimento, o profissionalismo e a vontade de fazer a diferença.

4.2 Problemas externos que atingem diretamente a unidade escolar

As situações vivenciadas por alunos e por servidores da escola-campo são situações que hoje podem ser vividas nas grandes e nas médias cidades do Brasil, mas, no que diz respeito à instituição onde realizei a pesquisa, a diferença está no quanto cada aluno está exposto a essas circunstâncias, pois isso atinge diretamente a escola. Para Abramovay e Rua (2003):

As situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola-lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, no reconhecimento da diversidade e na herança civilizatória do conhecimento acumulado. Essas situações repercutem sobre a aprendizagem e a qualidade de ensino tanto para os alunos quanto para os professores (ABRAMOVAY e RUA, 2003, p. 65).

No cotidiano das aulas, as situações de violência comprometiam o desempenho dos alunos, pois muitos já se encontravam envolvidos diretamente com situações de violência, sendo, pois, parentes ou amigos próximos de suas famílias. E em casos mais extremos, eram filhos de pessoas responsáveis por conduzir essas situações. Outros alunos possuíam pais,

irmãos ou primos encarcerados e muitas vezes enfrentavam a situação de forma natural dentro das suas famílias, não se dando conta de que estão envolvidos em situações vulneráveis.

Todos esses fatores vão formando um círculo envolvendo os adolescentes e, de alguma forma, os atingem, levando-os muitas vezes a agir com desinteresse pela escola e por tudo que ela possa representar em suas vidas. Isso pode gerar indisciplina, ou desencadear reprovações e conflitos que dificultam todo o trabalho planejado pelo quadro de servidores, principalmente pelo professor que atua diretamente na sala de aula.

A indisciplina é uma das questões mais debatidas pelos profissionais da escola, esse fato pode ser constatado no PPP da instituição:

[...] é uma das questões mais discutidas no âmbito escolar. Nos Conselhos de Classe constantemente gera muita polêmica, as causas são inúmeras e dificilmente se chega a uma conclusão, haja visto que esta se origina de vários motivos (fator social, econômico, desajuste familiar, discriminação, desmotivação, etc.). Antes de julgar o comportamento dos alunos é preciso verificar a realidade da escola, da família, o psicológico, o social, além de muitos outros fatores. A indisciplina cresce constantemente, produto de uma sociedade na qual os valores humanos tais como: o respeito, o amor, a compreensão, a solidariedade, a fraternidade, a valorização da família são ignorados. (CAMPOS BRASIL, 2018, p.32).

Os alunos que apresentam comportamento indisciplinado geralmente são vistos como perigosos, em muitos casos, recusam-se a participar de atividades que exigem concentração e compreensão dos objetivos propostos, como, por exemplo, nas atividades que envolvam a leitura.

Considerando as adversidades nas mediações da unidade escolar, em suas dependências, e nas famílias dos estudantes, o colégio “está propositalmente organizado para levar em conta globalmente o seu principal ator ‘aluno’, considerando que os contatos entre alunos e educadores se construam a partir de expressões naturais de amor e ‘respeito mútuo’” (CAMPOS BRASIL, 2018, p. 32).

Atitudes convenientes e coerentes são fundamentais para lidar com questões dessa natureza, mais especificamente, no que tange à redução ou até mesmo à erradicação da indisciplina e da violência no âmbito escolar.

4.2.1 O círculo de violência que envolve os participantes da pesquisa

As escolas que estão situadas nas regiões periféricas lidam frequentemente com situações, especialmente de violência, que reproduzem o contexto na qual os alunos se inserem

ou as situações presenciadas diariamente. É certo que atualmente, a violência já não se concentra somente nas regiões mais distantes do centro da cidade, porém, o que estamos considerando é a realidade da escola na qual realizamos a pesquisa.

Dessa forma, é válida a constatação de Abramovay e Rua (2003) a respeito disso:

A percepção do fenômeno das violências nas escolas resulta das histórias vividas e recolhidas pelos diversos atores que convivem no ambiente escolar e nas relações que estabelecem entre si. Nessa medida, as violências são percebidas como um fenômeno corriqueiro no cotidiano daqueles que já vivenciaram situações ligadas a roubos, ameaças, assalto [...] etc. (ABRAMOVAY e RUA, 2003, p. 72).

Os adolescentes convivem constantemente com situações que retratam uma realidade que está distante daquilo que a escola busca oferecer. Com poucas opções de lazer e uma situação financeira desfavorável, a qualidade de vida é muito baixa e a vulnerabilidade aumenta. Percebemos que às vezes, o deslumbre por estar inserido em algum grupo e ser reconhecido pelos demais e pela sensação de poder faz com que muitos adolescentes se envolvam em atividades ilegais.

Para evitar a continuidade dessa situação, é indiscutível a necessidade de se identificarem medidas para que os estabelecimentos de ensino se apresentem como espaço seguro para seus integrantes, uma vez que a violência afeta a integridade física, emocional e psicológica de alunos, professores, funcionários e pais. (ABRAMOVAY e RUA, 2003, p.72).

Nos arredores da escola, é comum percebermos grupos de adolescentes que já tem o corpo marcado por tatuagens com temas relacionados a vários tipos violência, muitos aparentando ser usuário de algum tipo de droga ilícita, ou que fazem parte de grupos que praticam crimes. Esses adolescentes são amigos, vizinhos, irmãos, primos dos alunos atendidos pela instituição escolar, em alguns casos, são adolescentes que fazem parte do quadro de discentes da escola.

Essas informações são trazidas pelos próprios alunos em conversa informal. Esse tipo de situação acaba tornando-se comum aos olhos dessas famílias e, conseqüentemente, aos olhos dessas crianças ou adolescentes, tornando-se um círculo que os envolve e os prende desencadeando comportamentos violentos.

Essas situações de violência desembocam na escola. Os alunos que fazem parte desses ambientes violentos acabam chegando à escola divididos entre dois mundos, e esse fato contribui para o aumento de situações de indisciplina, de violência, de reprovações, de abandono

e, em muitos casos, de conflitos muito sérios entre os próprios alunos, atingindo até os professores.

Na escola pesquisada, essas situações são um desafio, principalmente, para os professores que ministram aulas para esses adolescentes. A quebra desse círculo de violência precisa ser pensada com ações bem planejadas. A equipe não pode se omitir diante desses fatos.

De acordo com a pesquisadora Abramovay (2002):

É preciso buscar estratégias de superação dos problemas, criando um ambiente em que a comunidade escolar (alunos, professores, diretores, demais funcionários e comunidade) se sintam pertencentes àquele universo, reestabelecendo vínculos e relacionamentos positivos, sem a perda de sua forma de ser (ABRAMOVAY, 2002, p. 9).

Apesar de conviverem com todas essas situações já mencionadas, muitos alunos ainda não estão envolvidos diretamente com elas, mas poderão envolver-se futuramente. A escola pode intervir, mesmo que não obtenha um resultado de 100%, mas é importante que se apresentem opções de mudança dessa realidade a cada um desses alunos.

Sabemos que esses casos não possuem soluções prontas, e a escola não tem condições de resolvê-los sozinha. Mas a presença desses adolescentes com comportamento violento no ambiente escolar gera uma responsabilidade que exige a participação de todos.

É necessário que os professores realizem seu trabalho de forma atrativa e objetiva, para que esses alunos percebam que são importantes para essa sociedade e contribuam para que eles se conscientizem que podem traçar os rumos de suas vidas.

4.3 Análise dos dados da pesquisa

Nos relatórios selecionados para esta pesquisa, constam dados que apontam a mudança de alguns alunos após o trabalho com os tipos de leitura que apresentam temas mais próximos da realidade deles.

Foram utilizadas, também, informações retiradas do caderno de ocorrência da escola. Nesse caderno, é possível identificar a redução dos casos de violência entre os alunos da turma selecionada para a pesquisa. Em anos anteriores, todos os dias haviam conflitos entre os alunos na sala de aula.

Os nomes dos jovens e adolescentes que agora estão na turma pesquisada apareciam constantemente nos registros feitos pelos professores. Essa situação gerava inquietação e exigia providências urgentes de cada docente.

Esse fato foi primordial na realização de um trabalho com a turma toda, mas pensando de forma especial nos alunos que estavam mais expostos a situações de violência, e que corriam mais risco de serem envolvidos no mundo do crime.

4.3.1 Caderno de ocorrência por série

O caderno de ocorrência é um instrumento utilizado pela escola para auxiliar no registro e tomadas de providências de atos relacionados à indisciplina ou à violência em sala. Esse instrumento foi importante na constatação dos nomes mais frequentes dos alunos envolvidos nessas circunstâncias e no acompanhamento de seu desempenho na sala de aula.

Com os registros no caderno de ocorrência, os professores ficam cientes sobre a situação de cada aluno na sua aula, assim como nas outras. Isso facilita o diálogo entre os docentes na busca de soluções para os problemas detectados.

Os cadernos de ocorrência são separados por série. E, geralmente, alguns alunos têm seus nomes registrados quase todos os dias, em praticamente todas as aulas. Os nomes dos participantes eram registrados, frequentemente, nesse caderno e por diversos fatores, desde violência em sala à negligência com as atividades propostas em sala e as de casa também.

Esses alunos, desde o ano anterior, vinham demonstrando comportamento agressivo mediante o uso de palavras ou de atitudes. De acordo com informações internas, um deles já estava chegando à escola com o comportamento alterado e aparentando estar sob o efeito de alguma substância desconhecida pelos professores.

A reincidência e constante presença desses alunos na sala da orientação educacional geravam desconforto na sala de aula e, conseqüente, prejudicava o andamento das aulas e os demais colegas.

Por muitas vezes os professores não realizavam as atividades planejadas por ser impossível manter a harmonia na sala. Atividades que envolviam visitas à biblioteca e rodas de leitura, entre outras, tinham sido excluídas do planejamento da professora por não ser possível a realização delas.

A maioria dos alunos da turma pesquisada fazem parte de um grupo que estão juntos desde o sexto ano do ensino fundamental. Eles tinham laços de anos anteriores, isso também contribuía para que se sentissem mais à vontade com os colegas, gerando brincadeiras, muitas vezes agressivas, conversas paralelas e situações que atrapalhavam a continuidade das aulas ministradas. Alguns professores não conseguiam manter a disciplina na sala.

Para esta pesquisa, os registros no caderno de ocorrência foram importantes para perceber o comportamento dos alunos antes e depois da realização do trabalho. Essa percepção deu-se pela redução de registros sobre atos de violência na sala de aula. Porém, esporadicamente, acontecia um fato isolado mas se tratava de situações próprias da idade dos alunos. A violência já não ocupava nem a sala de aula, nem os relatórios feitos pelos professores.

O início do ano letivo ainda foi um período marcado por consecutivos registros de situações de agressividade, às vezes por motivos banais. Mas essas situações em um ambiente como a sala de aula podem tomar proporções maiores se os alunos não tiverem consciência do seu papel na escola diante de conflitos e se o professor não estiver preparado para solucioná-lo.

A exemplo do registro a seguir:

Durante a aula de Português o aluno A pegou escondido a caneta do aluno B onde o mesmo acusou outro aluno, em seguida B deu um tapa em A por ter pego a caneta (PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA).

Uma situação como essa demonstra claramente a intolerância que marca o relacionamento desses alunos. Muitos já chegam à escola estressados por alguma situação vivida, algo que presenciou em casa ou no bairro, e, na escola, tudo vem à tona.

De acordo com Siqueira, Alves e Leão (2012):

A criança que convive com adultos que resolvem seus problemas através da agressividade violência nos contextos mais familiares, onde ela permanece mais tempo, irá aprender a usá-las também para resolver seus problemas no contexto escolar (SIQUEIRA, ALVES e LEÃO ,2012, p. 369).

Esse comportamento se estende, também, ao jovens e aos adolescentes. A violência é vista como a única saída para solucionar as situações com as quais se deparam. O caderno de ocorrência é utilizado por todos os professores da turma e as ocorrências eram de todas as naturezas, como vemos, a seguir nos relatos dos professores:

A aluna C estava o tempo todo atrapalhando a aula, falando nomes feios. (PROFESSORA DE MATEMÁTICA).

Os alunos também apresentavam um vocabulário com um vasto repertório de palavras indecorosas, e a professora usa a expressão “nomes feios”, se para referir a elas. Esses alunos também usavam, como distração em sala, desenhos relacionados ao uso de drogas ou a cenas obscenas.

Outras anotações estão relacionadas ao fato de os alunos não conseguirem manter a concentração durante as aulas e ao desrespeito às normas da unidade escolar. Essas atitudes marcavam a personalidade de todos os alunos que foram selecionados para participarem da pesquisa:

O aluno C está atrapalhando a aula com conversas, não senta, não respeita a professora” (PROFESSORA DE GEOGRAFIA).

O aluno D além de não fazer as atividades solicitadas durante as aulas, conversa bastante, se desloca de sua cadeira, e durante o momento cívico da semana passada D, estava pegando no “bumbum” dos meninos, causando desordem, e para finalizar, gostaria de notificar que o mesmo só faz tarefas depois de muita insistência. (PROFESSORA DE MATEMÁTICA).

O aluno E faz uso de celular durante a aula, dessa vez ele me respondeu quando avisei para que ele guardasse. O mesmo fez ameaças a outro aluno por ter me avisado sobre o uso do celular (PROFESSORA DE MATEMÁTICA).

Os alunos abaixo estão perturbando a aula e não estão realizando as atividades: A, B, C, D (PROFESSORA DE CIÊNCIAS).

Os alunos D e E passaram boa parte da aula trocando atos agressivos um com o outro (PROFESSORA DE GEOGRAFIA).

Os alunos E e F estão, estão conversando, gritando e atrapalhando a aula. As alunas não respeita o mapeamento da sala e fica conversando e dançando pela sala. (PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA).

É clara a inquietação desses alunos, a falta de limites de alguns e a falta de respeito com os professores. Dificuldade de concentração nas aulas, o desinteresse pelas atividades propostas, desrespeito às normas da instituição e sempre recorrendo à violência para lidar com as situações que surgem.

Muitos desses alunos estão inseridos em contexto violento, como já citados nesta pesquisa, mas quando lançamos um olhar sobre eles individualmente, percebemos que a batalha que temos que travar é muito maior do que o que imaginamos.

Vale ressaltar o que o pesquisador Marcos Rolim (2008), destaca sobre o comportamento desses jovens e adolescentes:

Importa perceber, de qualquer maneira, que os adolescentes envolvidos em atos de violência ou na prática de atos infracionais terminam, em sua maioria, por se afastar desses tipos de conduta no exato momento em que adquirem maiores responsabilidades. Seria, portanto, ilusório imaginar nesse estágio da vida, que o cometimento de atos ilegais oferecesse a certeza de uma “vida criminosa” futura (ROLIM, 2008, p. 29).

Ressaltamos ainda que não temos a intenção de estigmatizar nenhum desses jovens e adolescentes, mas se nada for feito para mostrá-los outros caminhos, principalmente dentro da escola, eles não irão se afastar das situações que já mencionamos. Compreendemos o quanto a juventude é vulnerável a inclinar-se para uma vida que não haja cobrança, satisfações e obrigações.

Compreender as peculiaridades da turma onde trabalha faz toda diferença para o professor que se dispõe realizar um trabalho em sua sala de aula que vise contribuir para a atuação desse aluno na sociedade.

Diante disso, vamos conhecer algumas histórias de vida desses alunos para compreendermos a importância do trabalho realizado e a influência que ele teve na mudança deles, tanto no modo de ver a vida, quanto no comportamento em sala de aula.

As informações a seguir, são relatos a partir de diálogos com os alunos, situações registradas nos cadernos de ocorrência e conversas com colegas do bairro que conhecem a realidade de muitos alunos da escola, inclusive os alunos da turma pesquisada.

4.3.2 Perfil dos alunos da turma pesquisada

Nesta seção, serão apresentados perfis de alunos que fazem parte da turma pesquisada com intuito de enfatizar as variadas adversidades enfrentadas e a importância de considerá-las na seleção das leituras planejadas para serem trabalhadas no decorrer do ano letivo.

A turma é dividida em dois grupos, um grupo se destaca nas atividades e são assistidos pelos pais. O outro grupo possui alunos com distorção idade-série, alunos criados por avós, alunos que não são assistidos pelos pais, alunos que perderam os pais, alunos que possuem um contexto social não adequado para a realidade de um jovem. Com isso, eles apresentam dificuldades no aprendizado e uma grande resistência com a leitura.

Os contextos social e familiar são fatores que pesam muito, no que tange ao desempenho do aluno na escola. No caso desses alunos todas os avanços devem ser considerados, pois sem trabalhar autoestima, relações pessoais e outras questões subjetivas que lhes faltam nos contextos fora da escola, dificilmente eles irão compreender a relevância da leitura para suas vidas.

Apresento apenas perfis de alunos, porque estes não puderam participar da pesquisa de forma direta por falta de aprovação no comitê de ética até o momento do início deste trabalho, sem aprovação do devido órgão fica inviável inserir qualquer participante, suas enunciações ou seus trabalhos realizados.

Na sala, havia alunos que moravam no bairro onde a escola está situada, porém, oriundos da zona rural. Alguns desses alunos possuem histórico de já terem vivido em situação semelhante à escravidão com sua família nas fazendas da região. Os nomes desses alunos estavam, constantemente, no caderno de ocorrência da sala. Os professores os levavam quase todos os dias à sala da orientação educacional por confronto com os colegas, desacato aos professores e tumulto durante as aulas. Eles demonstravam comportamento que assustava os colegas e alguns professores.

Alguns alunos apresentavam dificuldade em leitura e escrita, bem como, um alto grau de dificuldade para se expressarem. Não conseguiam sequer responder a chamada feita pelos professores, e quando eram solicitados para fazer alguma leitura em voz alta durante a aula, recusavam-se, pois sentiam muita vergonha de se manifestarem. Algumas vezes, demonstravam inclinação à violência. Viviam com a mãe e alguns irmãos, todos analfabetos, passavam necessidades básicas como alimentação e vestuário. Segundo eles, praticar a leitura não lhe fazia sentido algum.

Constatamos também, alunos que demonstravam falta de concentração durante todas as aulas. Todos os dias se envolviam em confusões com os colegas de sala e com os professores. Durante a semana chegavam a ir até quatro vezes para a sala da orientação educacional.

As ocorrências relacionadas a esses alunos eram constantes. Eles eram moradores de um bairro vizinho. Nesse bairro, de acordo com os noticiários locais, o índice de violência e tráfico de drogas era muito alto. Esses alunos eram vistos, constantemente, com companhias suspeitas. E aqueles, no último ano, chegavam à escola com comportamento muito alterado.

O trabalho com os tipos de leitura trabalhados em sala atraiu a atenção desses alunos. Eles já apresentavam uma mudança significativa no comportamento em sala, interessavam-se pelas atividades e conseguiram aprovação nos primeiros bimestres e o mais interessante é que eles conseguiram ler um livro completo e comentar em uma roda de leitura.

Infelizmente, o trabalho com um deles foi interrompido na metade do ano letivo, pois o mesmo foi assassinado de forma brutal na metade do ano. Mas, as constatações de que o trabalho surtiu efeito foram percebidas de forma clara por toda a equipe da escola e colegas de sala.

Na sala, também estudavam alunos que moravam com um número muito grande de irmãos. O pai era ausente porque se encontrava encarcerado no presídio da cidade. A mãe demonstrava um descontrole emocional para conduzir a família. Por muito tempo esses alunos não conseguiam concluir nenhuma atividade que lhe era proposta em sala.

Os alunos não possuíam itens escolares básicos como caneta, lápis e borracha. Eram muito agressivos com os colegas e eram poucos os professores que conseguiam lidar com eles. Por isso, os alunos passavam a maioria das aulas na sala da orientação educacional e seus nomes eram mencionados todos os dias nos relatórios do caderno de ocorrência.

Os alunos não conseguiam controlar-se em algumas situações, partindo muitas vezes para a violência. As agressões, por parte deles, eram de forma física e verbal. Essas situações atrapalhavam o desempenho intelectual e, conseqüentemente, o desempenho nas relações pessoais.

Um fato que gerou muita preocupação por parte da equipe pedagógica da escola foi o fato muitos alunos estarem constantemente em companhias suspeitas, mudarem a aparência, o corte de cabelo e a forma de caminhar.

Na sala havia muitas alunas, porém, algumas chamaram a atenção por serem temidas pelas demais colegas de sala. Possuíam um comportamento instável e eram agressivas com os professores. Eram moradoras de um bairro vizinho. Viviam constantemente com companhias suspeitas.

Segundo informações dos próprios colegas, estavam envolvidas com rapazes considerados de alta periculosidade com passagens pela polícia. Seus pais algumas vezes compareciam à escola, mas sempre após várias solicitações. Porém, eles declaravam que não estavam conseguindo lidar com aquelas adolescentes.

Consequentemente, essas alunas não se concentravam nas atividades propostas em sala, não respeitavam seus professores. Seus nomes eram registrados todos os dias no caderno de ocorrência. Alguns professores não conseguiam ministrar suas aulas com as alunas na sala, pois estas conseguiam desconcentrar os colegas proferindo palavrões, ou incitando a violência entre todos.

Na turma selecionada, segundo informações dos próprios colegas, haviam alunos que moravam em residências consideradas um ponto de venda de drogas ilícitas. O local era, constantemente, frequentado por outros adolescentes que já se encontravam envolvidos no mundo do crime. Eles também eram moradores do bairro e bastante conhecidos pela população local.

Geralmente, os alunos que residem em locais assim, acabam sendo cúmplices de situações criminosas, e isso com certeza afeta no seu desempenho em sala de aula. Todos eles são intolerantes a brincadeiras e sempre recorrem à violência para resolver as questões de relacionamento em sala de aula.

4.4 A professora: o início de tudo

Despertar nos alunos o gosto pela prática da leitura é o objetivo almejado por toda a equipe pedagógica de uma escola, principalmente pelos professores de língua portuguesa. A partir da observação do comportamento de alguns alunos e as peculiaridades de seu contexto, foi preciso repensar minha prática com relação ao trabalho com a leitura nas aulas, principalmente com adolescentes que vivem em ambientes onde a realidade os desmotiva a buscar outras perspectivas de vida.

Optei por um trabalho diferente com relação ao ensino com a prática de leitura na sala que esses alunos estudam. O trabalho com a leitura em sala de aula, principalmente em escolas de periferia, exigem que o professor compreenda que, conforme Brito (2010):

O ato da leitura é muito mais do que simplesmente ler um artigo de revista, um livro, um jornal. Ler se tornou uma necessidade, é participar ativamente de uma sociedade, desenvolver a capacidade verbal, descobrir o universo através das palavras, além do fato que ao final de cada leitura nos enriquecemos com novas ideias, experiências (BRITO, 2010, p. 10).

Por observar também o histórico familiar de cada aluno, optei por trabalhar a leitura para enriquecer seus alunos com “novas ideias e experiências” (BRITO, 201, p.10), e contribuir para que eles resistam às adversidades e optem por uma vida que não seja preciso recorrer à violência ou ao crime.

O fato de conhecer todos os alunos da turma observada desde o sexto ano do ensino fundamental contribuiu também para a observação de mudanças no comportamento de cada aluno despertando-a para uma tomada de atitude.

Trabalho com a disciplina de língua portuguesa. Não sou moradora do bairro onde está situada a escola, mas, por morar muito longe, acabo passando o dia inteiro na unidade escolar, isso me proporciona um grande contato com a comunidade, fato que contribuiu muito para conhecer a realidade dos alunos e pensar em atitudes que possam de fato ser relevantes para eles.

De acordo com Cherobrini, Brum e Alves (2011):

Cabe ao professor, principalmente de língua portuguesa, proporcionar ao aluno diferentes tipos de leitura [...] Isso não implica em impor uma leitura única, a do educador, mas sim, criar uma expectativa prévia em relação ao conteúdo referencial do texto. Porém, para a compreensão do conteúdo lido, é indispensável despertar o conhecimento prévio já adquirido no decorrer de sua vida (ALVES, CHEROBRINI, MEDEIROS BRUM e ALVES2,2011, p. 32).

A opção por trabalhar leituras que estivessem próximas à realidade dos alunos ocorreu porque, no momento, levar clássicos da literatura, ou outras leituras distantes daquilo que eles conheciam poderia gerar inquietação, desinteresse. Foi necessário considerar, além do conhecimento prévio, a experiência e o contexto vivido pelos alunos.

Observei que o fato de ver-se naquilo que lê, de deparar-se com a própria imagem, ou com a imagem de seu bairro, do seu contexto, pode fazer o aluno parar, refletir e envolver-se com a leitura. Isso abre uma porta a outros tipos de leituras futuramente.

Por transmitir confiança aos alunos, constantemente eles relatam que ninguém os incentiva a estudar, se eles quiserem faltar aula, ninguém chama a sua atenção, e deparo com outro desafio, não deixar esse aluno desistir, trabalhar textos relacionados com a realidade deles, textos que retratem superação. Acredito que esse é o caminho, para eu conseguir resultados positivos com a turma.

No início do meu trabalho, nesse colégio, fiquei assustada, mas, preciso ressaltar que me apaixonei pela comunidade. O que fez a diferença em meu trabalho foi acreditar que a escola

poderia contribuir para que esses alunos não entrassem nesse círculo de violência; às vezes, por imaginar que não houvesse outra saída.

Em muitos casos, o aluno pensa que a escola não é ambiente para ele, porque tudo parece muito distante de tudo que ele vive. É preciso que se pense em atividades que os valorizem como cidadãos, que os faça analisar sua realidade e conscientizar-se de que há possibilidades de mudança, se for preciso. Pois, consoante Petit (2008):

A leitura pode contribuir em todos os aspectos [...] acesso ao conhecimento, apropriação da língua, construção de si mesmo, extensão do horizonte de referência, desenvolvimento de novas formas de sociabilidade... e em outros que com certeza estou esquecendo. Por meio da difusão da leitura, cria-se um certo número de condições propícias para o exercício ativo da cidadania. Propícias, necessárias, mas não suficientes. Mais uma vez, não sejamos ingênuos (PETIT, 2008, p. 103).

Considerando a ampla contribuição da leitura para cada estudante, o professor precisa trabalhar a leitura de forma que alcance todos esses propósitos, e esse tipo de atitude exige muito preparo e tomada de atitude com planejamento.

Assim, como aduz a pesquisadora Ana Lúcia Guterra (2015), o professor, como mediador de leitura, precisa também adequar sua linguagem e buscar temas de interesse dos alunos, precisa propor atividades em nível condizente com o estágio de formação escolar do aluno para incentivá-lo neste hábito saudável (GUTERRA, 2015, p. 34).

O professor consciente disso, pode contribuir consideravelmente na conscientização desses alunos sobre sua importância na formação como leitor e como cidadão e, também, na mudança de comportamento no ambiente escolar. E, como consequência, contribuirá para a construção de uma sociedade melhor.

4.4.1 A tomada de atitude

Com base na necessidade dos alunos, foram pensadas ações que os incentivassem a praticar a leitura e perceber um sentido nessa atividade. De início, apresentei o meu livro preferido para eles, falei como a leitura tinha me encantado, quão importante ela é; depois trabalhamos o filme “Mãos Talentosas”. O enredo conta a história de um jovem pobre, que morava em uma comunidade, que a mãe não sabia ler, mas esta, o incentivava a estudar e ser alguém. O personagem principal se tornou um grande cirurgião.

Formar leitores exige, também, uma prática leitora. Esses jovens que vivem em contextos violentos, muitas vezes possuem uma visão negativa da leitura e o fato de introduzir livros sem imposição, mas, a partir do exemplo, pode ser também uma estratégia eficaz, isso justifica a minha atitude inicial.

Petit (2008) ressalta que:

[...] jovens de meios desfavorecidos [...] muitas vezes, os livros lembram demais a escola, e isso lhes traz recordações de humilhação e de aborrecimento. Recusam esse saber que, por sua vez, os ignorou; têm uma relação de despeito amoroso com a língua e a cultura letrada. (PETIT, 2008, p. 125).

Percebi que os alunos não viam a escola como um lugar atrativo, que lhe proporcionasse algo de positivo, por esse motivo, iniciei meu trabalho com o filme. O filme foi utilizado, com intuito de provocar uma discussão entre os alunos sobre a possibilidade de transformar a realidade, por meio do acesso ao conhecimento de si e do mundo. E, também, que tudo isso pode ser alcançado por meio das leituras proporcionadas na escola.

No plano de aula que elaborei, consta:

1-Trabalhar o filme: Mãos talentosas, a história de Ben Carson. (Exibição do compacto do filme, em seguida aplicação do questionário sobre o mesmo)

O filme estava inserido no planejamento, e essa inserção contribuiu para uma reflexão sobre a possibilidade de mudar uma realidade com a contribuição da escola, mas especificamente da leitura. A partir da leitura, mais especificamente do tipo de leitura que o aluno lê, muitas sensações e percepções podem ser despertadas. Após o trabalho com o filme, surgiram alguns comentários, dentre eles, o seguinte: “Professora, ninguém me incentiva a estudar, se eu quiser faltar a aula, ninguém me chama atenção por isso”.

Então, deparo-me com outro desafio, não deixar esse aluno desistir. Trabalhar mais textos relacionados com a realidade deles, textos que retratem superação e sempre buscar caminhos para conseguir resultados positivos com a turma.

O filme contribuiu ainda para que alguns alunos despertassem para o fato da importância do incentivo e do engajamento de seus responsáveis nesse processo, conforme a professora relatou anteriormente. Esse foi um passo importante para a sequência de todo o trabalho da professora-pesquisadora.

Após a discussão, sugeri um questionário referente a algumas passagens do filme e a algumas questões que faziam relação com a realidade dos alunos. Destaquei duas questões e

algumas respostas que estavam relacionadas às expectativas dos alunos com relação à escola e às atividades principalmente com relação à leitura.

Os questionamentos também tinham o intuito de incentivá-los a refletir sobre o que é possível fazer para romper com as situações que muitas vezes o empurram em direção à marginalização e motivá-los a compreender a importância da leitura para a formação deles como jovem ou adolescente mais atuante e seguro de seu papel nos contextos onde vive. Dentre as várias respostas destacamos algumas que achamos mais relevantes: “Por que a mãe de Ben Carson dava tanta importância à leitura e à escola?”.

Algumas respostas foram bem relevantes, alguns responderam que a mãe queria vê-los trabalhando em um serviço decente e não “capinando quintal”. Outros disseram que ela queria que eles não fossem “ladrão e roubassem”. E, ainda, que ela sabia que a única forma de mudar de vida era por meio dos estudos. Algumas respostas foram bem enfáticas ao dizer que ela não queria que seus filhos fossem iguais a ela. Ela queria que seus filhos fossem “alguém na vida” e que ela sabia que a única forma de mudar de vida era por meio dos estudos.

Outros alunos destacaram que a mãe temia que eles se envolvessem com ‘coisa errada’, ou ter o mesmo destino da mãe. E uma resposta foi bem direta ao dizer que a mãe compreendia que a leitura muda a vida das pessoas. A segunda pergunta foi: O que aconteceu de tão extraordinário no filme que levou os meninos pobres da favela a obterem sucesso na vida?

Alguns alunos responderam que o sucesso foi devido à dedicação deles aos estudos, o incentivo da mãe, da força de vontade e que eles souberam aproveitar a chance que tiveram.

A partir das respostas mencionadas, observei que a apresentação do compacto do filme já os despertou para a compreensão de que a escola pode colaborar com a ruptura de alguns círculos, que muitas vezes, envolvem, principalmente, alunos da periferia, como por exemplo, a falta de perspectivas e a violência.

Percebi que houve um despertar, embora muito sutil ainda, sobre a importância da escola no que tange às questões sociais. Houve uma concordância entre eles com relação ao fato de que para vencer as adversidades é necessário estar preparado. E a escola pode contribuir com isso.

Essa conscientização caracteriza uma mudança de postura dos alunos. Essa consciência ainda não tinha sido percebida anteriormente. Sendo assim, atribuí essa mudança às discussões levantadas a partir do filme exibido e debatido em sala.

Levando em consideração as reflexões feitas pelos alunos a partir do enredo do filme, o trabalho desenvolvido foi relevante para uma reflexão por parte dos alunos. Abriu caminho para a escolha de textos escritos. Esses textos trazem situações muito familiares à realidade de muitos alunos que compõem a turma pesquisada.

4.4.2 As leituras utilizadas pela professora

Diante da aceitação e dos resultados positivos obtidos por meio da exposição, e da aplicação do questionário e do debate do compacto do filme, “Mãos talentosas, a história de Bem Carson”, selecionei três textos escritos para trabalhar com os alunos.

Nas respostas à questão dois já exposta anteriormente, os alunos observaram a importância do apoio da mãe para o sucesso do filho. Isso foi relevante para eles refletirem sobre o valor dos pais em todo o processo de sua formação, principalmente da figura da mãe, que, geralmente, é quem passa mais tempo com eles, que histórico e culturalmente carrega uma responsabilidade maior com relação à criação dos filhos.

Embora algumas leituras não estejam diretamente ligadas à situação de todos, alguns pontos se encontram nas histórias de vida deles; muitas vezes o enredo, em outros casos, as lutas e o contexto social no qual as personagens estão inseridas. Por haver esse encontro, eles refletem sobre sua situação atual e despertam o desejo de ser e de fazer diferente.

As palavras de Petit (2008), são relevantes com relação ao que estamos tratando. Ela defende que:

Os leitores nunca deixam de nos surpreender. E é sem dúvida quando uma obra oferece uma metáfora, quando permite um deslocamento, quando "trabalha" realmente o leitor, que ele pode ser transformado por ela e, nas entrelinhas, encontrar sua fantasia inventiva, se deixar levar pela imaginação, e pensar (PETIT, 2008, p. 185).

As leituras foram selecionadas com intuito de incentivar uma reflexão e contribuir para tentar afastar os alunos de situações que os incitem à violência. A partir desse afastamento, transformar o comportamento deles na escola e, conseqüentemente, na sociedade. As leituras selecionadas foram: “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo; “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus; e “O estudante I”, de Adelaide Carrara.

a) “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo

O primeiro texto selecionado foi, “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo [...] é também o título da primeira história [...]. Leitores ganham olhos d’água e alma leve pela beleza das histórias- que apesar do que narram - tecem a esperança. [...] A perspectiva em que as histórias são narradas faz toda a diferença na cabeça e no coração dos que leem (LAJOLO, 2016, s/p).

Essa diferença que ocorre na cabeça e no coração do leitor faz desse tipo de leitura muito adequado para os objetivos que a professora almejou alcançar. De acordo com meu planejamento, o texto foi selecionado com o objetivo de:

Aguçar o gosto pela leitura. Incentivar a leitura e a imersão no que foi lido. Conhecer a realidade dos alunos dentro de casa, principalmente com relação ao convívio com a mãe. Despertar no aluno o prazer que a leitura pode proporcionar. Mostrar ao aluno que a leitura pode estar no cotidiano e a mesma pode contribuir para melhorá-lo. Formar leitores permanentes (PLANO DE AULA QUINZENAL).

No final do 1º bimestre, trabalhamos o texto “Olhos d’água”. Durante a narrativa, surge um questionamento, “Que cor são os olhos de minha mãe?”. Todos, no momento da leitura, fizeram silêncio, viajaram na leitura, alguns se emocionaram. E, mais uma vez, eu ouvi relatos.

Realizei a leitura para os alunos em voz alta, e eles a acompanharam com seus textos xerocopiados. A participação foi positiva; após a leitura, abri espaço para uma discussão. Ouvi os relatos e os anotava, com isso, percebi que a leitura foi exitosa e gratificante para todos.

Jouve (2002), considera que “existem duas maneiras de apreender os efeitos concretos de uma obra: pode-se estudar a leitura seja em suas conseqüências globais na sociedade seja no efeito particular que ela produz o indivíduo”. O autor segue argumentando que:

O estudo do impacto global permite devolver ao texto sua dimensão cultural. O princípio é o seguinte: o leitor não é um indivíduo isolado no espaço social; a experiência transmitida pela leitura desenvolve um papel na evolução global da sociedade (JOUVE, 2002, p. 125).

Considerando as palavras do autor, podemos levar em consideração que os alunos da turma selecionada não são “indivíduos isolados”, e acreditamos que a experiência vivida por eles, por meio da leitura, poderá desenvolver um papel importante tanto individualmente como nas suas relações sociais e familiares, fato que também coaduna com a função exercida pela escola.

Com relação à leitura de “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, os relatos iniciais demonstram que essa leitura proporcionou o despertar de uma conscientização dos alunos com relação ao valor dispensado aos pais, principalmente, à pessoa da mãe.

Muitos alunos não respeitavam a mãe, não demonstravam nenhuma preocupação quanto à esta. E as respostas à pergunta abaixo demonstraram que a atividade e as considerações da professora sobre o texto trabalhado eram urgentes para muitos alunos.

A questão proposta foi:

Questão: Você está satisfeito com o jeito que trata sua mãe? Se tivesse que mudar algo no jeito de tratá-la o que mudaria? (QUESTIONÁRIO UTILIZADO EM SALA).

Muitos relataram que não estavam satisfeitos com a maneira que estavam tratando as suas mães e que precisavam mudar, urgentemente, a forma de lidar com elas, respeitando-as mais. Outros relataram que tratavam a mãe com grosseria, nunca atendiam suas solicitações e que não gostavam de conversar com elas.

Outra pergunta foi proposta aos alunos com intuito de verificar se o conto realmente tinha contribuído para provocar-lhes uma reflexão com relação ao seu comportamento em casa, principalmente com sua mãe. A pergunta foi a seguinte:

Questão: O que você aprendeu com esse conto pode ajudar no seu relacionamento com sua mãe? (QUESTIONÁRIO UTILIZADO EM SALA).

Uma grande parte respondeu que com certeza ajudaria, principalmente, na questão de valorizar pequenas coisas, como por exemplo, ouvi-la, olhar para ela quando ela estiver falando, ser menos agressivo e demonstrar mais amor.

Os alunos ainda foram questionados se gostaram do conto e se gostariam de ler outros textos parecidos com o conto que foi lido. As respostas foram unânimes em dizer que gostaram. Alguns ainda salientaram que gostaram, porque o conto tratou de assuntos que estavam acontecendo na vida deles. E, ainda, disseram que uma leitura dessas poderia ajudar muitas famílias.

Por meio das respostas dos alunos, foi possível perceber que eles gostaram da leitura e refletiram suas atitudes com relação à sua mãe. A reflexão contribuiu para a mudança de atitude na sala de aula também. Os alunos começaram ouvir mais os professores e demonstrarem mais interesse nas aulas.

A relação conturbada entre os alunos e seus pais, mais precisamente a mãe, contribuía muito para que eles se sentissem à vontade para manter um comportamento indisciplinado e violento na sala. Eles sabiam que a escola não podia contar com seus pais no combate à essa

indisciplina. Assim, também, os pais não teriam autoridade em casa para aplicar nenhum tipo de advertência a seus filhos.

A repercussão do trabalho com essa leitura chegou espontaneamente a mim. Além dos relatos orais feitos em sala de aula, registrei outros que feitos em particular. Dentre os relatos iniciais, alguns chamaram mais a atenção. O aluno relatou que perdeu o pai, confessou que era desobediente, mas, com a perda do pai, ele começou a valorizar a sua mãe.

Ao ler o texto, o aluno falou que ficou imaginando os olhos de sua mãe, pois, até então, ele nunca se preocupara em olhar em seus olhos, de valorizar mais o esforço dela que hoje é em dobro para oferecer o melhor, para ele e seus irmãos. Esse aluno era faltoso e não realizava as atividades; após o trabalho realizado em sala, ele não faltava mais e realizava todas as atividades propostas.

Outro aluno relatou que morava em Goiânia com sua mãe. Lá ele estava se envolvendo com pessoas erradas, ela o trouxe para morar com a vó. Ele veio muito chateado, aqui procurou amizades erradas e quase não falava com a mãe, mas depois do texto, ele melhorou o seu relacionamento com ela, e passou a compreender que ela só quer o melhor para ele. Esse aluno era revoltado, mas agora já é amigo de todos os colegas da sala e, dificilmente, falta às aulas.

Em outro relato, o aluno revelou que achava que os olhos da mãe dele eram iguais aos olhos da mulher do texto, pois ela chorava muito e ele não queria que ela sofresse. Ele queria “melhorar”. Segundo relatos de outros discentes, o pai desse aluno é alcoólatra. Ele já está envolvido com o mundo das drogas, e a mãe sofre muito com essa situação. Ele, dificilmente, falta aula e não é mais agressivo com os colegas e professores.

Além de apresentar a obra, eu falei um pouco da biografia da autora, fato que foi relevante para despertar o interesse por essa leitura. Trabalhei apenas esse texto do livro da Conceição Evaristo. Percebi que esses alunos passaram umas duas aulas pensativos. Eu apresentei a biografia da autora, com intuito de mostrar a eles que independente do lugar de onde a pessoa vem, independente das dificuldades que ela enfrenta, é possível fazer boas escolhas. Trabalhar esse texto foi muito positivo, senti os alunos mais sensíveis, mais à vontade para falar, pois a linguagem, além de ser simples, falava de coisas que eles sentiam e viviam.

Apresentar aos alunos autores que vieram de contextos semelhantes aos deles e enfrentaram situações também semelhantes às que eles enfrentam pode ser um incentivo à

reflexão de suas atitudes na escola. Pois, o aluno traz para dentro da escola toda a bagagem que acumula nos espaços onde convive.

Jouve (2002, p. 126), salienta que “o impacto da leitura na experiência do sujeito é mais real do que se imagina”. Dessa forma, apreendemos que a leitura precisa tocar, emocionar o aluno, permitir que ele olhe dentro de si e o seu contexto para decidir, da melhor forma, aquilo que é mais interessante e gratificante para seu estar na sociedade.

Devido à indisponibilidade de obras suficientes para a quantidade de alunos, foi trabalhado apenas o primeiro conto do livro, mas concluí o trabalho de forma exitosa, deixando em cada aluno o desejo de explorar o livro por completo para conhecer outras histórias de luta e de superação.

b) “Quarto de despejo, diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus

A obra de Carolina Maria de Jesus foi trabalhada por completo, “O quarto de despejo é um livro marcado pelo retrato sem retoques de uma realidade de miséria e de descaso social” (LOPES, 2018, s/p).

A leitura de uma obra dessas pode gerar algumas discussões e até mesmo contestação dentro de algumas escolas, talvez pela linguagem ou até mesmo pela temática abordada. Porém, considerei a obra viável e oportuna no cumprimento dos meus objetivos.

Na perspectiva de formar leitores permanentes, é preciso despirmos de preconceitos, valorizar os diversos tipos de leitura, principalmente as que sejam atrativas para os alunos e que eles se sintam mais familiarizados. E como assevera Todorov (2009):

[...] devemos encorajar a leitura por todos os meios – inclusive a dos livros que o crítico profissional considera com condescendência, se não com desprezo, desde Os Três Mosqueteiros até Harry Potter: não apenas esses romances populares levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes, mas, sobretudo, lhes possibilitaram a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas. (TODOROV, 2009, p. 82).

Todas as leituras têm seu valor e sua contribuição para o leitor. Uma vez que isso é compreendido, já será um grande passo nessa trajetória percorrida pela escola. E, quando se trata de alunos em situação de violência de escolas de bairros periféricos, os ganhos são incalculáveis.

Com os resultados positivos percebidos após a leitura de “Olhos d’água”, planejei a leitura do livro de Carolina Maria de Jesus. Sugeri aos alunos que no atual bimestre trabalharíamos duas leituras, uma aconteceria todas as terças, que seria “Quarto de despejo, diário de uma favelada”; e a outra leitura eles iriam realizar em suas casas.

Todas as terças, na sala de aula, realizamos a leitura do livro de Carolina Maria de Jesus, foi um momento muito gratificante, eles foram participativos e ficaram concentrados; isso só está foi possível, porque a escola comprou 30, livros e cada um fica com um exemplar na hora da leitura.

Os alunos tiveram liberdade para escolher o livro da segunda leitura. Não foi imposta nenhuma restrição ou indicação. Os alunos escolheram livremente. Porém a leitura em sala seria o livro, “Quarto de despejo, diário de uma favelada”. A outra leitura, que seria feita em casa, não teria nenhuma cobrança de atividade escrita referente a ela.

A leitura em sala possibilita ao professor tirar algumas dúvidas dos alunos e até mesmo promover uma leitura dinâmica com algumas paradas para reflexão coletiva. O trabalho com a leitura de “O quarto de despejo” me emocionou muito, comecei a olhar meus alunos com outros olhos, e eles começaram a compreender que não é com revolta que se resolvem algumas questões

A situação da personagem do livro lembrava algumas situações vividas por alguns alunos. As dificuldades vistas e vividas por eles os deixavam revoltados e inquietos em sala. O fato de conhecer histórias como a da personagem do livro, os despertou para perceber que é possível superar e sobressair das situações por meios lícitos e louváveis.

Tanto as situações do contexto, como as situações dentro da própria casa da personagem, serviram de reflexão para muitos alunos da turma pesquisada. Os alunos relataram a cada momento sobre a leitura, quando a autora-personagem falou do alcoolismo, que eles ficaram pensativos.

Pois a metade da turma tem parentes ou pais alcoólatras. Quando chegamos ao capítulo em que ela relata a dificuldade em conseguir comida para ela e para os filhos no inverno, muitos refletiram sobre a dificuldade que os responsáveis enfrentam para conseguir trazer alimentação para casa, alguns falaram que não irão mais reclamar da alimentação que os pais oferecem.

Muitos alunos vivem em situações adversas, envolvendo violência de todas as formas, a falta de alimentação e a precariedade do lugar onde residem. Só quem passa por situações desse

tipo compreende os efeitos e danos que elas podem causar. Para incentivar esses alunos a praticarem a leitura, precisa-se de muito empenho e compromisso.

Quando apresentei o livro, “O quarto de despejo, diário de uma favelada”, os alunos questionaram o fato de ele ser velho. Após iniciarem a leitura, ficaram encantados e motivados a avançar em cada capítulo. Esse tipo de leitura despertou a consciência de alguns alunos com relação à sua condição social. Conforme mostra a figura 1:

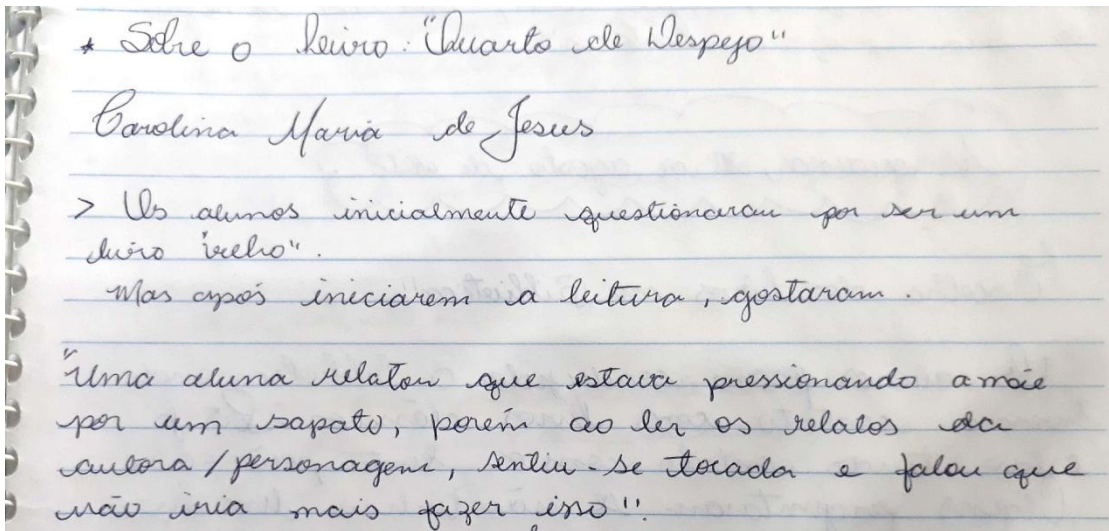


Figura 1: Relato feito pela autora.

O trabalho com essa leitura contribuiu para os alunos refletirem sobre o bairro onde moram; as características do local onde vivia a personagem do livro provocaram muitas indagações sobre o próprio local onde eles viviam e a sua condição social. Despertando em muitos a vontade de mudar, começando pela mudança na escola.

Essa conscientização repercutiu, positivamente, nos diálogos e no relacionamento em sala de aula. A compreensão a respeito do seu próprio contexto leva à compreensão e à reflexão sobre outros fatores que envolvem a formação do aluno como cidadão, como, por exemplo, a capacidade de perceber os movimentos que os cercam e para onde eles estão lhe direcionando.

Os alunos perguntaram sobre se o bairro onde eles moram era uma favela. Pois estes perceberam características do local onde eles vivem com a descrição que Carolina Maria de Jesus apresenta no livro. Conforme figura 2:

Os alunos perguntaram se o bairro onde eles moram é uma favela, pois os mesmos perceberam características do local onde eles vivem, com a descrição que Carolina faz no livro.
 > "Onde moramos é uma favela?"

Alunos - 8º D

Figura 2: Relato feito pela autora.

Na atividade proposta com o livro de Carolina Maria de Jesus, as respostas dos alunos demonstraram que gostaram da leitura porque ela retrata fatos reais. Essa realidade próxima da deles foi um fator primordial no êxito das atividades com esse tipo de leitura. Uma grande parte dos alunos destaca esse livro como o melhor livro que já lera.

O contexto social influencia muito nas atividades que ela desenvolve, principalmente relacionadas à leitura. Antes eu não considerava muito o contexto do aluno, agora todas as leituras são relacionadas ao contexto social e cultural deles. De fato, há uma grande dificuldade em trabalhar e incentivar a leitura na escola. Mas isso não fez com que os profissionais desta instituição deixassem de agir em busca de solucionar esse problema.

É muito importante trabalhar leitura com esses alunos, mas muitos são desmotivados e sem perspectivas de melhorar de vida. A leitura pode contribuir muito em aspectos da vida do aluno que vão além da escola. A questão da violência se insere nesses aspectos.

c) "O estudante I", de Adelaide Carrara

Essa última leitura abordou uma questão muito específica e delicada: o uso de drogas ilícitas. A escola, constantemente, é ameaçada com esse tipo de problema e, conseqüentemente, os alunos também. Muitos convivem, diariamente, com essa questão e sem perceber vão adentrando esse caminho causando grandes prejuízos tanto fora da escola como dentro da sua sala de aula.

"O estudante I", de Adelaide Carrara é um livro que narra a história de um jovem que se envolve com drogas e acaba atingindo toda sua família. A princípio tentamos realizar a leitura em círculo, não deu certo, pois os alunos não se concentravam e a sala ficava tumultuada e barulhenta.

Depois fora da sala de aula, também não deu certo. Então, coloquei todos em filas, e comecei a puxar a leitura, de modo que todos tinham que me acompanhar. Lendo juntamente com a professora, isso deu certo, e todos conseguiram concluir a leitura do livro, debater e opinar. A opção por essa leitura deu-se por observar que alguns alunos estavam sendo assediados a usar ou comercializar drogas ilícitas.

Mesmo após trabalhar as leituras anteriores, que deram oportunidade para uma reflexão sobre o seu contexto social e familiar, ainda havia alguns alunos em risco de serem abraçados por esse círculo de violência.

O trabalho com essa leitura representou uma conversa direta com alguns alunos. Havia alunos que já estavam sendo convidados a entrar no mundo do crime, mas refletiu e pode ter mudado de ideia após a leitura do livro “O estudante I”. Um aluno relatou que o livro apresentou a mais pura verdade, que ele mesmo já foi convidado a usar drogas, a faltar aulas para fazer as “paradinhas” e que, depois da leitura do livro, ele refletiu muito e que vai se afastar dessas amizades erradas, que vai focar nos seus estudos. Esse aluno foi aprovado em todas as disciplinas por mérito dele no segundo bimestre.

Os efeitos positivos do trabalho com esse tipo de leitura eram percebidos à medida que a professora ia avançando nos capítulos do livro. A biblioteca da escola possuía uma quantidade de exemplares que possibilitaram que cada aluno obtivesse um livro em mãos. A leitura foi realizada em casa e na sala.

A cada capítulo lido, dávamos uma pausa na leitura e comentávamos e tentávamos entender todas as informações. Essa turma possui muita dificuldade de entender o que está lendo, e, quando entende, possui dificuldades em escrever aquilo que entendeu, isso é notável na escrita, muitos comentem erros gravíssimos na ortografia. Por meio da leitura, é a única forma de eles melhorarem, tanto na compreensão, como na escrita. Hoje eles estão cientes disso, e, no caso desses alunos, também houve uma melhora significativa no comportamento em sala.

Esse tipo de leitura retratou a situação que muitos alunos estão enfrentando. As respostas ao questionário aplicado revelaram o quanto essa leitura contribuiu para que eles ficassem mais atentos e repensassem suas posturas na escola e no meio onde vivem.

O questionário era composto por quinze perguntas que tratavam de questões sobre o livro. No entanto, a última questão revelou, de fato, o quanto o trabalho foi significativo.

A questão à qual me refiro é a seguinte:

O que você achou da história? Lê-la lhe ajudou em algo? Por quê? (QUESTIONÁRIO UTILIZADO EM SALA).

Essa questão foi proposital para conferir o resultado com esse tipo de leitura. Alguns alunos responderam que as amizades induzem a pessoa a tomar certas atitudes. A leitura contribuiu para que eles analisassem melhor suas companhias. Isso revela que, talvez, alguns deles estivessem se envolvendo com más companhias e após a leitura decidiram afastar-se delas.

Muitos alunos demonstraram que evoluíram muito. Passaram de ano, e o reflexo das leituras trabalhadas ainda podem ser percebidos pelos professores do ano corrente. Ou seja, os resultados com esse tipo de trabalho são percebidos a longo prazo e gradativamente.

Outros alunos responderam que a leitura os ajudou a despertar para prestar mais atenção, quando alguém lhe oferecer algo. O contato com esse tipo de leitura, talvez, tenha sido o mais próximo da realidade de uma grande parte dos alunos da escola-campo, principalmente do sexo masculino.

Alguns alunos já estavam apresentando um comportamento agressivo com professores e colegas, e, aparentemente, já estavam muito familiarizados com questões que se assemelhavam às questões vividas pelo personagem principal do livro.

Após o trabalho com esses tipos de leitura, alguns alunos relataram que estavam mais motivados e tinham mais interesse nas aulas. Muitos alunos que possuíam histórico de reprovação conseguiram notas aprovativas nos dois primeiros bimestres e seus nomes já estavam em destaque entre os melhores da sala.

Dentre as respostas, destacaram-se algumas que representam que esse tipo de leitura foi relevante para os alunos, tanto dentro da escola como nos seus contextos social e familiar. O aluno respondeu que a leitura foi relevante, porque o ajudou a refletir sobre a vida e sobre a suas amizades.

Isso, conseqüentemente, irá refletir na sala de aula. É compreensível que, com cada leitura realizada, são mobilizados muitos fatores; mesmo que seja uma atividade que o aluno talvez só realize naquele momento, mas, é preciso ressaltar que os efeitos são duradouros.

Muitos alunos ainda precisam melhorar muito, mas a pequena mudança que percebo já é uma vitória. E é assim mesmo, aos poucos, acreditando no trabalho que podemos alcançar bons resultados. Esse tipo de resposta nos mostra que o aluno foi estimulado ou despertado para selecionar melhor suas companhias ou suas amizades.

Isso remete uma atitude que irá acompanhá-lo até na sua juventude ou fase adulta. Mesmo que seja só isso que fique nesses alunos por meio dessa leitura, já representa uma mudança gratificante e compensatória. Um aluno relatou que esse tipo de leitura também contribuiu para que ele pudesse ajudar um irmão que já estava inserido no mundo das drogas e já tinha perdido um amigo que morreu vítima da violência na qual estava inserido.

Com isso, observei que esse tipo de leitura foi relevante, porque contribuiu para esse aluno rever seu comportamento na sala de aula. Melhorar seu relacionamento com o irmão, mostrando-nos que os efeitos da leitura transcenderam a sala de aula e refletiu no convívio familiar. O caminho já foi aberto na vida desse aluno e dos demais de sua sala.

Algumas respostas confirmaram a relevância do tipo de leitura para os alunos que a realizaram; a contribuição dessa leitura para esses alunos tanto na escola, como na família e no seu contexto social. Sobre isso, um aluno respondeu que leitura contribuiu para que ele se conscientizasse a não entrar no círculo vicioso, que é o mundo das drogas e da violência.

Com certeza é uma lição que nenhum conteúdo do currículo poderá ensinar. Foi por meio da leitura, da reflexão, das experiências apresentadas, no decorrer da história, que esse aluno despertou para esse tipo de consciência. E também, da posição subjetiva da professora.

Os alunos ficaram sensibilizados com toda a tragédia que se abateu sobre a família do personagem do livro. Isso levou-os a perceber que, quando a pessoa se envolve naquele tipo de situação, a família toda também acaba se envolvendo. Todos demonstraram repúdio ao uso de drogas.

Todos eles ainda demonstram apego à família e receio de magoá-la. Esse é um ponto positivo. E, também, é uma situação que pode ser fortalecida com as leituras trabalhadas na sala de aula, como foi o caso do livro “O estudante I”, de Adelaide Carrara. Uma aluna achou relevante a leitura, porque lhe esclareceu sobre as outras consequências das drogas.

Muitas vezes as palestras sobre o assunto focam só nos danos físicos. A leitura mostrou aos alunos os danos que afetam toda a estrutura de uma família. Esse é um ponto que ainda toca muito neles. O fato de o aluno citar que a leitura o ajudou a estar mais atento expressa, claramente, que aluno se despertou para uma situação que não está distante da realidade. Sendo assim, o objetivo, com relação a meu trabalho com esse tipo de leitura, foi alcançado.

A escolha dos livros a serem lidos e a forma como foram introduzidas essas leituras fizeram toda a diferença na vida dos alunos e, também, da equipe pedagógica da instituição.

Com os resultados alcançados, foi possível refletir sobre a necessidade de valorizar as diversidades das práticas da leitura e sua abrangência cultural e social. Nesse sentido, é relevante considerar que:

As práticas de leitura são de uma diversidade infinita que suscita inúmeros questionamentos. As maneiras de ler, os lugares de leitura e as circunstâncias que a favorecem são múltiplas e variáveis, são às vezes inesperadas, surpreendentes. As determinações sociais e culturais da leitura são patentes [...] (HORELLOU-LAFARGE e SEGRÉ, 2010, p.147).

Uma vez que uma ação realizada na escola consegue atingir metas positivas, toda a equipe é privilegiada, pois, alunos animados a estudar e conscientes de seu papel na escola e na sociedade tornam o ambiente escolar mais saudável e motivador. É gratificante ver esses meninos sentarem num cantinho na hora do recreio com um livro. É claro que um ou outro, de vez em quando ainda apronta, mas, sabemos que é um trabalho contínuo. Mas, o importante é saber que eu fiz a minha parte, plantei a semente, agora só o tempo mostrará se darão bons frutos.

Petit (2009) questiona “quais são com efeito, os textos que ajudam a viver em tempos difíceis? (PETIT 2009, p.174), os elementos da nossa pesquisa nos apontaram que nesse caso, os textos selecionados contribuíram, consideravelmente, para o êxito da turma do oitavo ano.

No entanto, diante de tudo isso, é conveniente ponderar que:

A privação da leitura interfere no desenvolvimento da personalidade dos alunos. Um sem-leitura é como um sem-terra sem a posse legal da terra em que vive e trabalha. Um aluno sem leitura não compreende os códigos linguísticos e sociais e, o mais grave, não sabe interpretar naquela visão paulofreiriana, a vida em sociedade. Não é à toa que um aluno sem-leitura é rechaçado, triste e deprimido, agressivo e angustiado, potencialmente excluído do convívio social (MARTINS, 2008, p.4/5).

Mesmo diante de tudo isso, no que tange à esta pesquisa, compreendemos que somente as leituras trabalhadas na escola não darão conta de solucionar esses problemas que são de diversas esferas, tais como as políticas, as econômicas etc., mas, elas despertaram esses alunos para um novo jeito de olhar as adversidades e resisti-las, quando lhes for oportuno. Como ressalta Guterra (2015), a leitura deve ser uma ação significativa para seus leitores, construída enquanto necessidade pelos professores que irá persistir até os alunos terem se afastado da escola (GUTERRA, 2015, p.35).

Dessa forma, os alunos não serão englobados como um “sem-leitura”, como cita Martins (2008), e nem mesmo ficarão limitados a apenas um tipo de leitura, pois, uma vez que eles forem

despertados por meio de leituras que estivessem relacionadas ao seu contexto, estarão motivados a buscar outras leituras que lhes forem necessárias para o seu desenvolvimento pessoal e social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ler com a vida assim bem poderia ser uma estratégia para escapar ao conservadorismo imutável da letra [...]”
(YUNES, 2003)

Trabalhar a leitura na escola ainda está longe de ser um desafio vencido. É urgente a necessidade de lançar mão de todas as estratégias possíveis para lidar com essa questão. As escolas das periferias sempre precisarão de um olhar mais amplo, pois, nesses locais, o ambiente escolar muitas vezes funciona como um refúgio para muitas crianças, jovens e adolescentes.

Compreendemos que a escola não pode sanar todos os problemas de ordem social, mas cabe a ela propiciar a seus alunos meios para que eles consigam compreender seu papel na sociedade e contribuir para a sua transformação. Os estudos acerca das contribuições da leitura nos apontaram que ela pode ser uma aliada nessa trajetória, porém, os efeitos dela dependem da maneira como ela é tratada no ambiente escolar e muitas vezes só serão vistos futuramente.

O trabalho com a leitura precisa fazer sentido para o aluno, do contrário, não terá nenhuma contribuição para a vida dele. A nossa pesquisa analisou como a utilização de tipos de leitura que apresentam situações que são familiares aos alunos podem contribuir na quebra do círculo da violência na escola e, também, na formação de leitores permanentes.

Na realidade, principalmente onde realizamos a pesquisa, há uma constante “queda de braço” entre a escola, o mundo da violência e a necessidade de barrar um círculo que tende a crescer e abarcar os alunos que convivem nesses contextos, e isso levou a professora a tomar essas iniciativas. O fato de conviverem em contextos violentos os levava a reproduzir esses comportamentos em sala de aula, e isso transformava a sala e a escola em um ambiente violento e difícil de se trabalhar.

Todas as leituras trabalhadas foram selecionadas, especificamente, para o grupo de alunos com o qual ela trabalhava. Essa atitude foi tomada com intuito de incluir os alunos para uma cultura leitora e levá-los a refletir sobre seus contextos, afastando-os do círculo da violência e, a partir disso, amenizar os conflitos em sala de aula.

A abordagem teórica a respeito da leitura e da formação de leitores teve sua relevância no decorrer da pesquisa, pois, conforme as concepções de pesquisadores conceituados ficou clara a importância de se trabalhar a leitura em todas as fases desde a infância até a idade adulta. O que nos ficou evidente, também, foi que, para formar leitores, é preciso considerar seus gostos, seu contexto, suas experiências, ou seja, a leitura não pode ser imposta.

Todo esse arcabouço teórico nos levou a compreender que a leitura não se reduz apenas ao ato de decifrar códigos, porém esse ato, também faz-se importante nesse processo. E, para que a prática da leitura se concretize, de fato, é preciso uma atenção especial aos interesses dos alunos, pois, há leituras que afastam o leitor por não representarem nada para eles.

Como já frisamos anteriormente, este trabalho não teve o intuito de fechar as possibilidades de leituras dos alunos, ou rotular qualquer tipo de texto. O intuito foi priorizar, em um primeiro momento, o contexto social e cultural em que eles estão inseridos, preparando o “terreno” para formar leitores permanentes e, nesse caso específico, além de quebrar esse círculo de violência vivido por eles, pretendeu-se formar leitores críticos que saibam lidar com as questões de violência nas quais estão inseridos para não transformar a escola numa extensão desses conflitos.

Constatamos, a partir da análise dos relatos dessa experiência, que os tipos de leitura trabalhados podem não ter erradicado em definitivo e total o problema da violência na escola pesquisada, mas surtiram um grande efeito nos alunos da turma selecionada. Os alunos passaram a refletir sobre sua situação familiar e social, pensando antes de agir, e até mesmo, tentando compreender os colegas, ou seja, buscando o diálogo em vez do atrito ou de atitudes violentas.

Debater a leitura como transformação social nos levou a olhá-la de forma mais profunda, não como solução para todos os problemas da sociedade, mas para compreender que seus efeitos também reverberam fora dos muros da escola. Os questionamentos sobre as leituras realizadas produziram respostas que vão ao encontro às expectativas que foram almejadas, levando à conclusão de que as leituras contribuíram para despertar nos alunos o desejo de não fazerem parte de um círculo de violência e planejarem outras metas para suas vidas.

Discorrer sobre as leituras no âmbito federal, estadual e municipal nos apontou que, de forma geral, todas essas esferas compreendem a importância da leitura no processo de formação do cidadão, e a leitura se constitui como um direito garantido. No entanto, o que faz a diferença em todo esse trajeto é a postura dos profissionais responsáveis pela formação de leitores. “A priori”, referimo-nos à escola, mais especificamente ao professor, pois este é responsável por pensar em estratégias que contribuam para a formação de leitores permanentes e conscientes.

O procedimento de análise nos trouxe elementos que comprovaram que a violência vivenciada pelos alunos era um fator que contribuía para gerar determinados tipos de comportamentos na sala de aula e nas dependências da escola. Constatamos, ainda, que os alunos se identificaram com as leituras, em alguns momentos se viram refletidos em algumas histórias e, com isso, relataram que precisariam mudar sua postura.

Os resultados do trabalho com os tipos de leituras selecionados foram positivos. Isso pode ser constatado mediante os relatos das enunciações dos alunos sobre sua mudança no modo de lidar com sua família, com os amigos. Os relatos no caderno de ocorrência diminuíram. Acontecendo até de ter dias em que não havia nenhum relato de indisciplina na sala. Ou seja, os alunos estavam mais atentos e menos violentos. Alguns professores ficaram impressionados, porque, raramente, precisavam usar o caderno de ocorrência. E as ocorrências que faziam se tratavam de alunos que esqueciam de realizar a tarefa de casa, ou que tinha sido levado à coordenação por motivo de saúde.

Os relatos sobre o filme assistido em sala impulsionaram o desenvolvimento da pesquisa, pois, a partir dali, os alunos já apresentaram uma disposição à colaborar com as outras atividades e curiosidades acerca das próximas leituras. O conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, trabalhou de forma específica a questão do relacionamento com a mãe, pois a maioria dos alunos convivia mais com a mãe. Conforme explicitamos anteriormente, muitos alunos não contavam com a figura do pai, pois, em muitos casos ele estava encarcerado, ou simplesmente não assumia uma postura de protetor, de provedor ou de companheiro das respectivas famílias.

A leitura do livro “Quarto de despejo, diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, tratou de assuntos relacionados à condição social. A situação retratada no livro levou muitos alunos a refletirem sobre sua própria condição social. Infelizmente, além de conviverem em contextos violentos, ainda convivem com a falta de elementos que lhes deem o mínimo de dignidade. A narrativa reflete a vida na periferia, em muitos casos, a falta de alguns quesitos básicos de sobrevivência contribui para alguns adolescentes ou jovens agirem de forma hostil ou procurarem inserir-se em grupos que procuram um escape usando a violência como meio.

Não se trata de justificar atitudes ilícitas como roubo, furtos, assaltos ou outros tipos de violência, porém, essa é uma realidade vivida por muitos alunos, mas poucos a compreendem. Essa leitura contribuiu para os alunos refletirem e sentirem que podem mudar sua realidade e que têm outras opções de escape, ou melhor, de sobrevivência na sociedade. Os alunos perceberam que, assim como Carolina Maria de Jesus, também podem mudar sua realidade por meio da leitura.

A leitura do livro “O estudante I”, de Adelaide Carraro, tocou em um assunto muito delicado e, talvez, um dos mais graves enfrentados pela escola: o uso de drogas ilícitas. Muitos alunos estavam apresentando comportamento diferente. De acordo com relatos deles mesmos, já estavam se encantando com as drogas ilícitas. Porém, a leitura veio em momento propício, a tempo de romper esse círculo e esclarecer por meio da trágica narrativa apresentada no livro, o

quanto as drogas destroem não só o corpo e a mente, mas também a família por completo. Alguns alunos compreenderam que aquele não era o melhor caminho e tiveram tempo de romper determinados vínculos.

Todas as leituras selecionadas pela professora trabalharam um ponto crítico, ou um ponto que pudesse influenciar os alunos a optarem por se inserir em grupos que estivessem relacionados a algum tipo de violência. O trabalho foi feito respeitando as peculiaridades de cada aluno, sem intenção de rotular, excluir ou desvalorizar as famílias, os bairros ou os espaços que eles frequentam. A constatação de que este trabalho foi exitoso está explícita nos relatos dos professores que receberam esses alunos no nono ano do ensino fundamental, no ano escolar após o trabalho que realizamos.

O índice de aprovação dessa turma de oitavo ano para o nono ano foi positivo. De acordo com relatos da orientadora educacional e de professores atuais desses alunos, foi perceptível um maior interesse pelas atividades, e o não envolvimento em questões de violência na sala ou no ambiente escolar. Os casos que são relatados, agora, são, de acordo com os profissionais citados anteriormente, “próprios dessa idade”.

Dessa forma, ficou evidente que o trabalho com os tipos de leitura, que estão mais próximas da realidade dos alunos, considerando nosso engajamento, contribuíram para quebrar o círculo de violência no qual eles estavam próximos. E esse tipo de estratégia é relevante para formação de leitores permanentes, pois, optar por um tipo de leitura que realmente os interessa, abre caminho para outros gêneros, outras leituras que antes não lhes eram atrativas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas: versão resumida et alii**-Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto Airton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.
- ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção à violência nas escolas: violências nas escolas**. FLACSO Brasil, 2002.
- ALVES, Ediane Ferroni; CHEROBINI; Fernanda Ruviaro; MEDEIROS Juliana Righi; BRUM Luciane da Silveira; ALVES² Tainá Bianchin. **O desafio de sensibilizar alunos do ensino médio à prática de leitura**. Revista Ao pé da Letra – Volume 13.1 – 2011.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. Ática. São Paulo, 1987.
- BRASIL. **Plano Nacional de Leitura e Escrita (PNLE)**, (2018). Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 25 de novembro de 2018.
- BRASIL. **Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)**, (2006). Disponível em: portal.mec.gov.br. Acesso em: 26 de novembro de 2018.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular BNCC ensino fundamental**, (2017). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ensino-fundamental>. Acesso em 26 de novembro de 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Nº 9394/96**. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em 10 de agosto de 2018.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: 1988**. Brasília. Disponível em www.planalto.gov.br/constituicao. Acesso em 20 de novembro de 2018.
- BRITO, Danielle Santos de. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. In: **Periódico de Divulgação Científica da FALS**. Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010.
- CAFIEIRO, Delaine. ROCHA, Gladys. In: **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2ª ed. Autêntica editora. Ceale, 2009. Belo Horizonte. MG.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Ouro sobre azul. 6ª edição. Rio de Janeiro, 2017.
- CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo. Pearson Prentice Hall, 2007.
- CINTRA, Anna Maria Marques, PASSARELLI, Lílian Chiuro. **Funções sociais da leitura**. In: **Leitura e produção de textos**. São Paulo. SP. 2011.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Ed. UNESP. São Paulo [1998]. (1945).
- COLÉGIO ESTADUAL CAMPOS BRASIL. **Projeto Político Pedagógico**. 2018.

- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. Editora Global. 2007.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** editora UFMG. Belo Horizonte. 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo. Contexto, 2006.
- DAUSTER, Tania. **Jogos de inclusão e exclusão social**. In: A experiência da leitura. Edições Loyola. São Paulo. 2003.
- FAZENDA, Ivani A. **Interdisciplinaridade: Qual o sentido?** São Paulo: Paullus, 2003.
_____. **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo. Cortez, 2008.
_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo. 2011 Edições Loyola. 6ª edição.
- FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante: Instituto Pró-Livro, 2016.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREITAS, Maria Teresa Assunção. **No discurso de adolescentes, as práticas de leitura e escrita na escola**. In: A experiência da leitura. Edições Loyola. São Paulo. 2003.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio AUGUSTO Gomes. **A leitura na escola primária brasileira; alguns elementos históricos**. Presença Pedagógica. Belo Horizonte. n. 24, v. 4. Dimensão, nov./dez. 1998.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre. Artmed, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. Editora Atlas S.A. São Paulo. 2008.
- GUTERRA, Ana Lúcia Rodrigues. **Literatura, Violência e ensino: uma proposta de prática de leitura comparada para o ensino médio**. 2015. Disponível em: <http://fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertação/dis-87>. Acesso em: 05-05-2019.
- HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Ateliê Editorial. Cotia. São Paulo. 2010.
- JOUBE, Vicent. **A leitura**. São Paulo. Editora UNESP, 2002.
_____. **Por que estudar literatura?** São Paulo. Parábola. 2012.
- KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas. São Paulo. ed. Pontes. 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. São Paulo; Ática, 1993.
_____. **Olhos d'água, de Conceição Evaristo, 2016**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro>.

- LEAHY, Cyana. *A leitura e o leitor integral: lendo na biblioteca da escola*. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.
- LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzato, 1996.
- LIBANEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?* 6. ed. São Paulo: Landy, 2002.
- LOPES, Janine Ramos. **Caderno do educador: Alfabetização e Letramento 1**. 2ª edição. Ministério da educação, Secretaria de educação continuada, Alfabetização e diversidade. Brasília-DF. 2010. (PROGRAMA ESCOLA ATIVA).
- LOPES, Elisangela. *Denúncia e reflexão no quarto de despejo*, 2018. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro>.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo. Editora brasiliense. 2006.
- MARTINS, Vicente. **Como a leitura diminui a violência na escola**, 2008. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras>. Article. Acesso em: 04/05/2019.
- MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 2ª ed. Civilização brasileira, 2013. Rio de Janeiro. RJ.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Artur Bueno e Camila Boldrini. Ed. 34, 2009. São Paulo-SP.
- _____. Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Trad.. Celina Olga de Souza. ed. 34, 2013. São Paulo. SP.
- ROLIM, Marcos. **Mais educação, menos violência: caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas nos fins de semana**. UNESCO, Fundação Vale. Brasília, 2008.
- SECRETARIA DO ESTADO DO TOCANTINS-SEDUC-TO. **Programa Vamos Ler!** 2015. Acesso em: 16 de setembro de 2018.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. Ed. Ática. São Paulo. 2002.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leituras literária & outras leituras- Impasses e alternativas no trabalho do professores**. RHJ Belo Horizonte. 2009.
- SILVA, Antônio Adailton. MELO, Márcio Araujo. ALMEIDA, Núbia Régia de. **As leituras da bibliotecária de Auschwitz**. In: **REVELL**, v. 3, n.17. Nov. 2017.
- SIQUEIRA, Aline Cardoso; ALVES, Cássia Ferrazza, LEÃO, Flávia Elso. **Enfrentando a violência: a percepção de profissionais da educação sobre a violação dos direitos de crianças e adolescentes**. In: Educação, Santa Maria.v.37, n.2, p.365-380, maio/ago. 2012.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3ª edição. Autêntica editora. Belo Horizonte MG. 2012.

_____. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 17ª ed. Editora Ática. 2002. São Paulo. SP.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto alegre: Artes médicas, 1998.

VEIGA, Ilma. Passos da. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva.** Campinas: Papirus, 1998. p. 11-35.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs). **A experiência da leitura.** Edições Loyola, 2003. São Paulo. SP.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados.** Aymar. Curitiba. 2009.

_____. **Pelo Averso: A leitura e o leitor**". Letras, Curitiba, n.44, p.185-196.1995.

_____. **Pensar a leitura: complexidade.** Ed. PUC-Rio. Rio de Janeiro. Loyola. São Paulo.2002.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). **Leitura – perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 2002.

APÊNDICES

Professor: [REDACTED] 82.04 Disciplina: Língua Portuguesa

Plano de aula: Fortalecimento na aprendizagem

Objetivos: Despertar no aluno o prazer que a leitura pode proporcionar; Desenvolver a postura de leitor e ouvinte. Incentivar a leitura e a imersão no que foi lido.

	17/03 a 20/03	17/03 a 20/03
Disciplina	Português	Português
Conteúdo	Leitura e interpretação	Leitura e interpretação
Metodologias	Leitura do conto: olhos d'água de Conceição Evaristo.	Questionário relacionado com a leitura do conto olhos d'água de Conceição Evaristo. Leitura em sala.
Recursos	Xerox do conto Quadro	Xerox do conto Quadro
Avaliação	AVALIAÇÃO CONTÍNUA OBSERVANDO OS AVANÇOS E DIFICULDADES DOS ALUNOS.	AVALIAÇÃO CONTÍNUA OBSERVANDO OS AVANÇOS E DIFICULDADES DOS ALUNOS.
Observação		

Coordenador pedagógico.....

diretor.....

PLANO DE AULA

Professor: _____

Disciplina: LínguaPortuguesaPlano de aula: 2018

Série: 82.04

Conteúdo	Gênero entrevista/ Gênero propaganda / aposto e vocativo	
	Realinhamento de conteúdo: Leitura	
Objetivo	Conhecer a finalidade dos gêneros entrevista e propaganda.	
	Trabalhar ortografia.	
	Trabalhar a leitura, para quebrar o círculo de violência na escola, e com isso, incentivar os alunos a serem leitores permanentes.	
Metodologias	Aula expositiva; Exercícios no lousa; Correção dos exercícios; Leitura em aula; Leitura na biblioteca.	Debates ; Compreensão e interpretação.
	XEROX; VÍDEOS (TV); LIVRO DIDÁTICO; LEITURAS EXTRACLASSE;	QUADRO; PINCEL; DATA SHOW;
Avaliação	ATIVIDADE DE FIXAÇÃO; ASSIDUIDADE E PARTICIPAÇÃO ATIVIDADE CONTÍNUA; AVALIAÇÃO BIMESTRAL; SEMINÁRIOS; ASSIDUIDADE NA ENTREGA DAS ATIVIDADES; PESQUISAS EXTRACLASSE.	
Observação		

Nesse bimestre iremos trabalhar duas leituras, uma acontecerá todas as terças, iremos ler o livro de Carolina Maria de Jesus “Quarto de Despejo”. E a outra leitura eles irão realizar em suas casas, os livros escolhidos para a segunda leitura, foram clássicos literários. Para analisarmos o amadurecimento e a compreensão dos mesmo em relação à leitura.

Todas as terças, na sala de aula, realizamos a leitura do livro de Carolina Maria de Jesus, está sendo um momento muito gratificante, eles estão participando e concentrados, isso só está sendo possível, porque a escola comprou 30 livros e cada um fica com um exemplar na hora da leitura. Os mesmos, relatam a cada momento sobre a leitura, quando a autora personagem falou do alcoolismo, muitos ficaram pensativos, pois a metade da turma tem parentes ou pais alcoólatras, quando chegamos no capítulo onde ela relata da dificuldade em conseguir comida para ela e para os filhos no inverno, muitos refletiram sobre a dificuldade que os responsáveis enfrentam para conseguir trazer alimentação para casa, alguns falaram que não irão mais reclamar da alimentação que os pais oferecem.

Na segunda leitura, convidamos os alunos, para irem à biblioteca, para os mesmo escolherem o seu livro literário. Eles ficaram assustados com essa nova leitura, reclamaram, acharam chato, “o livro é grande professora”, “eu não entendo essa linguagem”. Falhamos na escolha dos livros de poesia, não olhamos a linguagem abordado, pois traz um vocabulário muito culto e com algumas palavras em desuso. Com muito diálogo, eu foi convencendo eles a tentarem, a começarem a ler. Pedi que eles trouxessem o livro na quinta feira, então, coloquei as meninas no pátio para ler e fiquei com os meninos na sala, pedi que eles ficassem a vontade para iniciar a leitura e deu certo, agora vamos esperar o momento da socialização para analisarmos se eles concluíram a leitura.

COLÉGIO XXXXXXXXXX

ALUNO (A): _____

DATA: ____ / ____ / ____ SÉRIE: _____

ESTUDO DO CONTO: OLHOS D'ÁGUA Autora: Conceição Evaristo

1-Por que a personagem do conto não conseguia lembrar a cor dos olhos de sua mãe?

2-Como foi a infância da personagem ao lado da mãe?

3-Como é sua convivência com sua mãe?

4-Você já 'parou para observar a cor dos olhos da sua mãe? Como são os olhos de sua mãe? (o que você sente quando olha nos olhos da sua mãe tristeza, alegria, esperança...).

5-Como é sua mãe? Descreva as características físicas e psicológicas. (O jeito dela agir, falar etc.).

6-Você conhece a história da sua mãe? Conte algo que você admira na história de vida da sua mãe?

7-Na sua opinião, por que há tantos casos de filhos que não respeitam suas mães? Por que isso acontece?

8-Você está satisfeito com o jeito que trata sua mãe? Se tivesse que mudar algo no jeito de trata-la o que mudaria?

9-Você gostou do conto? Sim () não (). Gostaria de ler outros contos como esse?

10- O que você aprendeu com esse conto que pode ajudar no seu relacionamento com sua mãe?

11-Escreva qualquer coisa que quiser sobre o conto que você leu:

Colégio Estadual XXXXXXXXXX	DISCIPLINA LING. PORTUGUESA	BIMESTRE
ALUNO(A)	TURMA	SÉRIE 8º ano
PROFESSOR(A)	DATA	VALOR
		NOTA

Reflexões sobre o livro: **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, de Carolina Maria de Jesus

1- *“Levantei de manhã e fui buscar água. Discutir com o esposo da Silvia porque ele não queria deixar eu encher minhas latas.”*

Algumas vezes, a narradora personagem, relatava a sua luta diária em buscar água, como ela se sentia, quando precisava buscar água?

2- Por que Caroline começou a escrever?

3- A leitura desse livro te ajudou a refletir sobre algum acontecimento da sua vida?

4- O que você achou mais interessante no livro?

5- Você gostaria de ler mais leituras assim? Justifique sua resposta.

6- Sobre o livro **“Quarto de despejo: diário de uma favelada”**, por que ele traz este título?

7-Relate sobre algumas semelhanças que você identificou entre a vida de Carolina e a vida das pessoas que moram no mesmo bairro que você.

8-Você acredita que a leitura contribuiu para a mudança de vida de Carolina?

9- O espaço abaixo é para você escrever de forma livre, suas considerações sobre a leitura do livro.

Obs.: as respostas dessa atividade serão socializadas em sala de aula. Além das suas respostas, abriremos espaço para outras considerações que não foram contempladas nas questões propostas.

Colégio Estadual [REDACTED]		DISCIPLINA LÍNGUA PORTUGUESA		BIMESTRE [REDACTED]
ALUNO(A) [REDACTED]		SÉRIE 8º	TURMA [REDACTED]	NOTA [REDACTED]
PROFESSOR(A) [REDACTED]		DATA [REDACTED]		VALOR [REDACTED]

ATIVIDADE DE LEITURA

- | | |
|------------------------------|---------------------------------|
| 1. Título do livro:
_____ | 3. Edição (nº): _____ |
| 2. Nome do autor:
_____ | 4. Ano da edição: _____ |
| | 5. Editora: _____ |
| | 6. Nome do ilustrador:
_____ |

Questões:

1. Quem são as personagens principais da história e os nomes de seus pais? Como vivem?

2. Como foram os primeiros anos de escola dos irmãos Mascarenhas?

3. Como era o caráter do irmão mais velho? Qual sua principal qualidade, na sua opinião?

4. E sobre o mais novo? Como ele era? Como era a convivência dele com o irmão?

5. O que significa a expressão "Eu sou seu amigo"? Como surgiu?

6. Cite algumas das realizações do "Eu sou seu amigo".

7. Como a família Lopes Mascarenhas encontrou Rosana?

8. Qual fato deu início a parte negra do livro? Que personagem estava envolvido no aparecimento desse drama?

9. Como o irmão mais novo percebeu que o outro estava viciado em drogas?

10. A quem o caçula pediu ajuda para tentar afastar o irmão do vício? O que houve com essa personagem depois?

11. De que modo os pais reagiram nas diferentes ocasiões em que souberam que tinham um filho viciado?

12. O que houve com Renato desde que seus pais souberam no que estava envolvido?

13. Como foi o desfecho da história? Você mudaria algo? Explique.

14. Por que o livro está dividido em parte azul e parte preta?

15. O que você achou da história? Lê-la lhe ajudou em algo? Porquê?

Professor: [REDACTED] Série: 82.01/82.-2/82.03/82.04 Disciplina: Língua Portuguesa

Plano de aula: 16/03/2018 à 31/03/2018

Habilidades: Reconhecer o papel contextual e o papel complementar de elementos não linguísticos para conferir significação aos textos (gesto, postura, entonação de voz). Expressar opinião de forma clara, ordenada e objetiva, adequando a linguagem a situação comunicativa e intencionalidade. - Adequar a fala às inúmeras situações comunicativas, com clareza e objetividade. Compreender a leitura buscando informações, significados das palavras no texto. Ler em voz alta, diferentes gêneros textuais.

	15/02 à 19/02	19/02 e 21/02	21/02 e 23/02	26/02	27/02
Disciplina Conteúdo	Português Leituras de livros Literários	Português Leituras de livros Literários	Português Leituras de livros Literários	Português Casos gerais de concordância verbal e nominal	Português Casos gerais de concordância verbal e nominal
Metodologias	1-Trabalhar o filme: Mãos talentosas, a história de Ben Carson (Exibição do compacto do filme, em seguida aplicação do questionário sobre o mesmo)	2-Exposição de forma dinâmica um livro lido pela professora. Leitura de escolha pessoal e Leitura de revisão. • Releitura. • Visita à biblioteca	3-Aplicação do questionário sobre gostos e expectativas dos alunos sobre LEITURA.	Aula expositiva Exercícios de fixação	Aula expositiva Correção dos exercícios
Recursos	TV Xerox Quadro	Livro literário Xerox Quadro	Pincel Xerox Quadro	Quadro Pincel	Quadro Pincel
Avaliação	AVALIAÇÃO CONTÍNUA OBSERVANDO OS AVANÇOS E DIFICULDADES DOS ALUNOS.	O PROCESSO DE AVALIAÇÃO SERÁ CONTÍNUO, CONTEMPLANDO E RESPEITANDO AS NECESSIDADES DE CADA EDUCANDO. OBSERVANDO A RESOLUÇÃO DAS ATIVIDADES.	O PROCESSO DE AVALIAÇÃO SERÁ CONTÍNUO, CONTEMPLANDO E RESPEITANDO AS ESPECIFICIDADES E NECESSIDADES DE CADA EDUCANDO. OBSERVANDO A RESOLUÇÃO DAS ATIVIDADES.	AVALIAÇÃO CONTÍNUA OBSERVANDO OS AVANÇOS E DIFICULDADES DOS ALUNOS.	AVALIAÇÃO CONTÍNUA OBSERVANDO OS AVANÇOS E DIFICULDADES DOS ALUNOS.
Observação					

Coordenador pedagógico.....

diretor.....